



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

**SOCIEDADE PHARMACEUTICA**  
**LUSITANA**

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.  
PROP.—Lib. 4, Eleg. 10.

**NONA SERIE—ANNO DE 1885—TOMO I**



**LISBOA**  
**TYPOGRAPHIA DA VIUVA SOUSA NEVES**  
**65, Rua da Atalala, 67**  
**1885**

COMISSÃO DE REDACÇÃO

**José Ribeiro Guimarães Drack**, director

**Alfredo da Silva Machado**, sub-director

**José Tedeschi**

**Emilio Fragoso**

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL  
DA  
SOCIEDADE PHARMACEUTICA  
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 26 DE JUNHO — Presidencia do Sr. DRACK, 1.º vice-presidente

Abertura da sessão ás oito e meia da noite.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o sr. 1.º secretario leu a seguinte *correspondencia* :

*Officios* : Da Procuradoria Regia, convidando a mesa da sociedade a assistir no dia 18 d'aquelle mez á commu-nhão dos menores detidos na Casa da Correção.—Agra-decido.

Do sr. *Sousa e Silva*, agradecendo por escripto os obse-quiios recebidos durante a sua doença, visto a sua con-valescença não lhe permittir vir já assistir ás sessões.—Inteirada.

Do sr. *Macedo Ferraz*, referindo-se ao *Elucidario* do sr. S. Machado, e pedindo á Sociedade que não deixe de consi-gnar em alguma das actas das sessões um voto de louvor áquelle digno socio.

Do sr. *Pasteur*, presidente do comité constituido pela academia franceza e pelas principaes academias e socieda-des scientificas da França, convidando a Sociedade a tomar parte na subscripção que se acha aberta no palacio do Ins-

título para erigir em Alais (cidade natal de Jean-Baptiste-Dumas) uma estatua em honra d'este chimico universal.

Por proposta do sr. *Correia* foi enviado á commissão de direito pharmaceutico o officio do sr. Macedo Ferraz.

Sobre o officio do sr. *Pasteur* fallaram varios socios, pondo em relevo os importantes serviços prestados á chimica pelo fallecido professor Dumas; propondo o sr. *Correia* que o officio fosse dirigido ao conselho administrativo, para sobre a opinião d'este se tomar qualquer resolução. —Approvedo.

O sr. *E. Fragoso*, propoz que, independentemente de qualquer quantia com que a Sociedade resolvesse subscrever, se abrisse uma subscrição no jornal para os socios que individualmente quizessem concorrer á subscrição. — Não foi approvedo.

O sr. *Rosa* agradeceu a sua admissão para socio effectivo.

O sr. *Machado* perguntou em que estado estavam os trabalhos da commissão encarregada de promover a exposição pharmaceutica para celebrar o quinquagesimo anno da fundação da Sociedade.

O sr. *Fragoso*, por parte da commissão, expoz as difficuldades que esta encontrára ao encetar os seus trabalhos, sendo a principal e mais lamentavel, a indifferença dos socios que pela sua posição commercial e industrial podiam concorrer para a realisação de tão util e levantado empreendimento, o que tinha levado a commissão a não dar seguimento aos seus trabalhos.

O sr. *vice-presidente* corroborou o que tinha sido exposto pelo sr. *Fragoso*, sentindo ver realisada a sua prophécia, tanto mais que se tinha dado á publicidade uma idéa, para a realisação da qual não se tinham obtido dados seguros.

Fallaram mais alguns socios sobre o mesmo assumpto.

O sr. *Cunha*, referindo-se a umas analyses de diversas especialidades pharmaceuticas francezas, feitas pela junta central de hygiene publica do Rio de Janeiro, propoz que a Sociedade mandasse publicar o resultado das referidas analyses no jornal, e auctorisasse a despesa com a mesma



publicação em outros jornaes, tanto scientificos como politicos.

O sr. *Fragoso* propoz que a publicação no jornal se fizesse, só depois de as analyses serem repetidas pela Sociedade, abonando a sua proposta com varios argumentos.

Depois de mais discussão, foi resolvido que a mesa escolhesse os jornaes onde se devia reproduzir o artigo em questão; e não havendo mais nada a tratar, o sr. vice-presidente encerrou a sessão, eram dez horas e meia.

O socio effectivo, servindo de segundo secretario, *Antonio Simões Terceiro*.

SESSÃO DE 9 DE JULHO—Presidência do sr. *Drack*, 1.º vice-presidente

Abertura da sessão ás oito horas e meia da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente, tendo o sr. *Francisco João Rosa* pedido que se consignasse na mesma acta as explicações que elle dera a proposito das arrematações de medicamentos, e apresentado uma proposta sobre o assumpto, que ficou para segunda leitura.

O sr. *Corrêa* pediu que se consignasse na acta um voto de congratulação por sairem eleitos deputados os srs. dr. *Alves*, *Pedro Franco* e *Marianno de Carvalho*.

Para ordem da noite estava dado um parecer da *comissão de direito pharmaceutico*, mas não se discutiu por não estar presente nenhum dos membros que o subscreveu.

O sr. *Drack* apresentou, por parte d'uma comissão especial, o parecer sobre o livro intitulado *Elucidario aos ensaios das substancias da pharmacopêa portugueza*.

Entrando em discussão, a pedido do sr. *Coelho de Jesus*, usaram da palavra os srs. dr. *Alves*, *Corrêa*, e *Drack*, sendo em seguida approvado.

Elegeu-se a comissão revisora de contas, saindo eleitos os srs. *Francisco João Rosa*, *Coelho de Jesus*, e *José Augusto Pancada*.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram 10 horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 12 D'AGOSTO—Presidencia do sr. DRACK, 1.º vice-presidente

Abertura da sessão ás nove horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. Urbano da Veiga em officio declorou que foi encarregado pelo sr. dr. Sousa Martins, de enviar para a bibliotheca da *Sociedade* o exemplar da *Pharmacopéa Portugueza* que a commissão que a redigira, offerecera em 1876 ao fallecido Antonio Rodrigues Sampaio, cuja neta e herdeira agora o offerece.

Deliberou-se agradecer por officio á offerente e ao sr. Sousa Martins.

Por parte da commissão revisora de contas foi lido o respectivo parecer, que concluiu por approvar as contas do anno economico de 1883 a 1884, e por conceder um voto de louvor ao conselho administrativo pelo desempenho das suas funcções no referido periodo.

Foram approvadas as conclusões do parecer e, por proposta do sr. *Corréa*, foi deliberado lançar um voto de agradecimento á commissão.

### Ordem da noite

Eleições para os diferentes cargos

Procedeu-se ao escrutinio com as formalidades legais e saíram eleitos:

*Presidente*, Commendador José Tedeschi; 1.º *Vice-presidente*, José Ribeiro Guimarães Drack; 2.º *Vice-presidente*, Manuel Vicente de Jesus; 1.º *Secretario*, Alfredo da Silva Machado; 2.º *Secretario*, Emilio Fragoso; 1.º *Vice-secretario*, Joaquim Simões Serra; 2.º *Vice-secretario*, Antonio Augusto d'Ascenção; *Thesoureiro*, José Pereira Rodrigues; *Vice-thesoureiro*, Antonio Joaquim Pinto; *Bibliothecario archivista*, Francisco João Rosa; *Vice-bibliothecario archivista*, Antonio Simões Terceiro.

O sr. *Estanislau da Silva* propoz que as commissões permanentes fossem reconduzidas.—Posta á votação a proposta, foi approvada por unanimidade.

## COMISSÃO DE SAUDE PUBLICA

Dr. José Thomaz de Sousa Martins, José Mendes d'Assumpção, Augusto Ribeiro dos Santos Viegas, Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras.

## COMISSÃO DE PHARMACIA

Manuel Vicente de Jesus Abrantes, José Gomes de Mattos, Pedro Fernandes da Cunha, Miguel Barbosa da Costa.

## COMISSÃO DE CHIMICA

Dr. Joaquim José Alves, José Ribeiro Guimarães Drack, Alfredo da Silva Machado, Emilio Fragoso.

## COMISSÃO DE PHYSICA

José Dionysio Corrêa, Manuel Vicente de Jesus, José Antonio d'Oliveira, Antonio Augusto d'Ascensão.

## COMISSÃO DE HISTORIA NATURAL

José Mendes Jara, Antonio Joaquim Pinto Junior, Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles, José Ferreira da Silva.

## COMISSÃO DE DIREITO PHARMACEUTICO

Commendador José Tedeschi, Augusto d'Oliveira Abreu, Francisco João Rosa, Francisco José Malato.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—  
O segundo secretario *Emilio Fragoso*.

## CHIMICA

## Aguas chloretadas da Amieira

O nosso consocio, o sr. Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos no laboratorio chimico da faculdade de philosophia da universidade de Coimbra, acaba de proceder á analyse das aguas mineraes da Amieira, para cuja exploração está já organisada uma companhia com séde n'esta capital.

Eis os resultados colhidos pelo illustre chimico.

Temperatura, 27<sup>co</sup>; composição chimica, por litro :

Nona serie—Anno de 1885.

Sulphato de potassio .....	0,8 <sup>r</sup> 02472
Sulphato de sodio.....	0,8 <sup>r</sup> 04250
Chloreto de sodio.....	0,8 <sup>r</sup> 42812
Chloreto de magnésio .....	0,8 <sup>r</sup> 08150
Carbonato de magnésio.....	0,8 <sup>r</sup> 02331
Carbonato de calcio.....	0,8 <sup>r</sup> 15857
Sylica .....	0,8 <sup>r</sup> 01475

O sr. S. Silva collocou estas aguas no grupo das *chlore-tadas*. Para completar a analyse resta determinar o ferro e outros elementos, que só existem em pequena quantidade e que falta procurar, bem como falta verificar se a cal existe toda no estado de carbonato, ou tambem no estado de sulphato, etc., etc.

Estas investigações podem alterar apenas em centesimas os algarismos precedentes.

Logo que a analyse quantitativa se ache completa em todas as suas partes e seja publicada, fal-a-hemos conhecida dos nossos leitores.

D.

### **Dosagem do acido acetico no vinho**

PELO SR. LANDMANN

Para acelerar a separação do acido acetico do vinho no acto da distillação, recommenda o sr. Landmann dirigir uma corrente de vapor d'agua para o liquido em ebullicão. Assim, empregando 50<sup>o</sup> de liquido distillado, tem-se a certeza de haver obtido a totalidade dos acidos do vinho.

D.

### **INTERESSES PROFISSIONAES**

#### **Congresso internacional pharmaceutico**

O 6.<sup>o</sup> congresso internacional pharmaceutico reunir-se-ha em Bruxellas de 31 de agosto a 6 de setembro proximos, sob a alta protecção do rei dos belgas, tendo por presidente honorario o ministro de instrucção publica da Bel-

gica e por vice-presidente, tambem honorario, o burgo-  
mestre da cidade de Bruxellas, e sendo patrocinado pelos  
membros mais considerados da classe pharmaceutica dos  
diversos paizes.

Para conhecimento dos membros da sociedade pharma-  
ceutica lusitana, publicamos o

### Regulamento geral do congresso

#### FINS DO CONGRESSO

Artigo 1.º O 6.º congresso internacional pharmaceutico  
reunir-se-ha em Bruxellas de 31 de agosto a 6 de setem-  
bro de 1885.

Art. 2.º O congresso tem por fim proseguir a obra co-  
meçada em 1865, em Brunswick; continuada em 1867, em  
Paris; em 1869, em Vienna; em 1874, em São Petersburgo,  
e em 1881, em Londres.

O congresso poderá discutir todas as questões que di-  
gam respeito á profissão pharmaceutica, ao progresso das  
sciencias pharmaceuticas e sua applicação á hygiene. Afas-  
tará de seus trabalhos tudo o que é estranho a estas ma-  
terias.

Os governos, as academias, as universidades, as escolas  
de pharmacia, as sociedades de pharmacia, de chimica, de  
hygiene, etc. são convidadas a prestar o seu concurso a  
esta obra e a representar-se ahi por delegados.

#### TRABALHOS DO CONGRESSO

Art. 3.º O congresso agrupará em quatro secções todas  
as questões que lhe forem submettidas pelas sociedades  
de pharmacia ou pelos adherentes, a saber:

- a) Questões profissionaes;
- b) Questões de pharmacia theorica ou pratica;
- c) Questões de chimica nas suas relações com a hygiene  
e a salubridade publica;
- d) Questões relativas á chimica geral ou applicada, bio-  
logica ou legal.

Art. 4.º Quatro questões serão submettidas pela com-

missão de organização ás deliberações para ser discutidas em sessões plenarias; estas questões são :

1.º Exame de um projecto de pharmacopéa internacional elaborado pela commissão por occasião do ultimo congresso de Londres ;

2.º O ensino pharmaceutico — quaes devem ser os conhecimentos previos aos estudos pharmaceuticos, os estudos pharmaceuticos scientificos; as applicações profissionais ;

3.º Falsificações dos generos alimenticios — legislação, serviço administrativo, etc. ;

4.º As aguas alimentares — quaes são os caracteres das aguas alimentares ; quaes são os melhores processos praticos a recommendar no estado actual da sciencia, para a verificação d'esses caracteres.

Art. 5.º O congresso procurará attingir o seu fim por meio : a) de discussões em assembléas ; b) da publicação de seus trabalhos ; c) de conferencias ou demonstrações experimentaes, que poderão ser organisadas durante o tempo do congresso.

SESSÕES

Art. 6.º O congresso durará seis dias. Haverá duas sessões por dia. As manhãs serão consagradas ás reuniões das secções, as tardes ás assembléas plenarias.

Art. 7.º Independentemente das sessões das secções e das assembléas geraes, haverá duas reuniões especiaes; uma de abertura, outra de encerramento. Na primeira, a commissão de organização tratará da eleição da mesa definitiva do congresso e das mesas das secções; na segunda, dar-se-ha conta de todos os trabalhos concluidos.

Art. 8.º As secções discutirão as questões designadas para sua ordem do dia pela commissão de organização. Todavia, durante o tempo do congresso, poderão ser outras questões addicionadas á ordem do dia das secções, por iniciativa dos membros e de accordo com as mesas.

Art. 9.º As discussões em assembléa geral basear-se-hão sobre relatorios preparados d'ante-mão; em secções e terão

por base as communicações apresentadas pelos membros do congresso.

Estes relatorios ou communicações poderão expôr factos, ou pontos de doutrina. Aquelles que os produzirem terão a sua responsabilidade.

Nenhum orador poderá, salvo tendo auctorisação da assemblea, fallar mais de duas vezes sobre o mesmo assumpto e a duração de cada discurso, leitura de communicação, memoria, etc. não poderá exceder quinze minutos. Esta disposição não é applicavel aos relatores.

Nenhuma memoria já publicada ou communicada a sociedades scientificas poderá ser lida em sessão.

Art. 10.º Os oradores terão a liberdade da escolha de idioma para os seus discursos ou communicações, não obstante ser a lingua franceza a adoptada para as sessões. Os membros que não se houverem expressado em francez remetterão a traducção integral ou resumida de seus discursos aos secretarios das sessões e, tanto quanto possivel, o sentido de suas palavras será traduzido immediata e summariamente por um dos membros da reunião.

#### PUBLICAÇÃO DOS TRABALHOS

Art. 11.º A commissão de organisação é encarregada de publicar o relatorio dos trabalhos do congresso. Ella decidirá a inserção total, parcial, ou a não inserção das memorias, communicações, etc.

#### ORGANISAÇÃO DO CONGRESSO

Art. 12.º O congresso constará de todos os individuos, pharmaceuticos ou não, que tiverem pago uma quota de dez francos, e que houverem enviado a sua adhesão.

Art. 13.º Todos os membros têm o direito de tomar parte em todos os trabalhos e deliberações do congresso; e receberão as respectivas publicações.

Art. 14.º A commissão de organisação constituirá as mesas provisórias das secções. Estas elegerão as suas mesas definitivas.

#### DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 15.º A commissão receberá com reconhecimento

todas as publicações e communicações que lhe forem offerecidas. O relatorio fará menção d'estas offertas e a commissão poderá dar conhecimento d'ellas ao congresso.

Art. 16.º Um regulamento especial que será elaborado ulteriormente fixará as medidas executivas supplementares que deverão ser tomadas para garantir o bom andamento dos trabalhos do congresso. Um boletim especial publicará as ordens do dia e as actas das sessões; dará além d'isso seahi tiver cabimento, a indicação das excursões, festas, e, em geral, todas as informações uteis aos membros do congresso.

Pela commissão: (assignados). O presidente, *D. Van Bastelaer*. O secretario geral, *E. Van de Vyvere*.

S. M.

## BIOGRAPHIA

### JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL

Falleceu no dia 20 de outubro, no paço das escolas em Coimbra, o sr. visconde de Villa Maior, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, reitor da nossa Universidade, e socio honorario da sociedade pharmaceutica lusitana.

As sciencias perderam um dos seus cultores mais distinctos, o partido liberal um dos seus membros mais dedicados e esta sociedade um dos seus socios mais illustrados.

O sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel nasceu em Moncorvo aos 5 de outubro de 1809.

Seus paes foram Luiz Claudio de Oliveira Pimentel e D. Angelica Theresa de Sousa Cardoso. Era neto paterno de João Carlos de Oliveira Pimentel e de D. Violante Engracia da Silva de Moncorvo, e materno de Manuel José Lopes de Sousa e de D. Maria José Cardoso, do Costedo, de alem Tua.

Era sobrinho do celebre general Antonio Claudino de Oliveira Pimentel, que tão perseguido foi durante o governo absoluto, e tantos serviços prestou á causa liberal.

O sr. Julio Maximo, depois de ter estudado em Moncorvo e no collegio da Lapa no Porto os preparatorios que então se exigiam para frequentar a Universidade, veio no anno de 1826 para Coimbra matricular-se no primeiro anno das faculdades de mathematica e philosophia. Em dezembro do mesmo anno organisou-se o batalhão academico e foi um dos primeiros a alistar-se na 2.ª companhia.

Pacificou-se por então o reino, e voltou a Coimbra a continuar



os seus estudos. As côrtes decretaram que as faltas fossem abonadas aos estudantes, e em junho de 1827 fez o acto do primeiro anno das faculdades de mathematica e de philosophia. Nos principios de 1828, tendo-se manifestado a discordia civil em Coimbra, viu-se obrigado a interromper os seus estudos e voltar a Moncorvo.

Em setembro de 1829 foi o sr. Julio Maximo, de Moncorvo, onde então se achava, para Lisboa com sua tia D. Anna Benedicta, visitar e socorrer seu pae e tio que estavam presos na torre de S. Julião da Barra. Tendo os presos sido transferidos para o Porto, afim de alli serem julgados, tambem o sr. Julio Maximo e sua tia partiram para aquella cidade, afim de lhes prestar todo o auxilio possivel.

Os presos foram julgados por sentença da alçada do Porto de 15 de dezembro de 1830, tendo sido seu tio condemnado a degredo perpetuo para as Pedras Negras (Africa occidental) e seu pae a 4 annos de prisão na praça de Peniche. O general Claudino falleceu na relação do Porto antes de partir para o degredo.

Quando a expedição liberal desembarcou no Mindello em 1832 e entrou no Porto, o sr. Julio Maximo foi-se apresentar e assentou praça no batalhão de voluntarios academicos. Bateu-se valentemente no cerco e na Serra do Pilar; em uma sortida, foi ferido com uma bala n'um dos artelhos, o que deu em resultado ficar coxo e soffrer durante toda a vida por effeito do ferimento.

A' sua bravura deveu ser condecorado, então, com a Torre e Espada; e, coincidencia notavel, falleceu em igual dia áquelle em que fôra ferido.

Em 1834 voltou o nosso biographado para Coimbra a frequentar os seus estudos universitarios, interrompidos pela guerra, e formou-se nas duas faculdades em que se tinha matriculado no anno de 1837.

Quando voltava para a sua terra natal, rebentou o movimento militar chamado dos marechaes. O sr. Julio Pimentel entrou n'esta campanha, assistindo ao sitio de Valença, e depois de terminada a guerra civil, pela convenção de Chaves, veio para Lisboa com a resolução de obter licença do governo para ir estudar em Paris o curso de pontes e calçadas.

A dictadura de 1836 creou a escola polytechnica e, apesar de já funcionarem as cadeiras de mathematica e algumas de sciencias naturaes com professores temporarios, com o pessoal da antiga academia de marinha, achava-se vaga a cadeira de chimica, e o professor de physica, doutor Guilherme Pegado, seu mestre na faculdade de mathematica e amigo particular, logo que soube da sua chegada a Lisboa o foi convidar para que acceitasse o magisterio; pois tinha toda a confiança no talento do joven bacharel.

Aos seus serviços já prestados á sciencia, á sua aptidão, aos seus aturados estudos, tantas vezes e tão brilhantemente revelados, deveu o ser nomeado professor de chimica na escola polytechnica, logar de que tomou posse em dezembro de 1837. Como professor de chimica alcançou nome no paiz e estrangeiro.

Ao entrar no professorado alcançara o sr. Julio Maximo a promessa do governo de o deixar ir ao estrangeiro estudar a chimica pratica, logo que houvesse substituto da sua cadeira.

Em 1844, sendo promovido na substituição o sr. Fradesso da Silveira, poudé então satisfazer o seu desejo, e em setembro d'esse anno partiu para Paris. Ali começou a visitar os laboratorios, procurando um onde o admittissem a trabalhar sem pagar os cem francos mensaes, que é costume dar-se n'aquelles estabelecimentos; visto receber do governo apenas cem mil réis por mez e com tão pouco ser quasi impossivel viverem em Paris tres pessoas, pois o tinha acompanhado sua esposa e uma filhinha.

O distincto chimico Peligot, que era então professor no conservatorio das artes e officios, o recebeu com toda a benevolencia e admittiu-o a praticar no seu laboratorio gratuitamente. Era preparador d'este laboratorio o chimico Favre. Ali esteve trabalhando aturadamente desde outubro a abril de 1845, e as horas que podia furtar aos trabalhos praticos do laboratorio eram aproveitadas em assistir aos cursos de Dumas, Becquerel, Chevreul, Orfila, Payen, Gay-Lussac e de outras das principaes celebridades.

Para descansar das fadigas do laboratorio, dirigiu-se á Bretanha em abril de 1845, residiu ali por algum tempo em Laval e em Nantes, e visitou as fabricas de Cartier, as de refinação de assucar, e a celebrada officina nacional de Indret.

Voltando a Paris, foi convidado por Peligot para o acompanhar a visitar a exposição industrial de Vienna d'Austria, o que recusou, por ser viagem dispendiosa, lamentando o não poder aproveitar o ensejo de ir buscar n'aquelle paiz novos subsidios para os seus estudos praticos, e continuou a trabalhar no laboratorio. Chegou então a Paris José Maria Eugenio de Almeida e foi aconselhar-se com o sr. Julio Maximo sobre os methodos mais aperfeiçoados para o fabrico do sabão e refinação de assucar.

Em julho de 1845 foi o sr. Julio Maximo á Belgica, e ali se demorou por algum tempo a visitar as escolas e os estabelecimentos industriaes, depois passou á Allemanha, e em Giessen tratou pessoalmente com o notavel Justus von Liebig, o oraculo na chimica organica, para quem levára recommendações do chimico Pelouse.

Foi tambem á Suissa, de Genebra desceu a Lyão, e d'ali a Marselha, com o intuito de estudar o fabrico do sabão. De Marselha fez pequenas excursões pela França meridional e visitou Arles, Nimes, Toulon, Montpellier etc. onde tomou muitos apontamentos sobre a ampelographia d'aquelles sitios.

Regressou a Paris em outubro e, pouco tempo depois, visitou Londres, voltando para a capital da França no inverno, tornando a ir trabalhar no laboratorio de Peligot, que tinha então como preparador o distincto chimico Julio Buis, de quem foi depois grande amigo.

Na primavera de 1846 regressou a Lisboa, partindo pouco depois para Moncorvo, afim de abraçar seu pae. Quando voltava para

Lisboa rebentava a revolução denominada da Maria da Fonte, mas d'esta vez, em lugar de empunhar a espada, encerrou-se no laboratório de chimica da Casa da Moeda, que então servia á Escola Polytechnica, depois de incendiado o seu edificio. Ali começou a trabalhar fervorosamente, *para não esquecer*, como elle dizia, o que havia aprendido no estrangeiro.

Nas ferias grandes de 1848 voltou novamente a Paris, fazendo a viagem tanto na ida como na volta por via de Southampton e Londres. Pouco tempo se demorou d'esta vez fóra do seu paiz.

Em 1849, por conselho dos medicos, foi ás Caldas da Rainha procurar allivio para os padecimentos que lhe ficaram sempre, desde o ferimento que recebeu nas linhas do Porto.

Para não estar ocioso, aproveitou o tempo em colligir todos os apontamentos precisos para a memoria que escreveu ácerca d'estas aguas sulphorosas.

Esta memoria foi apresentada por elle á Academia Real das Sciencias, o que lhe valeu a sua admissão n'esta sociedade com o titulo de socio correspondente. Já antes do dr. Withering, havia feito a analyse das aguas d'estas Caldas, que foi publicada pela Academia.

No tempo decorrido de 1849 a 1850, foi o sr. Julio Maximo encarregado de mil incumbencias, pela maior parte gratuitas, tanto do governo como de particulares. Entre ellas mencionamos o estudo da reforma do systema monetario portuguez, de que mais tarde o sr. Fontes se serviu para redigir o projecto de lei que annos depois fez votar no parlamento. A pedido do velho duque de Palmella, analysou as aguas mineraes de S. João do Deserto, em Aljustrel, cuja analyse foi publicada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana de que era socio honorario, diploma que lhe tinha sido conferido em attenção aos seus muitos serviços prestados á sciencia.

As aguas mineraes de Moura foram por esse tempo tambem por elle estudadas, e escreveu uma memoria, que saiu impressa nas actas da Academia.

No Gremio Litterario fez o sr. Julio Maximo cinco conferencias, tendo por objecto *as relações da chimica e da agricultura*, perante grande concorrência de ouvintes, e sendo escutadas com geral applauso.

No verão de 1850, indo o nosso biographado visitar seu pae a Moncorvo, emprehendeu uma excursão á serra do Gerez, afim de estudar as aguas das Caldas do mesmo nome. As aguas das Caldas do Gerez eram conhecidas pela sua reputação nas doenças de figado, mas as suas propriedades chímicas eram completamente ignoradas. Analysou-as, e n'uma memoria valiosa revelou a sua natureza. N'esta excursão acompanhou-o sua esposa, a qual escreveu as suas impressões da visita que fez a esta encantadora serra n'um romance, intitulado *A flor milagrosa*. É precedido de um prologo escripto pelo sr. Latino Coelho e foi publicado no jornal litterario a *Semana*.

Em 1851 foi o sr. Julio Maximo nomeado para diversas commissões, entre ellas a reforma do arsenal do exercito e a organisação da Academia Real das Sciencias, de que foi então nomeado socio effectivo. N'este mesmo anno foi eleito vereador do municipio de Lisboa, onde prestou, relevantes serviços. N'uma vagatura na camara popular, foi eleito deputado por um dos circulos da capital. A camara foi dissolvida pouco depois, e nas eleições geraes foi reeleito pelo mesmo circulo, confirmando os seus eleitores a confiança que n'elle puzeram.

Por aquella epocha empreendeu um trabalho scientifico notavel, que foi a analyse das aguas potaveis de Lisboa. Sobre este assumpto publicou varios artigos na *Gazeta Medica*.

No periodo, a que nos referimos, publicou o sr. Julio Maximo, na nova serie das Memorias da Academia Real das Sciencias, um estudo sobre o amendobi (*Arachis hypogea* L.) assim como um outro trabalho de chimica e suas applicações á geologia. E' a memoria sobre o sulfato de soda natural do vulcão da ilha do Fogo, no archipelago de Cabo Verde. Por este tempo concluiu a publicação da sua obra *Licções de Chimica*, que havia começado a dar á luz no anno de 1850. Foi a primeira obra completa sobre a chimica moderna, que se publicou no paiz.

Em 1855 trabalhava-se para que Portugal se fizesse representar dignamente na grande exposição universal que devia celebrar-se em Paris, o ministro das obras publicas, o sr. Fontes, encarregou o nosso biographado de ir áquella capital cuidar dos preparativos para a collocação dos nossos productos. Quando o commissario regio chegou a Paris, encontrou já em bocca minho as coisas da exposição portugueza.

Foi nomeado para formar parte do jury internacional, e coube-lhe, por proposta do celebre chimico francez Dumas, o ser presidente da secção dos opios e tabacos, e um dos relatores da 2.<sup>a</sup> secção da 2.<sup>a</sup> classe. A classe fez-lhe a honra de commetter-lhe o exame dos productos chimicos da Italia, Hespanha e Portugal, e deu-lhe uma prova de muita consideração scientifica, conferindo todos os premios que elle propoz.

Obteve pessoalmente do grande jury uma menção especial pelo fabrico do papel da Piteira (*Agave americana*).

Terminada a exposição, o Imperador conferiu ao sr. Julio Maximo a Legião de Honra.

Em Paris collaborou com Julio Buis n'um trabalho chimico sobre a materia gorda da *mafurra*, planta muito frequente na Africa oriental portugueza. Este trabalho foi apresentado á Academia das Sciencias do Instituto Imperial de França, e publicado por extracto nos *Comptes Rendus Hebdomadaires*.

Algum tempo depois, offereceu á mesma academia, de sociedade com Julio Buis, uma outra memoria sobre a materia gorda tirada das sementes do *brindão*, planta oleaginosa oriunda da India portugueza. Nos *Comptes Rendus* foi tambem publicado um extracto d'este trabalho chimico.

Pelos fins de 1856, celebrando a Academia Real das Sciencias de Lisboa a sua segunda sessão solemne, coube ao nosso biographado recitar o elogio historico de Mousinho da Silveira. Dirigindo n'esta epocha o sr. Julio Maximo interinamente a escola polytechnica, foi agraciado pelos seus serviços assignalados ao paiz, com a commenda da ordem da Conceição. Foi a primeira mercê honorifica que recebeu pelos seus serviços prestados á sciencia!! A Torre Espada datava da Serra do Pilar, o habito de Aviz tinha-o pelos seus vinte annos de serviço como capitão, a cujo posto tinha sido promovido em 1847, e a major graduado em 1851.

Tratando o sr. Julio Maximo de fundar no sitio da Povoia uma fabrica de productos chimicos, de que foi director, teve de ir de novo a França.

Em Lille foi obsequiosamente recebido pelo distincto chimico industrial Kuhlmann. Estando Péligot encarregado pelo governo francez de estudar o fabrico do vidro, associou-se o sr. Julio Maximo a este distincto chimico e foram visitar juntos os estabelecimentos fabris da Belgica e principalmente as fabricas de vidro.

Voltando a Lisboa nos fins do verão de 1857, veio encontrar a sua população luctando com os horrores de uma das mais terriveis epidemias, a febre amarella.

Podia como a grande maioria dos funcionarios e de outras pessoas, ter abandonado a capital e ir procurar para longe o quieto remanso do egoismo, mas não o fez assim aquelle que já outr'ora tinha mostrado o seu sangue frio no cerco do Porto, e foi offerecer os seus serviços ao governo.

Nomearam-no vogal do grande e extraordinario conselho de saude, cujas funcções aceitou generosamente, mostrando assim de novo a sua coragem e tranquilla serenidade de animo. Foi um dos mais ardentes propugnadores das medidas hygienicas e quem propoz a idéa de um congresso medico que, sob os auspicios da Academia Real das Sciencias, celebrou algumas sessões, quando ainda a epidemia disimava cruelmente a população da parte baixa da capital.

Vagando a direcção do Instituto agricola pelo fallecimento do conselheiro José Maria Grande, foi o sr. Julio Maximo nomeado pelo governo para director d'aquelle estabelecimento de ensino. Creio que foi por este tempo que concluiu a publicação do seu relatorio sobre as artes chimicas representadas na exposição universal de Paris.

Pela segunda vez foi eleito vereador da camara municipal de Lisboa, e elevado pelos seus collegas á dignidade de presidente em 1858. De 1858-1860 ajudou a imprimir na edelidade lisboense o cunho civilizador, que só se pôde esperar de homens intelligentes e illustrados.

A classe das sciencias mathematicas, physicas e naturaes da Academia Real das Sciencias, por muitos annos lhe fez a honra de o eleger seu presidente.

Nomeando o governo a grande commissão encarregada de col-

ligir os productos nacionaes para a exposiçãõ universal de Londres em 1861, fez parte d'ella.

Em 15 de junho de 1861 foi ao sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel conferido o titulo de 2.º Visconde de Villa Maior, titulo que significa, como nem sempre acontece, uma serie longa e não interrompida de serviços prestados ao seu paiz.

Em 21 de setembro de setembro de 1869 tomou posse do elevado cargo de reitor da universidade para que havia sido nomeado, logar que desempenhou por mais de 15 annos. Desde 1537, anno em que D. João III transferiu a universidade para Côimbra, tem sido 51 os seus prelados, e, com excepção do Bispo-Conde D. Francisco de Lemos, foi o visconde de Villa Maior, quem mais annos a dirigiu. São notaveis os serviços prestados por elle, como reitor da universidade, onde era respeitado e estimado, e onde deixou muitas saudades.

Em 1878 representou Portugal na qualidade de commisario regio na exposiçãõ universal de Paris.

Apesar da sua avançada idade, o sr. visconde de Villa Maior não se poupava ao trabalho, e quando foi accomettido da doença que o prostrou, ainda trabalhava sem descanso no desempenho d'uma commissãõ de que fôra encarregado, em 1883, para estudar a reforma da nossa instruçãõ superior. No verão de 1884 tinha ido para esse fim visitar alguns dos estabelecimentos mais notaveis da instruçãõ superior a Hespanha, França, Belgica, Inglaterra etc.

O sr. visconde de Villa Maior casou em 18 de julho de 1839 com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Roure Aulldiener, senhora de educaçãõ esmeradissima e de um talento superior. D'essa uniãõ nasceram D. Julia Oliveira Pimentel, já fallecida, que foi esposa do actual marquez de Bellas, e Emilio Pimentel, tambem já fallecido, que tinha cursado o Instituto agricola, e que foi um empregado distincto do ministerio das obras publicas.

O nosso biographado tinha as seguintes dignidades: par do reino, tenente coronel reformado, fidalgo da casa real, commendador da ordem da Conceiçãõ, official da Torre Espada, cavalleiro de S. Bento de Aviz, official da legiãõ de honra de França, grandignatario da ordem da Rosa no Brazil, gran-cruz de Carlos III em Hespanha, commendador da ordem de S. Leopoldo da Belgica, e da de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia, condecorado com as medalhas da campanha da liberdade e da febre amarella, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, antigo socio da Sociedade de chimica de Paris, socio correspondente da *Society of arts* de Londres, da Academia geoponica de Florença, socio honorario do Instituto de Coimbra, e da Associaçãõ dos artistas da mesma cidade e de outras corporações litterarias e scientificas, tanto nacionaes, como estrangeiras.

Temos conhecimento dos seguintes trabalhos de tão fecundo escriptor, a saber:

*Lições de chimica geral e suas principaes applicações, etc.* 3 vol. 1850-1852.

*Relatorio sobre a exposição universal de Paris de 1855.* Artes chemicas, 1.ª parte, 1857—2.ª parte, 1859.

*Analyse das aguas mineraes das Caldas da Rainha*, feita em julho de 1849, precedida de uma introdução historica, publicada nas Memorias da Academia Real das Sciencias, 1850.

*Estudo chimico das sementes do amendobi*, 1853. Foi depois transcripto nas Memorias da Academia.

*Elogio historico de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque*, 1856. Transcripto nas Memorias da Academia.

*Memoria sobre a produção do sulphato de soda no vulcão da ilha do Fogo*, no archipelago do Cabo-Verde, publicada nas Memorias da Academia.

*Analyse das aguas mineraes do Gerez.* Memorias da Academia.

*Parecer apresentado á Academia Real das Sciencias, com as bases que devem servir de thema á discussão publica sobre a reforma e melhoramento da instrucção nacional*, 1857. Este trabalho foi elaborado conjunctamente com o sr. Latino Coelho.

*Desenvolvimento da superficie activa dos corpos porosos, applicado á construcção das pilhas galvanicas*, 1850. Nas Actas da Academia Real das Sciencias.

*Nota sobre a composição chimica das aguas de Moura no Alemtejo.* Ibi.

*Nota sobre a existencia de um novo acido gordo, encontrado no cebo do brindão*, 1857. Nos Annaes de Sciencias e Letras.

*A produção do sulphato de soda no vulcão da ilha do Fogo.* Ibi.

*Relatorio sobre o estudo chimico do oleo de ricino.* (Traducção.) Ibi.

*O aluminium, noticia scientifica.* Ibi. Transcripto no Archivo Universal.

*Estudos sobre a viciação do ar athmospheric.* Ibi.

*Revista dos trabalhos chemicos em 1857.* Ibi.

*Sobre a faculdade fertilisante das dejecções animaes, etc.* Ibi.

*Morte do sr. barão Thenard.* Ibi.

*Novo processo de panificação.* Ibi.

*Memoria sobre a hygiene publica, com applicações principalmente á cidade de Lisboa.* Ibi.

*Revista dos trabalhos chemicos em 1858.* Nos Annaes de Sciencias e Letras. 1858.

*As aguas sulphuradas das Caldas da Rainha.* Ibi 1859. E' continuação e complemento do trabalho já publicado nas Memorias da Academia. E ainda outro sob o mesmo titulo no Archivo Universal.

*Porcellanas.* Ibi. Ficou este artigo interrompido pela suspensão do jornal.

*Novo estudo sobre as aguas sulphuradas das Caldas da Rainha.* 1859. Publicado na *Gazeta medica de Lisboa*.

- Louças e productos ceramicos.* 1859: Archivo Universal.  
*Vidros e cristaes.* Ibi.  
*Papel.* Ibi.  
*Cores mineraes.* Ibi.  
*Acido sulphurico.* Ibi.  
*Soda.* Ibi.  
*Lapis.* Ibi.  
*Palestras scientificas.* 1859. Revista Contemporanea.  
*A liga das alfandegas peninsulares.* 1860. Ibi.  
*Joaquim Antonio da Silva* (Esboço biographico), Ibi.  
*Relatorio sobre a classe LXXIII (vinhos e espiritos) da exposição internacional de 1867.*  
*Ampelographia e Oenologia do paiz vinhateiro do Douro.*  
*Memoria sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhateiros do continente do reino ao norte do Douro.*  
*Tratado de vinificação.* 1868.  
*Relatorio sobre a exposição internacional de Paris de 1862.*  
*Exposição succinta da organização actual da Universidade de Coimbra, procedida de uma breve noticia historica d'este estabelecimento.* Coimbra. 1877.  
*Discurso pronunciado pelo reitor da Universidade de Coimbra, em 16 de outubro de 1872, por occasião da festa commemorativa da reforma da mesma Universidade em 1772.* Coimbra 1872.  
*Alloçções recitadas pelo Reitor da Universidade nas sessões solemnes da distribuição dos premios durante todo o tempo que governou a universidade.* Publicadas nos annuarios da Universidade de Coimbra.  
*Manual de viticultura pratica.* Coimbra 1875.  
*Neuvelle production de l'acide palmítique par le suif de mafurra,* par M. M. Oliveira Pimentel e J. Bouis, dans les Comptes Rendus de l'Academie des Sciences.  
*Composition de la stéarine vegetale extraite des graines du brindenier.*  
*Rapport sur les matières grasses,* presente au jury de la classe xv à l'exposition internationale de 1855.  
*O Douro illustrado.* As estampas que ornam esta obra são devidas ao desenho do sr. Emilio Pimentel. Porto. Editada por Magalhães & Moniz.  
*No Jornal de Horticultura Pratica* do Porto collaborou desde a sua fundação, e entre os muitos artigos que ali publicou são notaveis os seus *Estudos ampelographicos.*  
*Memorial biographico d'un militar illustre, o general Claudino Pimentel.* Lisboa, Imprensa Nacional. 1884.  
 Coimbra.

ADOLPHO FREDERICO MOLLER



## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 26 D'AGOSTO—Presidência do sr. commendador JOSÉ TENESCHI

Abertura da sessão ás oito horas e meia da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *presidente* agradeceu a sua eleição, e continuou a afirmar mais uma vez o seu amor á instituição que deseja ver prosperar.

O sr. *Carvalho* apresentou, como bibliothecario, o catalogo da livraria da sociedade feito com a collaboração do sr. Pires. Declarou que não podia continuar a exercer o cargo para que tinha sido eleito.

O sr. *Corrêa* elogiou os serviços prestados pelo sr. *Carvalho*, e instou com este cavalheiro para que aceitasse ainda este anno o cargo.

Insistiram tambem os srs. presidente e outros socios, mas o sr. *Carvalho* não transigiu por os affazeres não permittirem.

Foi apresentada pelo sr. dr. *Alves* uma proposta para socio.

Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão.

Eram onze horas— O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 9 DE SETEMBRO.—Presidência do sr. JOSÉ DIONYSIO CORREIA  
presidente honorario

Ás oito horas da noite foi aberta a sessão.

O sr. *presidente*, convidou o membro effectivo Francisco João Rosa a servir de segundo secretario.

O sr. *primeiro secretario*, Silva Machado, teve a palavra para dar conta da correspondencia que constou de: um officio da procuradoria regia, pedindo o laboratorio para a analyse toxicologica d'umas visceras, e d'outros mais officios

sobre assumptos da thesouraria. Disse que esta correspondencia era a resposta ás cartas que escrevera aos signatarios, que estavam em divida para com a sociedade.

O sr. dr. *Alves* propoz que esta correspondencia fosse com vista ao conselho administrativo.

Os srs. *Coelho de Jesus* e *Francisco de Carvalho* fallaram contra a proposta.

O *segundo secretario*, apoiou-a, sendo approvada por maioria.

O sr. *primeiro secretario*, agradeceu a sua eleição, e egualmente o parecer da commissão de chimica ácerca do merito do seu livro: *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na Pharmacopea Portugueza*. Declarou aceitar tal cargo, pela gratidão que o prende á sociedade, e prometeu desempenhar o seu logar o melhor que podesse. Participou que a mesa fôra representar ao sr. ministro do reino contra o abuso de estarem os droguitas vendendo publica e impunemente remedios, preparados pharmaceuticos e até medicamentos, com manifesto prejuizo dos pharmaceuticos e da saude publica. Leu a copia d'essa representação.

Deu parte de que em Coimbra fizera exame de pharmacia o indigena de S. Thomé André Gonçalves Pinto, de quem a sociedade já se occupara, e observou que tal exame fôra feito em circumstancias bastante attentatorias do decoro e seriedade de taes actos.

Ainda participou que, não tendo as commissões permanentes cumprindo com o art. 38.º do Regimento interno, a mesa em conformidade com o § 6.º do art. 1.º do mesmo Regimento nomeara para a:

**Commissão de saude publica**

*Director*, Dr. José Thomaz de Sousa Martins.

*Vice-director*, José Mendes d'Assumpção.

**Commissão de pharmacia**

*Director*, Manuel Vicente de Jesus Abrantes.

*Vice-director*, José Gomes de Mattos.

**Commissão de chimica**

*Director*, Dr. Joaquim José Alves.

*Vice-director*, José Ribeiro Guimarães Drack.

**Commissão de physica**

*Director*, José Dionysio Corrêa.

*Vice-director*, Manuel Vicente de Jesus.

**Commissão de historia natural**

*Director*, José Mendes Jára.

*Vice-director*, Antonio J. Pinto Junior.

**Commissão de direlto pharmaceutico**

*Director*, Commendador José Federchi.

*Vice-director*, Augusto d'Oliveira Abreu.

O sr. *primeiro secretario* apresentou uma proposta, que teve primeira leitura, para que se consulte a commissão de historia natural sobre a conveniencia de se recommendar aos nossos consocios residentes no ultramar que auxiliem, por meio de ensaios, a direcção do Jardim Botânico da universidade nos seus louvaveis esforços para a introdução da cultura e aclimação nas colonias, de diversas plantas de subido valor.

O *segundo secretario* applaudiu esta proposta e referiu-se ao bom exito que tem tido a cultura das quinás em S. Thomé. Perguntou se a Sociedade fôra consultada acerca da projectada reforma do ensino pharmaceutico. Sendo-lhe respondido negativamente, lastimou o facto e viu n'elle desconsideração á Sociedade e á classe.

Disse que os pharmaceuticos eram os mais competentes para saber das suas necessidades. Que pelo conhecimento que tinha da nova reforma, proposta pela Universidade, a reprovava, por não preencher o seu ideal.

Que tendo nós tantos e tão illustrados consocios, que já têm em diversas épocas apresentado trabalhos sobre o ensino pharmaceutico, e tendo até um digno membro que está presente, além d'outros mais, assento no parlamento, desejava propor que a Sociedade elaborasse um projecto

seu, onde todos collaborassem, e o fizesse submeter á apreciação e approvação do parlamento, em substituição de qualquer outro que lhe fosse proposto. Que no entanto desejava primeiro ouvir a opinião de mais alguns socios sobre o assumpto.

O sr. dr. *Alves* approuvou a idéa, dizendo que deseja a conformidade do ensino e que está prompto a fazer quanto poder sobre o assumpto. O orador porém não conhece a reforma proposta pela Universidade.

Os srs. *primeiro secretario* e *Francisco de Carvalho* adheriram á idéa do segundo secretario e referiram-se em poucas palavras á reforma apresentada ao parlamento em 1875.

O *segundo secretario* agradeceu a aceitação do seu alvitre. Conhece bem o projecto de 1875 e ficaria satisfeito se elle fosse approved; não vê porém probabilidades d'isso por ter caducado.

Prometteu na proxima sessão dar conhecimento da reforma proposta pela Universidade e fazer então a sua proposta. Ainda comentou o exame de pharmacia de André Gonçalves Pinto, feito em agosto ultimo em Coimbra.

Notou com acrimonia o caso, que reputa escandaloso e nullo, por ser o jury do exame constituido só por dois vogaes e portanto illegal, além d'outras mais circumstancias, — como as de não fazer parte d'esse jury, nem o pharmaceutico do Dispensatorio, nem o seu substituto— por ter-se um dos examinadores arvorado em presidente e feito uso de dois votos, etc.

Leu o n.º 8 do capitulo 3 do livro 3.º dos Estatutos da Universidade, e o art. 135.º do decreto de 29 de dezembro, que vigoram e são por onde se regulam taes exames, concluindo pela nullidade do exame em questão. Disse que a Sociedade não devia ficar muda e queda ante tal facto. Apresentou uma proposta que teve primeira leitura, para que a Sociedade proteste perante o ministro do reino e peça a anulação de tal exame.

Os srs. dr. *Alves*, *Coelho de Jesus* e *Francisco de Carvalho* fallaram a favor da proposta.

O sr. *presidente* apresentou a proposta seguinte :  
«Senhores.—Desde o anno de 1838 tem esta Sociedade, em cumprimento do art. 28.º dos estatutos, diligenciado instalar a sua bibliotheca. Começou por se dirigir a todos os nossos consocios, pedindo-lhes quaesquer obras publicadas e que fossem do seu agrado, não só nacionaes, mas estrangeiras, que dissessem respeito á pharmacia ou ás sciencias accessorias.

Todos os annos que se seguiram, têm muitos dos nossos consocios, tanto do continente, como das ilhas e possessões ultramarinas, dado para a nossa bibliotheca valiosas publicações, segundo consta das listas dos doadores e objectos doados, lidas nas sessões solemnes anniversarias d'esta Sociedade.

Presentemente, com estas doações e varias obras que esta Sociedade tem comprado, podemos dizer que a nossa bibliotheca, é, talvez, uma das mais ricas de publicações sobre pharmacia e sciencias que lhe dizem respeito.

Diversos foram os funcionarios encarregados da bibliotheca, que diligenciaram fazer o catalogo das obras existentes; uns, pelos seus muitos affazeres, outros pelo seu estado de saúde, não puderam conseguir levar a effeito o mencionado catalogo.

Em 1881, por occasião das eleições geraes d'esta Sociedade, saíram eleitos para bibliothecario e vice-bibliothecario, os nossos consocios srs. João de Jesus Pires e Francisco de Carvalho; os quaes combinaram nos meios de levarem a effeito o difficil trabalho da catalogação. Todas as semanas destinavam uma noite para esta tarefa, na qual se demoravam duas horas e ás vezes mais.

Na ultima sessão, ao terminar o anno litterario e scientifico d'esta Sociedade, de 1883 a 1884, deram estes collegas conta da sua importante missão, competindo ao sr. vice-bibliothecario o mais difficil do trabalho; por exemplo: os cadernos, contendo todas as obras existentes, com ás indicações dos armarios e respectivas estantes com a numeração de ordem de cada volume, para mais facilmente

serem encontrados; depois a ordem alphabetica, produzindo uma extensa relação, para ser impressa em fôrma de catalogo e distribuida pelos socios, afim de gozarem dos direitos que lhes são concedidos no § 7.º do art. 20.º dos estatutos.

Senhores: quarenta e seis annos esteve esta Sociedade sem o catalogo das obras existentes na sua bibliotheca; estava reservado, levarem a effeito este importantissimo trabalho, aos nossos dignos consocios srs. João de Jesus Pires e Francisco de Carvalho, desempenhado durante o espaço de tres annos.

Pelo que deixou exposto, proponho:

1.º Que na acta se faça honrosa menção d'este importante serviço d'aquelles consocios, e se lhes dirija os merecidos louvores e agradecimentos pelo seu assignalado trabalho, devido á sua boa vontade, perseverença, zelo e dedicação.

2.º Que o referido trabalho, apresentado na precedente sessão, seja enviado á commissão de redacção para ser impresso, tendo precedido a devida consulta do conselho administrativo.

3.º Que esta resolução seja, por officio do sr. primeiro secretario, levada ao conhecimento de cada um dos sobre-ditos consocios.

Sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 9 de setembro de 1884. — O presidente honorario, *Jose Dionysio Corrêa.* — Ficou para segunda leitura.

Foi proposto e approvedo para membro effectivo o sr. Felisberto Augusto Lopes.

Procedeu-se á eleição de bibliothecario-archivista e d'um vogal para a commissão de direito pharmaceutico, saindo eleito para os dois cargos o membro Francisco João Rosa. O socio eleito agradeceu o lembrarem-se da sua pessoa para taes cargos, que julga não poder nem saber desempenhar condignamente, promettendo comtudo, diligenciar não desmerecer de tão honrosa confiança. Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão,

eram dez horas da noite.— Servindo de segundo secretario, *Francisco João Rosa*.

---

SESSÃO DE 30 DE SETEMBRO. — Presidencia do sr. JOSÉ DIONYSIO CORRÉA, presidente honorario

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O *segundo secretario* tambem fez a leitura da acta da sessão de 26 d'agosto, sendo approvada.

O sr. *primeiro secretario* (*Silva Machado*), fez a leitura da correspondencia, e apresentou varias propostas que foram enviadas á *commissão de direito pharmaceutico*; declarando mais que recebera do consocio sr. Antonio José Pimentel, de Valle Passos, duas especies de *cardo*, para a sociedade classificar, de que pediu urgencia.

Em attenção ao pedido enviara-as ao sr. Jara, director da *commissão de historia natural*, para esta dar a sua opinião.

O sr. *Jara*, em nome da *commissão de historia natural*, apresentou as duas especies de cardos, devidamente classificadas, pedindo desculpa de não apresentar o parecer respectivo, o que faria na proxima sessão.

O sr. *Rosa*, como informação ao sr. dr. Alves, que via presente, fez a leitura de varios artigos dos estatutos da Universidade, para demonstrar que aos exames de *pharmacia* devem assistir o *pharmaceutico*, o lente de *materia medica* e seu demonstrador.

Instou para que se representasse ao governo mostrando a illegalidade do exame de *pharmacia* feito pelo sr. André Gonçalves Pinto.

O sr. *Corréa* disse que se inscrevera para entrar n'esta discussão, e convidou o sr. *primeiro secretario* a occupar o logar da presidencia, enquanto durasse o debate sobre o assumpto, fallou por muito tempo pretendendo provar que a sociedade fazia mal em representar mais, visto não ter sido attendida.

Fallaram ainda sobre o assumpto os srs. Rosa, Carvalho, dr. Alves e o segundo secretario; resolvendo-se pedir uma certidão do exame para depois se tomar qualquer deliberação.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

---

SESSÃO DE 14 DE OUTUBRO.—Presidencia do sr. CORRÊA,  
presidente honorario

Abriu-se a sessão ás sete horas e meia da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura da correspondencia.

Sobre um officio enviado pelo consocio, o sr. João d'Almeida e Sousa Junior, de Vianna do Castello, em que perguntava se os pharmaceuticos estavam ou não exemptos de pagar o sello da licença, suscitou-se discussão, resolvendo-se que fosse enviada ao socio copia da deliberação já tomada pela sociedade, quando se tratou d'assumpto identico, como constava do jornal da sociedade.

O sr. *Rosa* desejou saber se já estava sobre a mesa a certidão d'exame que o segundo secretario tinha ficado encarregado de tirar da universidade.

Perguntou tambem se o segundo secretario já tinha sido informado pelo sr. Tedeschi sobre se a commissão de direito pharmaceutico estava affecto o projecto de reforma d'estudos pharmaceuticos, apresentado pela faculdade de medicina da universidade.

Foi-lhe respondido, emquanto á primeira pergunta, que ainda não se tinha recebido na mesa a certidão d'exame; emquanto á segunda, que o segundo secretario não podia dar informação alguma, porque já declarou que a sociedade não tinha deliberado nada a tal respeito.

Fallaram ainda sobre o mesmo assumpto e a titulo de informação os srs. Carvalho, Fragoso e Rosa, apresentando este ultimo uma proposta, que ficou para segunda leitura.



O sr. *primeiro secretario*, apresentou varias propostas que foram enviadas ás commissões respectivas.

O sr. *Jara* leu o parecer da commissão de historia natural em resposta á consulta do sr. Antonio José Pimentel, de Valle Passos, que pediu para a sociedade classificar duas especies de cardo que enviara. — Ficou para segunda leitura.

Foram eleitos socios effectivos os srs. Francisco Augusto da Costa, pharmaceutico em Oliveira de Frades, e Joaquim Pereira Junior, pharmaceutico na Barquinha.

Na ordem da noite, approvaram-se as seguintes propostas :

1.<sup>a</sup>—Do sr. *Silva Machado* para que a sociedade consultasse a commissão de historia natural sobre a conveniencia de se convidarem os socios, residentes no ultramar, a auxiliar, por meio de convenientes e repetidas experiencias, a illustrada direcção do jardim botanico da universidade nos louvaveis esforços emprehendidos para introduzir nas colonias a cultura de plantas exoticas de reconhecido valor venal e therapeutico, como a *quina*, *ipeca-cuanha*, etc.

2.<sup>a</sup>—Do sr. *Silva Machado* para se consignar na acta um voto de louvor á illustre vereação do municipio de Belem pela patriotica e humanitaria deliberação de votar pensões vitalicias ás viovas e orphãos dos pharmaceuticos que, no exercicio das suas funcções, sejam victimas da cholera morbus, caso nos visite.

3.<sup>a</sup>—Do sr. *Corréa* para que seja lançado na acta um voto de louvor e agradecimento aos srs. Pires e Carvalho, ex-bibliothecarios, por terem catalogado a livraria da sociedade.

O sr. dr. *Alves* declarou, que, por motivos meramente particulares, não podia continuar a ser director da commissão de redacção do jornal da sociedade, o que communicava para os devidos effectos.

O sr. *Jara* apresentou por parte do sr. José Nobre da Silva, de Loulé, um oleo que n'aquella provincia está sendo

muito usado, em substituição do oleo de figado de bacalhau: resolveu-se que, a comissão de historia natural, faça um desenvolvido relatorio sobre a proveniencia, extracção e virtudes therapeuticas de tal oleo para ser enviado á comissão de chimica.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.— O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 28 D'OUTUBRO—Presidencia do sr. commendador José TeDESCHI

Abertura da sessão ás sete horas.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da correspondencia, que teve o devido destino.

Pelo sr. Xaxier Rodrigues foi enviada uma garrafa de vinho de peptona de Defresne, acompanhada d'um officio, em que este socio pede, que se faça a analyse ao referido vinho.

O sr. *presidente* desejou saber qual a opinião da assembléa.

Fallaram sobre o assumpto os srs. Jara, Corrêa, Drack, Silva Machado, Rosa e o segundo secretario, resolvendo-se enviar o vinho á comissão de chimica para ella dar a sua opinião.

O sr. *Francisco de Carvalho* agradeceu o officio, que a sociedade lhe enviára.

#### ORDEM DA NOITE

**Parecer da comissão de historia natural sobre duas amostras de cardos enviados á sociedade pelo consocio o sr.**

**A. J. Pimentel, de Valle Passos, pedindo a sua classificação**

«*Senhores.*— Á vossa comissão de historia natural foram presentes duas variedades de *cardo*, que a esta sociedade enviou o nosso consocio de Valle Passos, o sr. Antonio José Pimentel, a fim de que, examinando-as, declare qual d'ellas é o denominado *cardo santo*.

Estas plantas apresentam-se seccas, circumstancia que não permite fazer-se a sua descripção, como se estivessem no estado verde. Entretanto, o simples aspecto denunciou á commissão, que estas plantas pertencem á grande familia das *synanthereas* ou *compostas*, e á tribu das *Cynareas* ou *Cynarocephalas* (*Carduaceas*) de Jussieu. Para melhor formular o seu parecer, a commissão designou estas plantas pelas letras A e B. O exemplar A não tem o cheiro desagradavel que a planta apresenta quando fresca, tem a haste direita, ramosa, com as folhas demicorrentes, oblongas, sinuadas e um tanto espinhosas. Os capitulos são terminaes, cercados de bracteas filiformes. O receptaculo é acompanhado de palhetas, apresentando flôres regulares, hermaphroditas. Embora faltem outras partes que melhor se poderiam apreciar na planta verde, a vossa commissão, por estes caracteres, e pelo conforto que fez com outros exemplares, não tem duvida em affirmar que o exemplar designado pela letra A—é o *Cnicus benedictus* de Linn.—*Cardo santo*, ou *Centaurea benedicta*; planta que segundo a historia foi em antigos tempos applicada contra a peste, em mordeduras de animaes venenosos, e d'ella extrahiu Nativelle um principio amargo, em crystaes sedosos, soluvel no alcool, que denominou *Cnicina*. Habita no nosso paiz, proximo de Trancoso, Bragança, Abrantes, Evora, Coimbra, etc.

O *cardo santo* fornecido por alguns droguistas de Lisboa é cultivado nas hortas do Campo Grande e de Odivellas.

O exemplar B, differindo do antecedente na fôrma, tem as folhas lineares e espinhosas; e apresenta tambem flôres amarellas e os capitulos d'aspecto lanoso: devendo por isso ser considerado como o *Kentrophyllum lanatum* de De Cand., *Carthamus lanatus* de Linn, ou o *cardo bento* dos parisienses. Habita nas collinas aridas, e é abundantissimo nos arredores de Lisboa, Coimbra, etc.

Tem-se empregado em grande quantidade como o verdadeiro *cardo santo* na maior parte das pharmacias.

Eis o resultado dos trabalhos a que chegou a vossa commissão, dos quaes procurou desempenhar-se com acerto, e

corresponder assim á confiança que a benemerita sociedade n'ella depositou.

Lisboa e sala das sessões em 14 de outubro de 1884.  
— José Mendes Jara, director. — Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles. — Antonio Joaquim Pinto Junior.

Foi approved depois de breves reflexões dos srs. Silva Machado e Jara.

Discutiu-se tambem uma proposta do sr. Rosa sobre ensino pharmaceutico, mas o seu auctor retirou-a por a maior parte da assembléa se ter manifestado contra ella.

O sr. *Silva Machado* propoz, que se contribuisse com uma quota para ser enviada á commissão que trata de erigir um tumulo ao sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Combateu esta proposta o sr. Rosa, que não julga o fallecido, apesar de benemerito d'esta sociedade, com jus ao nosso reconhecimento só porque mandou elaborar a pharmacopéa.

Houve replica da parte do sr. Silva Machado, Corrêa, sendo em seguida approved a proposta, que foi enviada ao conselho administrativo para determinar o *quantum*.

Foi apresentada pelo socio Fragoso a certidão de exame feito na Universidade pelo sr. André Gonçalves Pinto.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram 11 horas. — O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 25 DE NOVEMBRO—Presidencia do sr. commendador

JOSÉ TEDESCHI

Abertura da sessão ás sete horas da tarde.

Foi lida e approved a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da correspondencia, que teve o devido destino.

Foi eleito socio benemerito o sr. conselheiro Pedro Franco.

Foi eleito socio correspondente o sr. dr. Pedro Leite Chermont, que offereceu a these por elle defendida perante a academia de medicina da Bahia.

Na ordem da noite, discutiu-se uma proposta do sr. Francisco João Rosa para que a sociedade protestasse, perante o ministro do reino, contra o modo illegal como foi feito o exame de pharmacia de Andre Gonçalves Pinto.

Fallaram a favor da proposta os srs. Cunha, Coelho de Jesus, Carvalho e o seu auctor, e contra o sr. primeiro secretario e o socio Fragozo.

Foi approvada por maioria.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram dez horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragozo*.

SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Abertura da sessão ás oito horas da noute.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *presidente* participou a morte do sr. José Dionysio Corrêa a quem elogiou, e em phrase repassada do mais vivo sentimento exaltou as virtudes do fallecido a quem o ligavam laços da mais sincera, desinteressada e leal amizade. Esboçou rapidamente os traços mais notaveis da vida do illustre pharmaceutico que tantos serviços prestara á classe, terminando por propor que se lançasse na acta um voto de sentimento e em seguida se levantasse a sessão.

O sr. *dr. Alves* associou-se ás palavras do sr. presidente, e declarou que, se não tinha junto do tumulo dito algumas palavras em homenagem ao fallecido, fôra porque outros cavalheiros, melhor do que elle o podia fazer, o fizeram, e não queria tambem prolongar uma situação bastante desagradavel.

Os srs. Drack, Assumpção, Coelho de Jesus, Rosa e Fragozo associaram-se igualmente ás palavras do sr. presidente, significando o sentimento de que estavam possuidos pela morte de tão illustre collega.

Approvado o voto de sentimento, encerrou-se a sessão.—O segundo secretario, *Emilio Fragozo*.

SESSÃO DE 30 DE DEZEMBRO—Presidencia do sr. commendador  
José TEDESCHI

Abertura da sessão ás sete horas.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *presidente* mandou ler a copia da representação em que se pedia a annullação do exame de pharmacia feito por André Pinto e que fôra entregue ao sr. ministro do reino.

O sr. *Machado e Fragoso*, declararam, que assignaram a referida representação por deferencia ao sr. presidente. Que faziam tal declaração porque tinham votado contra a idéa de se representar, visto que iam, mais uma vez, pedir aos poderes publicos com a certesa de não sermos attendidos, do que resultava mais uma desconsideração para a classe.

O sr. *Cunha* declarou, que, por motivos superiores á sua vontade, não tinha comparecido ao saimento do sr. Dionysio Corrêa, e apresentou uma proposta, que ficou sobre a mesa, para ter segunda leitura.

O sr. *dr. Alves* communicou que ia em breve realisar-se um congresso pharmaceutico em Bruxellas, a que esperava assistir, se circumstancias particulares o não inibissem.

O sr. *Lima*, do Porto, deu largas explicações sobre um facto mencionado ultimamente n'um jornal pharmaceutico, e no sentido desfavoravel para o seu caracter.

#### ORDEM DA NOITE

##### Discussão da proposta apresentada pelo sr. Sousa Telles

Extractamol-a por o seu desenvolvimento não permittir que se publique na integra, visto que, a commissão de redacção, tem a publicar outros trabalhos.

A proposta que o seu illustre auctor dividiu em artigos, deseja:

##### 1.º

Que a sociedade agradecesse, por officios especiaes, ás redacções dos jornaes que consagraram palavras de louvor ao fallecido presidente honorario;

2.º

Que a cadeira onde se assentava o fallecido fosse designada com a seguinte epigraphe: Cadeira em que se assentava o fundador e presidente honorario d'esta Sociedade, José Dionysio Corrêa, fallecido em 4 dezembro de 1884, reservando-se para memoria;

3.º

Que a sociedade solicitasse a permissão de poder collocar na frente do predio, onde morou o fallecido, uma lapide com a inscripção — N'esta casa viveu        anos e falleceu, etc.;

4.º

Que todos os artigos publicados nos diversos periodicos fossem colligidos para se publicarem em um numero especial do jornal da sociedade com o retrato em gravura e o fac-simile do fallecido, e com a prespectiva do predio em que falleceu;

5.º

Que a sociedade promovesse entre todos os pharmaceuticos do reino e os amigos do finado uma subscripção para se crear um premio intitulado — Premio José Dionysio Corrêa — o qual seria distribuido ao pharmaceutico que tivesse cursado com mais distincção o curso regular de pharmacia, ou ao pharmaceutico que tivesse inventado um medicamento ou utensilio pharmaceutico de reconhecido merecimento, etc.;

6.º

Que na acta, em que a proposta foi apresentada, se lançasse um voto de profundo sentimento.

O sr. *Assumpção* fez um extenso discurso manifestando-se a favor da proposta na generalidade, mas em especial combateu os pontos que se referem á collocação d'uma lapide, e á subscripção pharmaceutica para a acquisição de fundos com o fim de se instituir um premio.

O sr. *Sousa Telles*: Começou por felicitar a mesa pelo

zelo e bisarria com que commemorou o triste passamento de Dionysio Corrêa. Que em attenção ás considerações judiciosas feitas pelo sr. Assumpção, e para que se não dissesse que elle queria impôr a sua proposta, retirava a parte que se referia á lapide, com quanto julgasse que Dionysio Corrêa a merecia, sem comtudo querer comparal-o a Garrett, Camões, Castilho que a tinham, mas tambem a tinha Inocencio da Silva, auctor do *Diccionario bibliographico*, e este não era vulto mais proeminente.

Que a idéa da subscrição para a instituição d'um premio lhe parecia aceitavel, mas se sobreviessem difficuldades por a classe, em geral, ser pobre, então substitua por outra, que era a cunhagem d'uma medalha para ser distribuida nas sessões solemnes, aos estudantes de pharmacia mais distinctos, ou ao pharmaceutico que se tornasse notavel por invento de reconhecida utilidade.

Fez ainda largas considerações sobre o assumpto, exaltando as qualidades de Dionysio Corrêa, que bem merece uma apotheose brilhante e condigna com os seus merecimentos, e com os serviços que a grande familia pharmaceutica lhe deve.

Fallaram ainda os srs. dr. Alves, Coelho de Jesus e Henrique Lima que apresentaram varias considerações em favor d'alguns pontos da proposta, combatendo outros.

Foi approvada na generalidade.

Passando-se á especialidade foi julgado prejudicado o primeiro e o sexto artigos, por a mesa já os ter cumprido. Approvou-se o segundo e o quarto, retirou o auctor o terceiro, e foi enviado o quinto a uma commissão, que ficou composta dos srs. dr. Alves, José Tedeschi, Coelho de Jesus, Silva Machado e Sousa Telles, para ser estudado com o fim de se pôr em pratica se fosse possivel.

Discutiu-se tambem a seguinte proposta do socio Fragoso, «Proponho que, um socio seja encarregado de fazer o elogio historico de Dionysio Corrêa para ser lido na proxima sessão anniversaria, que será considerada de luto, seguindo-se o estipulado nos estatutos». — *Emilio Fragoso*.



Approvou-se a primeira parte, e regeitou-se a segunda por se julgar que seria melhor considerar o dia 24 de julho, quinquagesimo anniversario da sociedade, como festivo.

O sr. *Henrique Lima* propoz que fosse o sr. presidente encarregado de fazer o elogio historico.

O sr. *presidente* declarou, que, na sua qualidade de membro da mesa, era obrigado pelos estatutos a proferir um discurso, não podendo por isso encarregar-se do elogio.

O sr. *Machado* propoz que fosse o sr. Sousa Telles.

O sr. *Sousa Telles* pediu desculpa de não poder acceitar, dando para isso razões que a sociedade acatou. Que via em todos os socios individuos dignos de missão tão espinhosa, mas se lhe permitissem indicar o nome d'um consocio, porque em assumptos de tal ordem era muito necessario attender-se a certas circumstancias, elle indicaria o socio *Emilio Fragoso*, a quem fez um rapido elogio.

O socio *Fragoso* agradeceu ao sr. Sousa Telles, e pediu dispensa por ser obrigado a fazer o relatorio annual como segundo secretario.

O sr. *Sousa Telles*, em aparte, promptificou-se a fazer o relatorio, ao que o socio *Fragoso* acedeu, ficando, por isso, este encarregado do elogio historico.

Foram em seguida eleitos socios os srs. *Justiniano de Sousa Gonzaga*, de Lisboa, e *João Dias Corrêa*, do Barreiro.

Encerrou-se a sessão, eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

da Ordem dos Farmacêuticos

### CHIMICA

**Nota sobre os acidos phenicos do commercio**

PELO SR. C. CASTHELAZ

Este illustre chimico offereceu á sociedade chimica de Paris, em fins do anno passado, uma memoria curiosa, de que vamos dar um resumo aos nossos leitores.

O sr. Casthelaz, procurando definir as palavras inglezas: *crude carbolic* 60 0/0, *liquid carbolic* 100 0/0, 95 0/0, 50 0/0, que por muito vagas se prestam a confusão, chegou ás seguintes conclusões:

O *crude carbolic*, ou acido phenico bruto, conhecido no commercio inglez, é um liquido escuro, cujo valor cresce com a quantidade de acido phenico crystallisavel  $C^5 H^5 OH$  que contem. A sua densidade deve vacillar entre 1,055 e 1,070.

O *liquid carbolic*, acido phenico liquido, é um producto escuro mais ou menos carregado, cujo valor é proporcional ás quantidades de acidos e de oleos saponificaveis que contem. Em grande parte constituido por acido cresylico  $C^6 H^4 CH^3 OH$ , phenoes superiores e oleos não saponificaveis, apenas tem vestigios de acido phenico crystallisavel.

#### ACIDO PHENICO BRUTO

Os oleos da ulha a 25º, quando distillados, arrastam consigo pequenas quantidades de acido phenico. Os mesmos oleos a 15º, passando a uma temperatura mais alta, proxima do ponto de ebulição do acido phenico, contem uma porção maior d'esse acido, de acido cresylico, e de outros oleos saponificaveis.

Estes oleos, tratados por um soluto de soda caustica mais ou menos diluido, agitados em bateadeiras mechanicas, entregues ao repouso por algumas horas, separam-se em duas camadas; a superior contem a bensina, a toluena, a cumena, a cymena, a mistura que constitue a bensina commercial e os oleos superiores não saponificaveis; a camada inferior contem o que o auctor chama o phenato de soda bruto, que vem a ser um soluto aquoso, comprehendendo o acido phenico, o cresylico e os oleos saponificaveis; o todo dissolvido na soda em excesso.

Este phenato bruto, saturado pelo acido sufferico, divide-se em duas camadas; a inferior, constituida por um soluto de sulfato de soda; a superior, formada por um liquido de côr mais ou menos intensa, o qual contem:

Acido phenico real.

Acido cresylico.

Oleos saponificaveis.

Oleos não saponificaveis em solução.

Naphtalina em solução.

Agua e sulphidrato de amoniaco.

Tal e o *crude carbolic* ou acido phenico bruto.

#### ENSAIO DO ACIDO PHENICO BRUTO

O sr. Casthelaz aconselha o processo do sr. Ch. Lowe.

Em uma retórta tubulada ou não, com ou sem thermometer, sem aparelho especial de condensação, sem refrigerante, submete-se a uma distillação fraccionada:

1,000 partes ou 200 centímetros cubicos de acido a ensaiar.

Em uma proveta graduada, recolhe-se:

100 partes de agua e liquido oleoso.

Se este ultimo sobrenada, contem oleos ligeiros. Se é mais pesado que a agua, pôde considerar-se como tendo 10 % de acido phenico crystallisavel.

N'outra proveta graduada recolhe-se:

625 partes de acidos phenico e cresylico anhydros.

O residuo que fica na retorta é uma mistura de acido cresylico, homologos superiores e productos d'alcatrão.

Como as proporções dos dois acidos de que se trata, contidas nas 625 partes do liquido distillado, hão de naturalmente variar, determina-se a quantidade de cada um d'elles por meio do ponto de crystallisação, o qual pôde variar de 15<sup>o</sup>,5 a 24<sup>o</sup> centigrados. Fixada esta temperatura, mistura-se quantidades conhecidas de acido phenico crystallizado e de acido cresylico, até se obter um ponto de crystallisação semelhante (um cristal de acido phenico determina mais depressa a crystallisação) e d'ahi se conclue o titulo da amostra submettida á analyse.

Ora, como um excesso de acido cresylico impediria a crystallisação, é preciso recorrer em certos casos a uma segunda distillação fraccionada, que se suspende a 190<sup>o</sup> centigrados.

Como o acido phenico real ferve a  $183^{\circ}$   
 — cresylico ortho — a  $185^{\circ}$   
 — — méta — a  $195^{\circ}$   
 — — para — a  $198^{\circ}$

O ensaio por distillação, operando sobre 100 centímetros cubicos de acido phenico bruto, em retorta tubulada, com thermometro immerso, dá indicações rapidas, que servem de contraprova aos resultados do ensaio precedente.

De  $90^{\circ}$  a  $110^{\circ}$  passam as aguas.

De  $110^{\circ}$  a  $180^{\circ}$  — os oleos ligeiros.

De  $180^{\circ}$  a  $190^{\circ}$  — o acido phenico e pouco cresylico.

De  $190^{\circ}$  a  $200^{\circ}$  — pouco phenico e o cresylico.

De  $200^{\circ}$  a  $205^{\circ}$  — o para cresylico.

Por *crude carbolic*  $60\%$ , entende-se pois um acido phenico bruto, contendo  $60\%$  d'acido phenico real crystallisavel.

O acido de que nos occupamos é a materia prima do acido phenico crystallisado, e do acido phenico liquido, do qual trataremos no numero seguinte.

(Continúa.)

GUIMARÃES DARCK.

## VARIÉDADES

**A vaselina e os outros derivados do petroleo condemnados como comestiveis.**— O

nosso consocio e amigo, o sr. A Riche, distincto professor da escola de Paris e ensaiador das moedas de França, em uma das ultimas sessões do conselho de hygiene do Sena, leu um parecer de commissão, condemnando a vaselina e os outros productos seus similares, taes como a petrolina, neutralina, etc., applicada ao fabrico dos doces.

A commissão fundamenta a sua opinião na circumstancia d'estes productos não gosarem das qualidades nutritivas das gorduras nem da manteiga, e de ser por emquanto desconhecida a sua acção na economia, quando ingeridos.

## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 11 DE NOVEMBRO—Presidencia do sr. commendador

JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *Jára* referindo-se á noticia publicada no jornal a *Gazeta Commercial*, que accusou a classe pharmaceutica de envenenadora do publico por manipular erradamente as prescripções dos clinicos, lastimou que a imprensa propale taes accusações sem um conhecimento completo dos factos para não cair em erro, o que é indesculpavel em assumptos tão importantes.

Que as informações colhidas por elle, *orador*, estavam em opposição completa ás adquiridas pela *Gazeta Commercial*.

Que houve envenenamento não derivado de erro de manipulação, mas d'um exagero de dôse therapeutica prescripta pelo facultativo do enfermo.

Que era indispensavel usar a classe d'uma medida energica, e para isso propunha, que a sociedade tomasse o caso na devida consideração.

O socio *Fragoso* historiou largamente a questão apresentada pelo sr. *Jára*, e declarou que, por sua parte e na qualidade de director d'um jornal de pharmacia, já tinha saído a discutir com a *Gazeta Commercial*, defendendo a classe das accusações que lhe foram dirigidas. Em quanto á proposta apresentada pelo sr. *Jára*, para que se tomasse qualquer resolução, entendia que era imprudente involve-se a sociedade.

Fallaram os srs. *Jára*, *Pereira Rodrigues*, *Coelho de Jesus*, *Silva Machado*, *Carvalho* e *Drack* que insistiu mais par-

<sup>1</sup> Por esquecimento não se publicou esta acta no n.º 2.

tualmente na inconveniencia da sociedade se involver na questão.

A assembléa resolveu, por maioria, que a sociedade não tomasse em consideração o assumpto tratado pelo sr. Jára; visto que já um socio tinha começado a defeuder a classe.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—  
O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

---

SESSÃO DE 13 DE JANEIRO—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

As oito horas da noite declarou-se aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Entre a correspondencia figurava um officio do presidente do congresso pharmaceutico, que deve realizar-se em Bruxellas, convidando a sociedade a fazer-se representar: resolveu-se conceder o diploma de representante da sociedade ao sr. dr. Alves, e a qualquer outro socio que deseje ir ao congresso.

Elegeu-se membro da commissão de physica o sr. João Baptista da Fonseca Queiroz.

O sr. *Jára* declarou que em breve ia ao Algarve com o fim de obter esclarecimentos sobre a especie a que pertence o peixe de cujos figados se extrahem um oleo de propriedades therapeuticas eguaes ás do oleo de figados de bacalhau.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—  
O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

---

SESSÃO DE 27 DE JANEIRO—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Entre a correspondencia figuravam dois officios; um do sr. José Pereira Rodrigues, em que pedia a exoneração do lugar de thesoureiro; outro do sr. Miguel José de Sousa Ferreira, em resposta ao que lhe fôra dirigido pelo sr. pri-

meiro secretario sobre a questão ventilada no *Boletim de Pharmacia*.

Sobre o officio do sr. Rodrigues resolveu-se que a mesa fosse procurar este cavalheiro para lhe pedir que retirasse a escusa.

Sobre o officio do sr. Sousa Ferreira fallaram varios socios, tendo-se dado um pequeno incidente por causa de umas palavras pronunciadas pelo sr. Rosa, incidente que foi resolvido satisfactoriamente.

Constituiu-se a commissão de pharmacia, que ficou composta dos srs. Manuel Vicente de Jesus, Fonseca Queiroz, José Antonio d'Oliveira e Antonio d'Ascenção.

Foi approvada unanimemente a proposta apresentada na sessão anterior pelo sr. presidente, para que se officiasse ao centro pharmaceutico agradecendo-lhe a resolução tomada na reforma dos estatutos.

O sr. Rosa fez varias perguntas á mesa, a que respondeu o sr. presidente.

A instancias do sr. Coelho de Jesus, para que se deliberrasse por uma vez, se a sociedade estava resolvida a fazer a exposição que se annunciara para o futuro anniversario, resolveu-se, em presença da indifferença dos pharmaceuticos portuguezes, desistir de tal idéa.

Foram eleitos socios os srs. Francisco José da Costa e Francisco Julio Tavares de Magalhães, de Lisboa.

Encerrou-se a sessão ás dez horas da noite.— O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

## da Ordem dos Farmacêuticos

SESSÃO DE 10 DE FEVEREIRO.—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás oito horas da noute.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. presidente offereceu da parte do sr. Carlos Lopes, habil escripturario da botica do hospital de S. José e a quem

está confiada a escripturação da sociedade, um desenvolvido mappa descriptivo da quantidade e qualidade de medicamentos officinaes e magistraes expedidos por aquella repartição durante o anno de 1878.

Sendo analisado o mappa por varios socios consideraram-no como um trabalho importante e digno de figurar nas paginas do jornal. Resolveu-se que fosse publicado, por indicação do sr. presidente, que propoz tambem um voto de agradecimento ao sr. Lopes pela prova de deferencia dada á sociedade. Foi approvedo.

Tendo a sociedade pharmaceutica do Mexico offerecido um exemplar da nova pharmacopéa mexicana, resolveu-se, por proposta do sr. Silva Machado, enviar-o a uma commissão composta dos presidentes e vogaes das commissões de chimica, pharmacia e historia natural, para dar a sua opinião sobre o seu merecimento scientifico.

O sr. *Simões d'Abreu* declarou que, se tivesse assistido á sessão anterior, teria votado contra a admissão do sr. Francisco José da Costa para membro d'esta sociedade pela circumstancia d'este cavalheiro ser pharmaceutico homeopatha.

O sr. presidente, Rosa, Coelho de Jesus, Silva Machado e Fragozo fallaram sobre este assumpto, que ficou para se resolver em outra sessão.

Tendo os srs. Pedro Fernandes da Cunha e Silva Pratas enviado duas propostas para a sociedade decidir se ellas podiam ser enviadas ao congresso de Bruxellas; resolveu-se eleger uma commissão de cinco membros para dar a sua opinião.

Uma noticia dada em tempo por um socio, que declarou estar uma pharmacia dispensando medicamentos sem que o responsavel resida no mesmo concelho e por isso não a poder vigiar como a lei prescreve, suscitou discussão entre varios socios, resolvendo-se que a mesa represente superiormente contra o facto.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas. — O segundo secretario, *Emilio Fragozo*.



## PHARMACIA

—  
Dosagem da morphina no opio

PELO SR. VON PERGER

Este chimico, depois de comparar os diferentes processos até hoje propostos para determinar a percentagem da morphina no opio, concluiu que para uma *mesma* amostra, a cifra, accusada pela analyse, pôde variar entre 0,507 e 8,37 % conforme o processo empregado, e offerece, como preferivel, um processo seu, que se resume no seguinte :

Excipiar 10-20 grammas d'opio, reduzido a pó impalpavel, por 150 a 200<sup>o</sup> de agua distillada, aos quaes se junta 15 a 30 grammas de barita, até o liquido excipiado denunciar a morphina pelo reagente molibdosulfurico.

Saturar então o liquido pelo acido carbonico, evaporar a secco em b. m., e excipiar completamente o residuo pelo alcool absoluto e fervendo.

Evaporar a secco o menstuo obtido, e abandonar o residuo por algum tempo, tendo-lhe previamente juntado 15<sup>o</sup> d'agua ammoniacal; filtrar, seccar a 40<sup>o</sup> a parte insolovel, excipiar pelo chloroformio exempto de alcool, e dissolver no acido chlorhydrico fraco; finalmente precipitar pela soda.

O alcaloide bruto assim obtido é geralmente bastante puro, para com elle se poder determinar a sua percentagem; mas, se fôr necessario obter-o absolutamente puro, redissolver-se-ha no acido acetico, precipitar-se-ha algumas impurezas pelo ferrocyaneto potassico, e reprecipitar-se-ha emfim a morphina pela ammonia, depois de ter filtrado.

D.

---

Cocaína

Este alcaloide está sendo objecto de numerosas experiencias dos medicos e dos physiologistas, desde que o distincto ophthalmologista de Vienna d'Austria, dr. Koller,

tornou publico, ha poucos mezes, o bom resultado que colheu da applicação do soluto de chlorhydrato de cocaína como anesthesico local dos olhos.

A cocaína havia sido já, em diferentes épocas, ensaiada physiologicamente, e d'esses ensaios tinha resultado saber-se que, além da analogia que apresenta com a cafeína, a theína e a theobromina, produz mydriase (Schroff) e actua como narcotico brando (Fronmüller), sendo tambem anti-diarrheica (Aschenbrandt) e util em injeções hypodermicas no tratamento da morphiomania (Fleischl e dr. Frend); finalmente, foram-lhe attribuidas propriedades aphrodisiacas (dr. Frend).

Actualmente, é na cyrurgia ophthalmologica que o seu uso se está vulgarisando, constituindo já para o ophthalmologista um medicamento indispensavel (dr. Reichenheim).

A cocaína é o principio activo das folhas de coca (*Erythroxylon coca*, Lam.), arbusto originario do Perú, notavel pelo uso que os indigenas fazem das folhas, que mastigam para mitigar a fome e a sede, conseguindo assim supportar uma e outra por muitas horas.

Foi Niemann, sob a direcção de Wœhler, quem isolou pela primeira vez a cocaína; Lassem estudou-a depois e assignalou-lhe o formula dualista  $C^{34} H^{24} Azo^8$ . Apresenta os caracteres seguintes: crystaes do systema monoclinico; incolor, inodora, ligeiramente amarga; soluvel em 70% de agua, muito soluvel no alcool e ainda mais no ether, funde-se a 98°, não se volatilisa. Combina-se com os acidos para formar saes, que são na maior parte amorphos.

No commercio estrangeiro encontram-se os seguintes saes de cocaína: chlorhydrato, salicylato, bromhydrato, tartrato e citrato. O primeiro é o que geralmente se prefere, por ser o mais ensaiado; é o que se encontra em Lisboa e tem sido aqui applicado na cyrurgia ophthalmologica, em soluto aquoso de 0,05 : 1, o qual se instilla entre as palpebras para produzir a anesthesia local.

Segundo se affirma, obtem-se assim no fim de 10 minu-

tos, o maximo, uma completa insensibilidade da conjunctiva ocular e da cornea.

O preço commercial d'este novo agente therapeutico é elevadissimo (8\$000 réis cada um gramma, em Lisboa) e tem tendencia para subir, porque a procura nos mercados estrangeiros é superior á producção, e esta é muito diminuta em virtude da relativa escacez de folhas de coca e da pequena percentagem de alcaloide que fornecem (0,05 a 0,4 por cento do peso das folhas empregadas).

### Acceptol

Acceptol é o nome vulgar d'um novo acido (*orthoxyphenylsulfuroso*), cujas propriedades antisepticas o tornam succedaneo dos acidos phenico e salicylico, dos quaes não possui os inconvenientes.

A estructura molecular do acceptol é  $C^6H^4O H(SO^2OH)^2$ , no que tambem apresenta grande analogia com o acido salicylico, que tem a seguinte formula —  $C^6H^4O H(COOH)^2$ . Á temperatura ordinaria, o acceptol é liquido de consistencia xaroposa, côr alambreada, leve cheiro caracterisco, não desagradavel, como o do acido phenico, muito solúvel em agua; fracamente caustico e irritante; de densidade 1,400; crystallisa á temperatura de 8 a 10° em massas elegantes de crystaes aciculares; distilla a 130°. Com o perchloreto de ferro produz côr violeta, da mesma maneira que os acidos salicylico e phenico. Fundido com potassa dá resorcina, pyrocatechina e hydroquinon.

O acceptol obtem-se pela acção do acido sulfurico sobre o acido phenico. Tem sido muito ensaiado, confirmando todos os ensaios o seu poder antiseptico a par d'uma diminuitissima acção toxica.

Tem sido applicado com vantagem no tratamento de ulceras da cornea, blepharites ciliares rebeldes, e conjunctivites purulentas.

S. M.

## Saponina proveniente da *Saponaria officinalis*

PELO SR. G. CHIAPARELLI

**Preparação.**— Quando se trata a raiz de saponaria por alcool a 90°, e se abandona o liquido alcoolico em um lugar fresco por algum tempo, deposita-se nas paredes do vaso em que se opéra, uma substancia amarella, em flocos. É a saponina com materia corante e substancias mineraes. Aquella separa-se pela lavagem por meio do alcool e digestão em um mixto d'alcool e ether; as substancias mineraes separam-se por intermedio do alcool e da barita (em tratamento successivo,) a qual é eliminada a seu turno pelo acido sulfurico.

Retorna-se pela agua a saponina assim obtida, precipita-se pelo alcool e pelo ether, e trata-se mais uma vez pelo alcool em pequena quantidade. Evaporando no vacuo este soluto, obtem-se a saponina pura, em flocos brancos, que se lavam com ether e secam no vacuo sobre acido sulfurico.

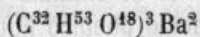
Os resultados da analyse collidos pelo sr. Chiaparelli approximam-se muito dos de Rochleder, e permittiram-lhe fixar a formula já proposta por este  $C^{32} H^{54} O^{18}$ .

**Propriedades.**— É constituída por um pó branco, amorpho e que produz espirros: venenosa, solúvel na agua, pouco no alcool ( $\frac{1}{100}$  no ponto de ebullicão), insolúvel no ether, na bensina, e chloroformio.

Os solutos aquosos da saponina apresentam a singular propriedade de dissolver saes que são insolúveis na agua, taes como o sulfureto de chumbo e o sulfato de barita. É precipitada pelo acetato de chumbo e pelo azotato de prata ammoniacal.

É levogira  $(\alpha)_D = 7.30$ .

O saponito de bario parece ter por formula



Constitue um pó branco, amorfo, solúvel na água fervente.

A saponina aquecida em b. m. com os ácidos diluídos desdobra-se em uma glicosa ( $\alpha_D = +52.48^\circ$ ) e em saponina  $C^{40}H^{66}O^{15}$ , corpo crystallino, insolúvel na água, e no ether, e solúvel no alcohol.

## CHIMICA

### Nota sobre os ácidos phenicos do commercio

PELO SR. C. CASTHELAZ

(Continuado de pag. 37)

#### ACIDO PHENICO LIQUIDO

Este ácido que a Inglaterra consome e expede não é outra coisa mais do que o residuo da fabricação do ácido phenico crystallizado, contendo apenas vestígios de ácido real. É sempre acompanhado de um cheiro mais ou menos pronunciado e desagradavel, quasi sempre devido ao ácido sulphídrico e aos sulphidratos de ammoniaca ou de outras bases que contem.

A sua presença, entre tanto, é facil de descobrir: agita-se o ácido suspeito com água, junta-se-lhe acetato de chumbo, que precipita em negro, e em maior ou menor quantidade, conforme a abundancia dos sulfuretos.

O sr. *Casthelaz* em 1881 tirou um privilegio de invenção para desinfecar o ácido phenico liquido. O seu processo consiste em agitar fortemente o ácido com um soluto de bi-sulfito de soda, o qual se transforma em hypo-sulfito inodoro e que fica em solução na água.

Segundo este illustre chimico, a cor mais ou menos carregada do ácido phenico liquido depende principalmente das lavagens porque se fez passar os residuos da fabricação do ácido phenico crystallizado antes de redistillal-o. Quando não ha o cuidado de eliminar as bases provenientes dos alcatrões, o ácido phenico liquido vai adquirindo

com o tempo tanta mais cor, quanto maior é a sua idade. Esta observação do sr. Casthelaz, é importante.

O acido phenico liquido ordinario apparece no mercado com o titulo de 95, 90, 80 e até 50 0/0. Estes algarismos, longe de representarem a percentagem do acido phenico real, como parece que deveria ser, referem-se apenas ás quantidades de acido cresylico ou de oleos saponificaveis que se contem em 100 partes.

Os acidos phenicos liquidos a 95 e a 90 0/0, que proveem só da distillação dos residuos da fabricaço do acido phenico crystallisado, contem 5 e 10 0/0 de agua.

O acido vendido com o nome *carbolic liquid*, e que marca tão sómente 50 0/0 é mais um producto de synthese commercial do que outra coisa, e só vae ao mercado nos momentos criticos, de grande procura. Deve conter normalmente

Acido cresylico, oleos saponificaveis . . . . .	50 0/0
Oleos d'alcatrão ligeiros e pesados, não saponificaveis . . . . .	40 0/0
Agua . . . . .	10 0/0

Todavia, segundo refere o auctor da memoria de que nos estamos occupando, tem apparecido no commercio francez (e naturalmente tambem entre nós), com o nome de acido phenico liquido a 50 0/0, misturas e solutos sodicos que, em vez dos 50 0/0 promettidos, mal dão 30 0/0. Estes acidos, acrescenta o sr. Casthelaz, são de origem ingleza e allemã.

#### ENSAYOS COMMERCIAES DO ACIDO PHENICO LIQUIDO

Desde 1872 teem successivamente sido propostos diferentes processos de analyse.

De todos elles o mais rigoroso, quando executado por mãos exercitadas, é o de Koppeshear, proposto tambem em 1878 por Dagener com uma leve modificação. Funda-se na propriedade que o phenol tem de transformar-se facilmente em tribromophenol insolavel.

Mas no commercio contentam-se geralmente com o ensaio por meio da potassa ou da soda.

Ora o sr. Casthelaz prefere os ensaios seguintes :

1.º

Em uma provêta ou tubo graduado lança-se 50 centímetros cubicos de acido phenico liquido e egual porção de agua distillada.

Agitado o tubo e entregue ao repouso, o acido que é muito pouco solúvel na agua deve occupar o mesmo volume.

Se occupa um volume menor, claro está que contem substancias estranhas soluveis na agua: alcoes, glicerina, phenato de soda, etc.

2.º

Introduz-se em um tubo graduado 50 centímetros cubicos de acido phenico liquido e outro tanto de acido sulphurico fraco diluido em egual volume de agua.

Se o volume do acido phenico diminue pouco, a differença corresponde muito approximadamente á quantidade de agua que se contem no acido submettido ao ensaio.

Se, pelo contrario, o volume do acido phenico diminue muito, é porque existe um phenato de soda em solução no acido phenico, e a camada superior insolúvel indica a quantidade de acido cresylico e de oleos ou outros productos saponificaveis.

3.º

Para estimar quantidades pequenas de oleos não saponificaveis, é necessario operar sobre porção maior do que as antecedentes.

100 centímetros cubicos de acido phenico liquido.

100 — — — de soda caustica a 40 Baumé.

800 — — — de de agua distillada.

A parte liquida insolúvel constitue os oleos não saponificaveis. A parte cristallina solida, que sobrenada, é composta de naphtalina, que se pôde recolher em um filtro e pesar.

## 4.º

Em uma retorta tubulada, com thermometro a distancia de um centimetro do fundo da mesma, operando em 100 centimetros cubicos, nota-se com toda a attenção:

1.º A agua que passa antes da distillação do acido cresylico, porque a presentagem depende d'isso principalmente.

2.º A presentagem do producto oleoso distillado de 182, que indica o acido phenico.

3.º A presentagem distillando de 180 a 205, que indica os acidos cresylicos.

4.º A proporção dos residuos que ficam na retorta.

Estes dados servem de contraprova aos tres primeiros ensaios, e permitem fixar com exactidão a natureza do acido phenico a ensaiar, por isso que o titulo commercial de um acido phenico liquido é igual ás quantidades soluveis na soda, menos a proporção d'agua indicada pela distillação.

## PHENOS SODADOS

Os ensaios que sr. Casthelaz aconselha para os acidos phenicos liquidos são egualmente applicaveis á determinação da percentagem e natureza dos phenoes sodicos. E isto é tanto mais importante, quanto é certo que misturas contendo proporções fortes de phenato de soda teem girado no commercio com o nome de acido phenico liquido.

Segundo o mesmo chimico seria conveniente não admitir senão um só phenol sodado, o de Codex, o qual é preparado com o acido phenico crystallizado, visto girar no commercio differentes misturas ou restos de phenatos, cresylatos de soda, ou de outros oleos saponificaveis, mais ou menos causticos, o que faz suppor que são fabricados com acidos phenicos brutos ou liquidos ordinarios,

GUIMARÃES DRACK.



## **Novo reagente da atropina**

*Pelo sr. w. Gerard*

Este auctor apresenta o processo seguinte:

Introduz-se n'um tubo de ensaio pequena quantidade de atropina; junta-se-lhe 2 centímetros cubicos de soluto de 5 partes de chloreto de mercurio em 100 partes de alcool a 50° e aquece-se ligeiramente, para produzir no mesmo instante precipitado, que se torna vermelho côr de tyjôlo. Esta reacção não se apresenta nos solutos diluidos.

A reaação supra tem sido reproduzida com a hyosciamina, daturina e a homatropina; tornando-se uma prova, cada vez maior, da unidade dos alcaloides mydriaticos.

Não se tem obtido esta reacção com algum dos alcaloides seguintes: strychnina, bruciana, morphina, codeina gelsemina, cafeina, theina, cinchonina, quinina e quinidina. A maior parte d'estes alcaloides têm dado precipitado branco.

## **Pesquisa do acido phenico na creosota**

Grande numero de methods têm sido indicados para descobrir as misturas da creosota e do acido phenico, ou para se reconhecer a falsificação do primeiro d'estes corpos pelo segundo.

O sr. Rust emprega o collodio como reagente; 15 partes de phenol e 10 partes de collodio produzem massa gelatinosa, enquanto que a creosota se mistura ao collodio dando um soluto transparente.

O sr. Clark aconselha juntar ao soluto de creosota no alcool um outro de perchloreto de ferro; com a creosota obtem-se coloração azul-esverdinhado, enquanto que o phenol, tratado da mesma maneira, produz coloração escura.

Para descobrir a presença do phenol na creosota, deve-se ferver alguns grammas de azeite com excesso de acido azotico até que não se desenvolva mais vapores vermelhos; o soluto será em seguida decomposto pela potassa, for-

mando-se cristaes de picrato de potassa, provenientes do phenol que existia na creosota; esta, nas mesmas condições, produz acido oxalico.

O sr. Flückiger aquece o azeite para ensaiar com o quarto de seu volume de ammoniaco, deita tudo em uma grande capsula de vidro, e decanta o excesso de liquido; a mesma capsula é inclinada sobre um frasco contendo bromo, que produzirá coloração azul em presença do phenol.

O sr. Hager rejeita, como suspeita, toda a creosota que, deitada gota a gota na agua, não toque no fundo, pela ligeira agitação, ou que não conserve a sua transparencia na agua; aquella que, agitada com a ammoniaca, não dá soluto transparente ou que, pela ebulição com a ammoniaca e em repouso de um dia, deixa sobrenadar um liquido esverdinhado, azul ou violeta; considera ainda como falsificada a creosota que, adicionada de seu volume de collodio, produz liquido gelatinoso, ou se turva quando solvida na potassa e o seu soluto se dilua por vezes com equal volume de agua.

O sr. Read apresenta ainda os caracteres seguintes, que devem distinguir a creosota do phenol.

Ajunta-se, ao azeite para ensaiar, tres ou quatro vezes o seu volume de agua de baryta; a creosota produz soluto turvo, o phenol soluto transparente, algumas vezes e, passado algum tempo, um precipitado.

O soluto alcoolico de perchloreto de ferro dá com a creosota, coloração verde, com o phenol, coloração escura.

O soluto aquoso de perchloreto de ferro não produz coloração com a creosota e dá coloração azul com o phenol.

(Bulletin de pharmacie de Lyon.)

### **Chloreto de zinco como reagente dos alcaloides**

A substancia, que contém alcaloide, é dessecada completamente e humedecida com duas ou tres gotas de soluto

preparado com 15 partes de chloreto de zinco e 60 partes de acido chlorhydrico; a mistura será evaporada a banho de agua.

A strychnina, colora-se em vermelho-cinabrio; a thebaína, em amarello; a veratrina, em vermelho; a narceína, em verde-azeitona; a delphina, em vermelho-escuro; a quina, em amarello-claro; a berberina, em amarello; a digitalina, em castanho; a salicina, em vermelho-violeta; a santonina, em azul-violeta; a cubebina, em vermelho-carmim.

(Amerik. Journal of Pharmacy.)

J. D. CORRÊA.

### Separação e dosagem do bismutho e do cobre

PELO SR. LOEWE

Transformados os metaes em nitratos, precipita-se os dois oxydos por um grande excesso de soda e junta-se glicerina. Os precipitados redissolvem-se assim no liquido. Juntando-lhe então um soluto de glucosa (3 a 4 partes de glucosa para 1 de metal), e abandonando a mistura por 8 a 10 horas em um lugar frio e escuro, só o oxido de cobre é reduzido.

Recolhe-se o oxido cuproso sobre um filtro, lava-se primeiramente com agua addicionada de soda e glicerina, e depois com agua pura, enxuga-se com papel de filtro, secça-se a 100° e pesa-se; ou transforma-se em oxido cupríco e dosa-se n'este estado.

Para dosar o bismutho que ficou solvido no liquido primitivo, alcalino, ferve-se este em uma capsula de porcelana bem envernizada: o bismutho se precipitará no estado metallico.

Lava-se na propria capsula por decantação, depois sobre um filtro, e procede-se em tudo mais, como se fez ao oxido cuproso. As lavagens devem ser executadas com prestesa, para evitar que o metal em grande estado de divisão se oxide superficialmente.

D.

## BIBLIOGRAPHIA

## NUEVA FARMACOPEA MEXICANA

DE LA

## SOCIEDAD FARMACÉUTICA DE MÉXICO

Segunda edicion, corregida, aumentada y arreglada por los profesores Alfonso Herrera, Francisco Gonzales, José M. Laso de la Vega, Severiano Peres y Dr. Manuel S. Soriano, Miembros de la Comision Permanente de Farmacopea de la referida Sociedad.

Esta obra saiu dos prelos em setembro do anno findo, e d'ella temos agora conhecimento por a Sociedade pharmaceutica do Mexico ter offerecido ultimamente um exemplar á Sociedade pharmaceutica lusitana.

Não tivemos ainda occasião de ler toda a pharmacopêa, e, ainda que a houvessemos lido, não poderiamos, por falta de competencia, fazer o seu juizo critico; mas, n'um rapido exame, pareceu-nos ser um dos livros mais completos no seu genero.

Em vista pois da falta de tempo e da nossa insufficiencia, limitamo-nos a indicar o plano da obra, que se nos afigura excellente, e a summula das materias de que trata.

A Nova pharmacopêa mexicana é um volume em 8.º grande de 432 paginas de duas columnas e em optimo papel; impressão compacta, mas legivel. Cada columna tem superiormente, á maneira de dictionario, as tres letras iniciaes dos artigos que contem, o que facilita muito a pesquisa d'estes, sem ser preciso recorrer ao indice.

Está dividida em tres partes: *prologomenos, historia natural das drogas simples, pharmacopêa propriamente tal*; e esta subdivide-se ainda em duas partes: *productos quimicos, preparações pharmaceuticas*.

Nos prologomenos acham-se reunidas diferentes tabuas que o pharmaceutico, no exercicio da sua profissão, deve ter muitas vezes occasião de consultar com proveito.

A historia natural das drogas simples consta do estudo dos productos naturaes de origem organica empregados

em pharmacia, comprehendendo as synonymias vulgar e scientifica, a franceza e a ingleza; familias a que pertencem; patria, caracteres mais notaveis das classes officinaes; composição chimica; processo para determinar a quantidade de principio activo que conteem os mais importantes; falsificações e substituições; meios mais sensiveis, seguros e expeditos para reconhecer estas fraudes; preparados pharmaceuticos que os teem por base; doses e applicações therapeuticas mais importantes; substancias incompativeis, antidotos e contra-venenos.

A primeira parte da pharmacopea propriamente tal trata dos productos chimicos, e comprehende as synonymias vulgar e scientifica, a franceza e a ingleza; principaes caracteres; meios mais economicos e melhores para obtel-os e para reconhecer a sua puresa; preparados pharmaceuticos que os teem por base; doses e applicações therapeuticas; substancias incompativeis, antidotos e contra-venenos; aguas mineraes naturaes e artificiaes usadas no Mexico.

Na segunda parte da pharmacopea propriamente tal encontra-se a collecção das prescripções e formulas para os preparados que o pharmaceutico deve fazer, e a indicação dos dados que a commissão julga mais seguros para a boa escolha d'aquelles que são fornecidos pela industria.

A nova pharmacopea mexicana é um livro que está a par dos progressos da sciencia, occupando-se dos productos mais recentemente introduzidos na materia medica, e pôde ser considerado como um bom repositorio de uteis indicações, que merece ser adquirido pelos pharmaceuticos.

É escripta em hespanhol, que é o idioma nacional do Mexico; a exposição é clara, mas concisa; tem indices n'aquelle idioma e em francez, inglez e latino, e um indice dos auctores citados na obra.

S. M.

## VARIEDADES

**Henninger.**— Nem só por cá ha perdas notaveis a lamentar no campo da sciencia; a França, depois da morte dos professores Dumas e Wurtz, sente a falta de Henninger, discipulo predilecto de Wurtz, de quem foi preparador e collaborador, tomando uma parte muito interessante na redacção do dictionario de chimica do mestre, graças aos seus conhecimentos quasi encyclopedicos, á sua rara memoria e ao seu muito amor pelo trabalho.

Depois de 1870, Henninger dava o melhor do seu tempo ao laboratorio de chimica, tanto em trabalhos pessoaes, como na direcção dos discipulos entregues aos seus cuidados.

Doutorado em medicina, em presença de uma these muito notavel sobre as peptonas, foi logo agregado á faculdade, aonde substituiu Wurtz, grangeando grandes creditos como professor eloquente e manipulador *hors ligne*, o que lhe obteve uma cadeira na Escola de chimica e physica ultimamente creada pelo municipio de Paris.

A synthese da orcina, os seus trabalhos a respeito das peptonas, e dos productos da redução da erythrite, numerosos trabalhos de chimica biologica são monumentos que lhe asseguram um lugar eminente entre os sabios francezes ainda moços, como elle.

D.

**Misturas explosivas.**— Podem dar-se muitas vezes nas pharmacias accidentes desastrosos resultantes da inadvertencia de se misturarem substancias que, postas em contacto, detonam. Não devem ser considerados superfluos todos os meios que se empreguem para evitar taes accidentes; por isso observa com muita rasão o dr. Jeanne, em um dos seus notaveis artigos de critica ao novo Codex francez, que teria sido muito util recordar:

Que o permanganato de potassa faz explosão quando é

triturado com glicerina, assucar, acido phenico, tannino, extractos seccos, etc. ;

Que os azotatos acidos de mercurio e de prata produzem fulminatos eminentemente explosivos logo que se aquecem com alcool ;

Que é extremamente perigoso misturar a tinctura de iodo com ammoniaco por causa do iodeto de azote eminentemente explosivo que estes dois corpos produzem quando postos em contacto ;

Que os chloratos de potassa e de soda não devem ser triturados com as materias organicas seccas, sob pena de explosão. S. M.

**Ensaio do iodoformio.** (*Processo Agema.*) — Introduz-se uma pequena porção n'um vidro com agua distillada e agita-se com força repetidas vezes ; filtra-se, junta-se ao liquido filtrado um soluto alcoolico de azotato de prata e deixa-se em contacto durante vinte e quatro horas. Se o iodoformio contem impuresas, forma-se um deposito negro de prata reduzida, ao passo que sendo puro produz-se apenas uma ligeira turvação branco-cinzenta. S. M.

**A reforma do ensino pharmaceutico.** — Tendo nós escripto um artigo em continuação dos que publicámos na *Gazeta dos Hospitales Militares*, sob o titulo acima indicado ; mas julgando mais conveniente publical-o no nosso jornal : e havendo uma relação intima entre todos, não pôde o novo artigo ser devidamente apreciado, sem se conhecerem os anteriores, por isso somos obrigados a transcrevel-os primeiro, e é o que vamos fazer.

### I

A faculdade de medicina da Universidade elaborou um projecto de reforma dos estudos da sua especialidade, e propõe tambem que se crie a faculdade de pharmacia.

A *Coimbra Medica* publicou estes projectos, e, no relatorio que nos interessa mais directamente, diz a commissão que o organisou, que o projecto de pharmacia satisfaz a uma

urgente necessidade e que ha de dar maior instrucção ao pharmaceutico. Effectivamente, se o projecto fôr approvado, ha de produzir bastantes beneficios na classe pharmaceutica, e portanto no paiz, porque lhe dá o que ella constantemente tem perdido,—a larga instrucção.

Este ramo de sciencias medicas está decaido, e como a approvação do projecto ha de melhorar muito o seu estado actual; visto o curso de pharmacia annexo ás escolas de medicina ser muito deficiente, fazemos votos para que elle seja convertido em lei.

Estimavamos mais que o ensino do pharmaceutico ficasse unicamente confiado aos pharmaceuticos, porque a classe medica, ainda que é muito distincta, não poderá dedicar-se a estudar a parte exclusivamente pharmaceutica, não só porque, sendo o professor um medico, é mais natural que profunde e cultive o seu ramo, mas tambem porque, havendo, por exemplo, cincoenta alumnos matriculados na faculdade de medicina, e dez apenas na de pharmacia, ha de necessariamente ser forçado a inclinar-se para o lado da maioria que o escuta. Mas, não se tendo podido alcançar a approvação do projecto, patrocinado pela Sociedade pharmaceutica lusitana, oxalá que seja digno de melhor sorte o que faz objecto das nossas considerações.

Na nação visinha, foram, este anno, postas em execução varias medidas, sobre a sciencia pharmaceutica, que darão aos nossos futuros collegas de Hespanha uma completa instrucção, e os collocarão na altura de poder satisfazer ás exigencias da nossa especialidade.

Até no Chili se vae crear uma faculdade de pharmacia, e nós não devemos ficar áquem das outras nações, sem quebra da elevação scientifica do paiz; e esta circumstancia imperiosa deve levar os que presam o desenvolvimento scientifico nacional, a empregarem todos os meios, afim de se completar a educação profissional da classe pharmaceutica, porque esta, illustrando-se e aperfeiçoando-se mais, ha de necessariamente concorrer para o bom nome do paiz.

(Continúa.)

F. DE CARVALHO.



## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 10 DE MARÇO—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Às oito horas da noite abriu-se a sessão.

Foi approvada a acta da sessão antecedente, depois do sr. *Rosa* ter feito algumas observações, a que respondeu o sr. *presidente*.

A correspondencia teve o devido destino.

Os srs. *Carvalho* e *Rosa*, declararam haver omissões nas ultimas actas publicadas nos jornaes da sociedade.

Foram-lhe dadas explicações, havendo replica da parte dos mesmos socios, terminando o incidente por se votar um requerimento do sr. *Fernandes do Cunha*, para que se passasse a outra ordem de trabalhos.

O sr. *Pratas* apresentou um requerimento, que foi approvado, para a commissão de pharmacia dar parecer sobre um livro intitulado — *Indice-chimico-pharmaceutico* — livro que o mesmo socio escrevera com o fim de prestar um certo serviço aos seus collegas.

Os srs. *Coelho de Jesus* e *presidente* trocaram breves palavras a proposito de não se ter enviado o jornal da sociedade á redacção da *Medicina Contemporanea*.

O sr. *Gonzaga* agradeceu a eleição de socio effectivo, e prometeu coadjuvar a sociedade em todos os trabalhos que necessitassem do seu prestimo, que era insignificante, se o comparasse ao de muitos outros cavalheiros, que faziam parte d'uma corporação tão justamente considerada.

Tendo o sr. *presidente* da sociedade dos pharmaceuticos do *Senna etc. Marne* (França) pedido esclarecimentos sobre o exercicio da pharmacia veterinaria no nosso paiz, resolveu-se, que a mesa o informasse do assumpto.

Foram eleitos membros de commissão especial, que deve estudar duas propostas da iniciativa dos srs. *Cunha* e

*Pratas*, os srs. *dr. Alves, Rosa, Coelho de Jesus* e os proponentes.

Foi eleito socio honorario o sr. *Ferreira da Silva*, membro da mesa do *Centro Pharmaceutico Portuguez*.

Discutiu-se o seguinte

**Parecer da commissão de chimica  
sobre uma amostra de vinho de peptona Defresne, suspetto**

*Senhores.*—A' vossa commissão de chimica foi presente uma garrafa com vinho de Peptona, de Defresne, que a esta sociedade remettêra o nosso consocio o sr. Ernesto Xavier Rodrigues, estabelecido em Torres Novas, pedindo que este preparado seja devidamente analysado, por se suspeitar que nos vem do estrangeiro falsificado.

A commissão para dar parecer seguro sobre assumpto tão importante, procurou obter da casa dos srs. Antonio Feliciano Alves de Azevedo, filhos, uma garrafa de vinho Peptona, de Defresne, directamente recebido do proprio auctor d'este preparado, para assim fazer sobre elle e o remettido pelo sr. Xavier Rodrigues os competentes ensaios comparativos. — E, com effeito, a vossa commissão de chimica, procedendo como lhe cumpria, chegou aos seguintes resultados:

VINHO DE PEPTONA, DE DEFRESNE (A ENSAIAR)

Notou-se que esta garrafa havia já sido aberta, pois que a rolha de cortiça que a tapava, vinha coberta com lacre vermelho, sobre o qual havia impresso o sinete com as iniciaes E. X. R., e sobre a capa externa, que revestia a garrafa, uma tarja vermelha circular.

Confrontando a garrafa, os involucros e impressos que a revestem, observou-se serem em tudo semelhantes aos que existem na garrafa fornecida pelos srs. Azevedos, filhos.

No acto de se extrahir a rolha, observou-se um ligeiro estampido com desenvolvimento de gaz, prova de que este preparado se achava em estado de fermentação.

O liquido contido na garrafa pesava 362 grammas; tinha a apparencia turva, sabor alcoolico, fraco, um tanto acetico, e com algum deposito.

A sua densidade, determinada pelo areometro de Baumé, foi representada por 6.

A sua força alcoolica, determinada no aparelho de Salleron, indicou na media 18,7 por 100 d'alcool.

100 grammas d'este vinho, evaporado á temperatura de 100 grãos, produziram 13<sup>o</sup>,7 de extracto de superficie baça e não deliquescente.

Outros 100 grammas de vinho produziram 0<sup>o</sup>,42 de cinzas, em cuja composição se encontrou—*acido phosphorico—sulphurico—e silicico—o chloro—a potassa—soda—magnesia—alumina—e ligeira porção de ferro.*

VINHO DE PEPTONA, DEFRESNE (INSUSPEITO)

O liquido contido n'esta garrafa pesava 354 grammas.

Ao extrahir-se a rolha não manifestou signaes de fermentação, apresentando-se ao mesmo tempo, limpido, de cheiro e sabor agradaveis, não acetico, e mais alcoolico que o antecedente.

A sua densidade, determinada tambem no areometro de Baumé, foi representada por 9.

O aparelho de Salleron indicou ter este vinho 21,7 por 100 d'alcool.

100 grammas d'este preparado deu, quando evaporado á temperatura de 100 grãos, 22<sup>o</sup>,12 de extracto, de cheiro agradável, e aspecto lustroso, com tendencia a tornar-se deliquescente.

100 grammas do mesmo vinho produziram 0<sup>o</sup>,64 de cinzas, em cuja composição se encontraram substancias analogas ás do vinho antecedente, sendo porém estas em maior proporção, e com especialidade o ferro.

Em vista pois d'estes ensaios comparativos, e julgando desnecessarias mais investigações, é a commissão de chimica de parecer, que o *Vinho de Peptona*, de *Defresne*, que o nosso consocio de Torres Novas, o sr. Ernesto Xavier Rodrigues, mandou para analyse, differe bastante do que ella obteve de proveniencia conhecida, e insuspeita, apre-

sentando-se aquelle em estado de alteração que torna o seu uso impossivel.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 10 de fevereiro de 1885. — *Dr. Joaquim José Alves*, 1.º operador. — *José Ribeiro Guimarães Drack*, 2.º operador. — *Alfredo da Silva Machado*, 3.º operador.

Foi approvedo, depois de breves reflexões do sr. dr. *Alves*.

Começando a discutir-se um parecer da *commissão de direito pharmaceutico*, adiou-se até ser ouvida a opinião d'um advogado.

Em seguida o sr. *presidente* convidou o socio *Fernandes da Cunha* a occupar o lugar de *segundo secretario*.

Sendo postas á discussão duas propostas do sr. *Rosa*, com referencia ao projecto de *Instrucção Pharmaceutica*, foram estas combatidas pelo socio *Cunha* e defendidas pelo proponente. Outra proposta do sr. *Simões*, que pedia uma reconsideração da sociedade sobre a admissão de um socio, e havendo sido pedido ao mesmo sr. para a retirar, fez a declaração formal de que a não retirava.

Tratou-se ainda entre os srs. *Coelho de Jesus*, *Machado* e *Carvalho*, da questão da troca do jornal da Sociedade com a *Medicina contemporanea*.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas. — *Fernandes da Cunha*.

## da Ordem da Pharmacia Pharmaceuticos

### A theobromina

EXTRACTO DOS TRABALHOS DOS SRS. E. SCHMIDT E H. PRESSELER

Os autores obtêm este alcoloide pelo processo seguinte: privam as sementes de cacau das materias gordas por meio de expressão, fazem com o bolo uma mistura intima, em partes eguaes, juntando-lhe cal recentemente extincta, e excipiam pelo alcool a 80 % e fervendo. O liquido

concentrado dá a theobromina em cristaes, que se purificam por successivas crystallisações.

A' temperatura de 290° a theobromina sublima-se sem se fundir.

A sua composição é  $C^7 H^8 Az^4 O^2$ .

Aquecendo durante algum tempo a 100° em tubo fechado uma mistura em proporções moleculares de theobromina, de iodeto de metylla e de potassa alcoolica, obtem-se um producto, o qual, sêcco a uma temperatura pouco elevada, cede á bensina ou ao chloroformio cafeina<sup>1</sup>, a qual se purifica por uma crystallisação na agua.

O bromhydrato de theobromina,  $C^7 H^8 Az^4 O^2 \cdot HBr + H^2 O$ , forma laminas transparentes, que perdem a 100° a agua de crystallisação e uma parte do acido bromhydrico.

O chlorhydrato,  $C^7 H^8 Az^4 O^2 \cdot HCl + H^2 O$ , crystallisa em agulhas grupadas em forma de estrellas, que se comportam como o sal precedente.

O chloroplatinato,  $(C^7 H^8 Az^4 O^2 \cdot HCl^2) Pt Cl^4$ , crystallisa, ora com 4, ora com 5 moleculas d'agua.

O chloraurato,  $C^7 H^8 Az^4 O^2 \cdot HCl \cdot Au Cl^3$ , apresenta-se em agulhas amarellas.

O nitrato,  $C^7 H^8 Az^4 O^2 \cdot Az O^3 H$ , decompõe-se quasi todo a 100°.

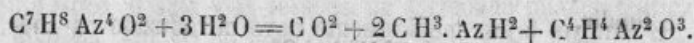
O acetato,  $C^7 H^8 Az^4 O^2 \cdot C^2 H^4 O^2$ , é um precipitado branco, crystallino, que exposto ao ar perde o acido pouco a pouco.

O iodeto de metylla não actua sobre a theobromina mesmo a 160°. O acido chlorhydrico saturado á temperatura ordinaria a decompõe a 240°-250° em gaz carbonico, acido formico, ammonia, methylamina e sarcosina, segundo a formula:  $C^7 H^8 Az^4 O^2 + 6 H^2 N = 2 CO^2 + CH^2 O^2 + 2 Az H^3 + C H^3 Az H^2 + C^3 H^7 Az O^2$ .

Misturada com o hydrato de bario e submettida á ebulição durante 30-40 horas, experimenta a mesma decomposição já descripta.

1. Strecker obteve a transformação da theobromina em cafeina, aquecendo a 100° o derivado argenticco com iodeto de metylla. Vid. *Repertoire de chimie pure* 1861, pag. 344.

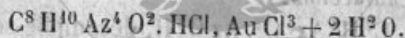
Fervida em acido nitrico concentrado, produz acido carbonico, methylamina e acido methylparabanico, sem produçãõ de ammonia:



### Cafeina

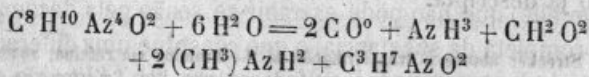
Vimos no artigo antecedente, como os srs. Schmidt e Presseler obtinham a theobromina do cacau, e como esta se transformava em cafeina; resta-nos agora acrescentar que aquelle chimico, tendo obtido grandes quantidades de theobromina, pelo processo antecedentemente indicado, reconheceu a presença da cafeina nas ultimas aguas mães, provenientes das repetidas crystallisações porque fazia passar a theobromina bruta, até obtel-a no conveniente estado de puresa.

Foi-lhe facil de caracterisar a cafeina assim obtida pela sua solubilidade na bensina fria, pelo seu ponto de fusão 230°,5, e pela composição do seu chloraurato:



Este mesmo chimico observou mais que, quando se aquece a cafeina em tubos fechados com acido chlorhydrico saturado á temperatura ordinaria, não se produz reacção abaixo de 240°: a 260° a materia se carbonisa e, se se mantem a temperatura a 240 — 250 por algumas horas, a abertura dos tubos emite gaz carbonico, e constata-se que o producto da reacção é formado por uma mistura de chlorhydrato de methylamina, sarcosina e ammonia, e de algum acido formico.

Segundo o sr. Schmidt a reacção pôde exprimir-se quantitativamente pela equação seguinte:



D.

### Ichthyol

O ichthyol é um medicamento novo introduzido na therapeutica das doenças cutaneas pelo doutor Unna, de Hamburgo. Obtem-se este producto pela distillação d'uma rocha betuminosa achada, ácerca de 3 annos, proximo de Seefeld, no Tyrol. O betume d'esta rocha parece não ser senão o residuo de materias animaes decompostas, provenientes de peixes e de animaes prehistoricos. O professor V. Fritsch, que emittiu esta hypothese, baseia-a sobre a presença d'um grande numero de fosseis e de cunhos de peixes nas camadas que contem a rocha betuminosa em questão. D'ahi o nome de ichthyol dado á nova substancia medicamentosa.

Para obter o ichthyol, trata-se os productos de distillação da rocha betuminosa de Seefeld pelo acido sulfurico concentrado. A substancia obtida, depois da neutralisação, apresenta-se sob a fórma d'uma massa molle, de consistencia analoga á da vaselina, e d'um aspecto fazendo lembrar o do alcatrão. Differe dos alcatrões vegetaes e mine-raes conhecidos, não sómente pelo seu cheiro *sui generis*, mas especialmente por suas propriedades physicas; misturado com a agua, o ichthyol emulsiona-se; é soluvel, em parte, no ether e no alcool. Dissolve-se completamente em uma mistura d'estes dois liquidos. E miscivel em todas as proporções com a vaselina e com os oleos.

O ichthyol é caracterizado sobre tudo por sua riqueza em enxofre: contem cerca de 10 por 100, ao passo que os productos da distillação da rocha betuminosa d'onde provem não contem senão 2 a 3 por 100, antes do tratamento pelo acido sulfurico.

O enxofre contido no ichthyol está tão intimamente unido com elle, que não pôde extrahir-se senão pela decomposição completa da substancia; o que constitue uma differença essencial dos preparados sulfurosos em uso. Além do enxofre, o ichthyol encerra uma notavel quantidade de oxy-

genio, assim como carbonio, hydrogenio e vestigios de phosphoro.

O sr. Unna tem empregado o ichthyol contra diferentes doenças de pelle onde havia indicação de utilizar a grande proporção de enxofre assignalada mais acima. Tem assim obtido bons resultados do seu emprego no psoriasis, e tem verificado, ao mesmo tempo, que o ichthyol, applicado d'uma maneira continua durante semanas inteiras sobre a pelle sã, não determina dermatite, ainda mesmo que a pelle seja coberta, por cima do medicamento, com envoltorio impermeavel. Uma inflamação da pelle seria inevitavel se se fizesse uso, nas mesmas condições, d'uma pomada com 10 por 100 de enxofre.

(La Nature)

S. M.

### Propriedades toxicas da essencia de sassafraz

O doutor G. Hill desejando determinar o valor therapeutico do sassafraz, para se certificar se possuia effectivamente as propriedades *depurativas do sangue* que lhe são attribuidas pelo povo na America, fez repetidas experiencias em diferentes animaes, e d'ellas resultou saber que a essencia d'esta madeira, em vez de inerte, como se poderia julgar, é um poderoso toxico.

S. M.

### Algodão salicylado

Acido salicylico em pó.....	10
Alcool concentrado.....	100
Glicerina.....	4
Algodão cardado.....	100

Dissolve-se o acido salicylico no alcool, ajunta-se a glicerina; embebe-se n'este soluto o algodão, expreme-se, secca-se, carpea-se e conserva-se em frascos rolhados.

(L'Un. méd.)

S. M.



## CHIMICA

Em seguida publicámos a analyse de uma terra de jardim do Instituto Geral de agricultura, na qual o nosso illustre consocio honorario, o sr. conselheiro F. Lapa, fez varios ensaios culturaes, que figuraram na Exposição nacional, que teve logar na real tapada da Ajuda.

A analyse é trabalho do nosso amigo e collega n'esta redacção, o sr. Oliveira Abreu.

**Analyse d'uma amostra de terra**

Humidade .....	4,0000
Materia organica.....	2,7000
Silica soluvel.....	vestigios
Per-oxydo de ferro.....	2,7000
Carbonato calcareo.....	8,6500
Magnesia.....	vestigios
Acido phosphorico (anhydro).....	0,0296
Acido sulfurico.....	0,2270
Chloro.....	0,0445
Potassa.....	0,4119
Soda.....	0,0854
Residuo insoluel na agua regia e perdas.....	81,1516

---

 100,0000

Azote organico..... 0,2 0/0

AUGUSTO D'OLIVEIRA ABREU

 Centro de Documentação Farmacêutica  
 da Ordem dos Farmacêuticos
**Separação do zinco e do nikel**

O sr. Thomaz B. Osborne acaba de indicar as condições em que, segundo elle, nos devemos collocar, para obter resultados precisos.

Deve juntar-se ao soluto dos sulfatos de zinco e de nikel, occupando um volume de 300<sup>cc</sup>, carbonato de soda até apparecer um precipitado ligeiro mas persistente, e

adicionar-se-lhe depois 1<sup>cc</sup> de acido chlorhydrico da densidade 1,1.

Atravessa-se o liquido por uma corrente de sulphidrico, ao mesmo tempo que se lhe junta por porções 50<sup>cc</sup> d'um soluto contendo acetato de soda bastante para saturar metade do acido que se põe em liberdade.

## HISTORIA NATURAL

### BOTANICA

#### Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado do tomo de 1884, pag. 216)

#### GUTTIFERAE

#### *Hypericineae*

*Hypericum perforatum*. L.<sup>1</sup>

Hypericão, Milfurada.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto e em quasi todo o paiz.

Flor. de junho a agosto.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como adstringente e anthelmintica. Entra na theriaga, alcoolato vulnerario, emplasto confortativo de Vigo, etc.<sup>2</sup>

*Androsaemum officinale*. All.

(*Hypericum androsaemum*. L.)

Androsêmo.

Hab. nas visinhanças de Coimbra (na matta da Baleia, Ribeira de Cozelhas, Pinhal de Valle de Canas e S. Paulo

<sup>1</sup> Variedade  $\beta$ . *angustifolium*. Gaud (H. *Veronense*. Schrank., H. *microphyllum*. Jord.)

<sup>2</sup> Póde substituir-se pelo *Hypericum ciliatum*. Lam. (H. *dentatum*. Lois). Hypericão celheado, indigena do continente.

(*Pharmacopla Portugueza*, 1876.)

de Frades) proximidades da Louzã, Porto e em diferentes pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. muito efficaz nas areias e nos calculos da bexiga e dos rins.<sup>1</sup> Alguns auctores, com especialidade os inglezes, o tem prescripto como um poderoso vulnerario. Tambem tem sido aconselhado como resolutivo e vermifugo; assim como debaixo da fórma de cataplasma, contra as queimaduras e hemorragias.

**Tamariscineae. Desvaux**

*Tamarix gallica. L.*

(*T. canariensis. W.*)

Tamargueira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, na matta do Choupal, Figueira da Foz, Buarcos e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. o lenho.

Emp. como depurativa e diaphoretica. Alguns auctores dizem pôde substituir o *guaiaco*<sup>2</sup>. (*Guaiacum officinale. L.*) Pouco usado.

**HESPERIDES**

**Aurantaceae. Correa**

*Citrus limonum. Risso.*

Limoeiro.

Planta originaria do norte da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. durante quasi todo o anno.

P. u. o epicarpo<sup>3</sup> e o sumo.

<sup>1</sup> Usa-se em infusão, que se prepara com 6 grammas de folhas em 170 grammas de agua fervendo, para tomar de cada vez. Deverão tomar-se duas d'estas doses por dia.

<sup>2</sup> Vulgarmente chamado *Pau santo*, é um dos quatro lenhos sudorificos.

<sup>3</sup> Vulgarmente chamado *Casca de limão* ou *Amarello da casca do limão*.

Emp. o epicarpo como estomacal e antispasmodico, o sumo como adstringente e temperante <sup>1</sup>.

*Citrus aurantium*. Risso.

Laranjeira doce.

Planta indigena da China e do Himalaya e muito cultivada entre nós.

Flor. na primavera.

P. u. as flores e os fructos (Hesperideo).

Emp. as flores como antispasmodicas, os fructos como temperantes.

*Citrus vulgaris*. Risso.

(C. Bigaradia. Duh.)

Laranjeira azeda.

A patria d'esta planta é hoje muito duvidosa, presume-se que em época remota foi trazida da India pelos arabes para a Arabia e Palestina e de lá veio para a Europa. Entre nós é bastante cultivada.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas, flores, o sumo dos fructos e o epicarpo<sup>2</sup>.

Emp. as folhas, flores e epicarpo como tonicas, antispasmodicas e estimulantes, o sumo dos fructos como temperante <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O acido citrico é extrahido do limão, laranja e muitas outras fructas azedas, mas o melhor é o que se obtém do sumo do limão.

<sup>2</sup> Vulgarmente chamado *Casca de laranja* ou *Amarello de casca de laranja*.

<sup>3</sup> O dr. Beirão no seu compendio de materia medica quando trata das propriedades do genero *Citrus*, diz o seguinte: «Na medicina portugueza faz-se bastante uso d'estas cascas, como carminativas, estomachicas e tonicas; egualmente são reputadas antiscorbuticas, antifebris e vermifugas.»

A casca dos fructos da laranjeira de folhas de murta (*Citrus aurantium*. Risso. var. *myrtifolia*), que a maxima parte dos auctores consideram como uma variedade, embora alguns botanicos a acceitem como boa especie, é um poderoso e excellente estomachico. Prepara-se do modo seguinte: ponha em maceração a casca de nove laranjas em um litro de boa aguardente de vinho que marque entre 18° a 22° Cart. (45° a 60° cent.), durante trinta dias e depois filtre. Toma-se um calix, dos que servem para o licor, d'esta bebida depois da comida.

Entre nós cultivam-se muitas outras especies e variedades do genero *Citrus* que podem na sua falta substituir as especies acima mencionadas. As mais importantes são as seguintes: *Citrus Bergamia*, Risso, Bergamota; *C. Lumia*, Risso, Limoeiro doce; *C. Limetta*, Risso, Limeira; *C. decumanus*, Risso, Toranja; *C. Medica*, Risso, Cidreia; *C. nobilis*, Lour., Tangerineira.

**Meliaceae. Juss.***Melia azederach. L.*

Sycomoro bastardo.

Planta originaria da Syria e da India oriental, e muito cultivada entre nós como arvore de alinhamento.

Flor. em maio.

P. u. a casea e a raiz.

Emp. como anthelmintico. É preciso ter cautela na sua applicação porque é venenosa. Pouco usado.

**ACERA****Malpighiaceae. Juss.***Coriaria myrtifolia. L.*

Esta planta, segundo Willkomm e Lange, habita em Portugal, mas não sabemos, nem os auctores citados dizem, o logar onde ella se encontra.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. para falsificar o Sene (*Cassia elongata*, Lemaire, *C. acutifolia*, Delile, *C. obovata*, Calladon.), pois as suas folhas são muito semelhantes. A *Coriaria* é altamente venenosa, e portanto a falsificação do Sene, com esta planta tem causado já por muitas vezes accidentes gravissimos. As folhas de *Coriaria* distinguem-se das do Sene por serem trinerves.

**POLYGALYNAE****Polygalaceae. Juss.***Polygala vulgaris. L.*<sup>1</sup>

Polygala ordinaria, Herva leiteira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em maio e junho.

P. u. a planta florida.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

<sup>1</sup> Variedades:  $\beta$ . *vestita*. Gr. Godr. (*P. pubescens*, Rhode; *P. vulgaris* var. *littoralis* Lge.);  $\gamma$ . *alpestris*. Koch, et Gr. Godr. nec Rechb. (*P. vulgaris*, Boiss.).

Emp. como espectorante e sudorifica, em dóse elevada provoca ás vezes evacuações alvinas <sup>1</sup>.

## VARIEDADES

Do nosso consocio, o F. J. Rosa recebemos a seguinte carta, pedindo a sua publicação.

### À Coimbra Medica

—*Srs. redactores e presados collegas.*—Em o n.º 6, de 15, de março ultimo, d'esta excellente revista de medicina e cirurgia, transcreveu-se do nosso Jornal de fevereiro, algumas proposições por mim proferidas em sessão litteraria da sociedade em 9 de setembro ultimo, ácerca do tristemente celebre e singular exame de pharmacia de André Gonsalves Pinto. Seguidamente o autor da transcripção pretende destruir tudo o que transcreve, dizendo laconicamente: *Podemos assegurar que n'essas diversas alluções ha erro d'informação.*—

Eu é que posso *assegurar-vos*, caros collegas, escudado não só na certidão d'aquelle exame (que é publica e muito eloquente) mas ainda *em documentos d'outra ordem*, que omitto, ser verdadeiro tudo quanto eu disse e que foi contradictado pela *Coimbra Medica*, exceptuando-se tamsómente o ter um dos examinadores usado de dois votos. Ainda n'este caso subsiste o escandalo, porque tendo sido só dois os examinadores, a certidão diz . . . . e *procedendo-se á votação, na forma dos Estatutos d'esta Universidade, saiu approved pela maior parte*, havendo pois aqui uma *entidade ignota*, sem ser qualquer dos examinadores nem o Reitor, que intervindo no exame, que desconhecia, o decidiu a favor do examinando. A não ser esta escura intervenção, houve então uma ainda mais escura e estranha gymnastica d'arithmetic, que approvou com a *maioria*

<sup>1</sup> As polygalas que geralmente se empregam em pharmacia são a *Polygala Senega*. L. (Polygala de Virginia) e a *P. amara*. L. (Polygala amarga).

de dois, extrahida de um todo composto tão sómente de duas partes dissidentes.

Eu julgo, que a publicação no nosso Jornal, da certidão citada, era mais que sufficiente correctivo áquelle reparo injusto e impensado da *Coimbra Medica*.

Sim, é bom que depois do ultrage recebido das camaras e da Universidade, devolvamos a insinuação gratuita e injusta. Esta rectificação era necessaria, a quem presta culto á verdade dos factos, e muito sinto, que por motivos alheios á minha vontade, não possa agora e aqui fazer mais categoricas considerações sobre o assumpto.

Lisboa, 3 de abril de 1885. — Assigno-me, vosso collega e amigo, *F. J. Rosa*.

**Necrologia.**—O nosso eminente collega e membro correspondente em Fécamp, o sr. Eugenio Marchand, acaba de soffrer a perda de seu filho, tambem pharmaceutico distincto. Recebemos esta noticia pela imprensa franceza com muito pesar, porque o nosso respeitavel e erudito consocio tem sempre manifestado muita estima e consideração pela sociedade pharmaceutica lusitana, que costuma honrar com o offerecimento de exemplares das suas obras valiosas.

—O sr. Ch. Thomas, pharmaceutico, redactor em chefe do excellente *Reportorio de Pharmacia*, de Paris, acaba tambem de baixar á sepultura.

Foi substituido no jornal e no laboratorio pelo sr. *J. Bruhat*, pharmaceutico muito distincto, que pelo seu tirocinio de dez annos em excellentes laboratorios, como o da escola de pharmacia de Clermont, e outros de Paris, gosa a reputação de pratico habil.

**Exploração botanica no ultramar.**—O nosso consocio o sr. Adolpho Frederico Moller, muito digno inspector do jardim botanico de Coimbra e illustrado auctor do *Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez*, foi incumbido pelo ministerio da marinha de

estudar a Flora das ilhas de S. Thomé e do Príncipe, para onde parte no paquete de 6 do proximo mez de maio.

E'-nos summamente agradavel a resolução adoptada pelo actual ministro da marinha, de iniciar estas uteis missões, e estamos certos que sua ex.<sup>a</sup> tem egualmente, por tal motivo, os applausos de todos quantos se interessam pelo estudo da botanica pratica em o nosso paiz e pelo desenvolvimento das colonias que ainda possuimos.

Quanto á escolha do commissionado, não podia ser mais acertada, por isso que o sr. Moller possui duas qualidades que muito o recommendam para o bom desempenho de trabalhos d'esta natureza—competencia scientifica e genio trabalhador.

Receba o sr. Moller, (de quem nos presamos de ser amigo e consocio) os nossos cordeaes parabens por mais esta prova de merecido apreço pelos seus merecimentos, de que foi alvo, e creia que fazemos votos para que regresses á patria no gozo de perfeita saude.

#### **Os titulos das pharmacias de Berlim. —**

Segundo refere o jornal *The Chemist and Druggist*, ha em Berlim 68 pharmacias; d'entre ellas sómente 8 teem os nomes dos donos, 11 são designadas pelos nomes das ruas onde estão estabelecidas; a aguia serve de taboleta a muitas outras: vê-se tres aguias negras, uma aguia negra coroada, duas aguias simples, duas aguias vermelhas, uma aguia branca, uma aguia dourada, uma aguia imperial. 5 teem nomes de aves: cysne, cysne branco, abestruz, pelicano e grypho (t). Diversos quadrupedes servem tambem de taboleta: o veado, o veado branco, o veado dourado, o unicornio, o elephante, o leão. A mythologia forneceu nomes a sete pharmacias: Esculapio, Minerva, Flora, Fortuna, Concordia, Germania e S. Jorge.

Vê-se tambem as pharmacias do Eleitor, d'Augusta, d'Isabel, de Victoria, do imperador Guilherme, do rei Salomão. Duas pharmacias teem os nomes de dois homens de sciencia: Wrangel e Humboldt. Encontra-se ainda a pharmacia



vermelha, a pharmacia verde, a pharmacia da Polónia, a da Suissa. Finalmente o Sol, a Estrella d'ouro, o Anjo, a Rosa, a Residencia, o Johamitas, servem de insignia ás outras pharmacias.

Cada terra com seu uso...

**Iodo, nitratos e guanos.**—O Chili, a Bolivia e o Peru possuem mananciaes de exploração d'uma riqueza consideravel e são depositos de abastecimento do mundo inteiro para o iodo, os intratos de potassa e de soda e os guanos.

A provincia de Tarapaca (Peru), segundo os calculos de engenheiros europeus e americanos, poderá fornecer cada anno, durante mais d'um seculo, 7 a 8 milhões de quintaes de salitre. A exportação do Chili (azotatos e guanos) foi de 625 milhões em 1882, ao passo que em 1878 não excedia 300 milhões.

(*Revue-Gazette marit. et comm.*)

S. M.

**Idunio, novo elemento.**—O professor Websky, da universidade de Berlim, acaba de descobrir em um mineral de chumbo e vanadio, da America do Sul, um novo elemento, que denominou *idunium*.

Este corpo apresenta analogia com o vanadio.

**Oleo de figados de bacalhau, meio de transformar o seu mau gosto.**—O dr. Martin recommenda que se beba, em seguida á ingestão do oleo, um ou dois golos de agua ferrea artificial — agua de pregos. O sabor desagradavel do oleo, e as eructações não menos desagradaveis que provoca, mudam-se no appetitoso gosto de bellas ostras frescas.

Se assim é, quem viver longe do litoral, e estiver munido de alguns decilitros de oleo de figados de bacalhau e de um punhado de pregos, pôde gabar-se, de ter constantemente ostras frescas á descripção.

**Sismographo do sr. Frederico Cordons.**—Este senhor enviou de Padua, em 20 de feve-

reio ultimo, á *Nature*, de Paris, a gravura e a descripção do seu novo aparelho, que, segundo elle, regista com a desejada precisão: 1.º as oscillações telluricas verticaes; 2.º as oscillações horisontaes; 3.º a ordem pela qual todas as oscillações se manifestam; 4.º a sua direcção; 5.º a hora do primeiro movimento.

**Receita contra o cholera.** — M. Georges Le-coq, em um trabalho sobre *o colera de Toulon em 1884*, dá a seguinte receita extrahida das *notas* d'um estudante, a qual nos parece não valer menos do que muitos elixires que por ali correm mundo, muito gabados.

Eil-a.

Un quarteron d'indifférence,  
 Autant de resolution,  
 Don vous ferez infusion  
 Avec le jus de patience,  
 Point de procès, force gaieté,  
 Deux onces de société,  
 Avec deux dragmes d'exercice,  
 Point de souci, ni d'avarice.  
 Vous melerez le tout ensemble  
 Pour en prendre, si bon vous semble,  
 Autant le soir que le matin,  
 Avec un doit de fort bon vin.  
 Et verrez que cille pratique  
 Au choléra fera la nique.

**Estatistica dos medicamentos fornecidos pela botica do hospital de S. José ás enfermarias do mesmo hospital e annexos, no anno economico de 1878 a 1879.**<sup>1</sup>

OFFERECIDA À SOCIEDADE PELO SR. CARLOS AUGUSTO LOPES

#### Notas preliminares

a) N'esta estatistica vão mencionados não só todos os medicamentos fornecidos no anno economico de 1878 a

<sup>1</sup> O auctor foi devidamente auctorisado para esta publicação, pelo sr. enfermeiro-mór do hospital de S. José.

1879, de formulas relativas ao actual formulario, mas tambem os receiptados fóra do mesmo formulario, e que, por suas especiaes qualidades, foram consideradas preparações magistraes.

Os restantes medicamentos extraordinarios não vão aqui incluidos, por isso que a sua grande variedade tornavam este trabalho muito extenso, e incompativel com o limitadissimo tempo que n'elle se podia empregar.

b) Os medicamentos marcados com o signal (\*) são os que não pertencem ao formulario.

c) A nomenclatura e classificação de todas as substancias medicamentosas, são as que se acham estabelecidas no formulario.

Para as formulas extraordinarias, ou receiptadas fóra do formulario, seguiram-se por uniformidade as mesmas indicações.

d) Não obstante ser considerado o *gramma* a unidade principal nos pesos medicinaes, vão as quantidades agrupadas pela unidade *kilogramma*, em consequencia dos crescidos resultados numericos que produziram as sommas finaes dos apanhamentos e resumos que serviram de elementos para a organização d'este trabalho.

e) Divide-se esta estatística em tres partes, a saber:

1.<sup>a</sup>—Descripção dos medicamentos receiptados, e totalidade das quantidades fornecidas de cada um d'elles a todas as enfermarias dos hospitaes de S. José e annexos no anno economico de 1878 a 1879;

2.<sup>a</sup>—Recopilação dos mesmos medicamentos, agrupados por classes, com as quantidades totaes relativas a cada grupo ou classe;

3.<sup>o</sup>—Reducção em peso, das differentes quantidades dos ditos grupos de medicamentos, para se avaliar aproximadamente o peso total de todas as substancias medicamentosas receiptadas durante o dito anno economico.

Lisboa, Hospital de S. José, 24 de dezembro de 1884.  
—C. A. Lopes.

Medicamentos	Quantidades	
<b>Acetoleos (vinagres)</b>		
Acetoleo de absintho composto.....	kilog.	11,030
» de camphora.....	»	—
» de colchico.....	»	0,060
<b>Aguas mineraes</b>		
Agua acidula carbonica.....	siphões	36
» das Caldas da Rainha.....	vidros	80
» de Seidlitz artificial, do Codex..	garrafas	987
» de Vidago.....	»	4,675
<b>Alcoocs</b>		
Alcool de 38° C.....	kilog.	124,434
<b>Alcooleos (tincturas)</b>		
Alcooleo de belladona.....	»	0,1245
» de camphora.....	»	842,965
» de camphora concentrado.....	»	0,300
» de cantharidas.....	»	0,6347
» de cravagem de centeio.....	»	0,037
» de dedaleira.....	»	2,2409
» de iodo da Ph. Brit. <sup>3</sup> .....	»	18,8901
» de lobelia inflata.....	»	1,078
» de mostarda.....	»	9,450
» de noz vomica.....	»	4,8026
» de opio.....	»	0,493
» de quina.....	»	9,910
» de quina composto.....	»	4,410
» de sabão camphoro-ammoniacal.....	»	19,160
» de sabão camphoro-opiado.....	»	112,585
» de scilla.....	»	3,9675
» de sementes de colchico.....	»	0,075
» de valeriana volatil.....	»	19,476
» de sabão, do Cod. Ph. (*).....	»	0,040
» de sulphato de quinina (*).....	»	2,115

(Continua)

**Erratas do numero antecedente**

A pag. 52, lin. 8, onde se lê: distillado de 182 — lêa-se: distillando de 182 a 190. Na mesma pag., lin. 10, onde se lê: de 180 a 205 — lêa-se: de 190 a 205.

## PECAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 31 DE MARÇO—Presidencia do sr. commendador

JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás 8 horas.

Na ausencia do sr. segundo secretario occupou o seu logar o abaixo assignado.

O sr. *presidente*, em resposta ao sr. Rosa, declarou que quem tinha sido encarregado do Elogio historico do sr. José Dionysio Corrêa fôra o sr. Emilio Fragoso.

O sr. *Fragoso* officiou participando que, por motivo justificado, não podia continuar a desempenhar o cargo de segundo secretario.

Por proposta do sr. Pratas, apoiado pelos srs. Machado, Coelho de Jesus e Rosa, deliberou-se que a mesa instasse com o sr. Fragoso para continuar a desempenhar o cargo de segundo secretario.

Trataram-se ainda de outros assumptos.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram 11 horas. — O socio, servindo de segundo secretario, *Fernandes da Cunha*.

Ainda o escandaloso exame de pharmacia feito na Universidade de Coimbra.

A sociedade resolveu que se publicasse na integra o seguinte :

Officio do sr. Antonio Mendes Lopes ao sr. 1.<sup>o</sup> secretario

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr.—Vi com prazer a noticia de que a sociedade pharmaceutica lusitana, de que tenho a honra de ser socio, vae protestar perante o ministro do reino contra o acto mais escandaloso e immoral; contra o facto mais extraordinario e insolito que se tem registrado nos annaes da pharmacia portugueza!

Reforo-me ao exame de pharmacia feito em Coimbra por

André Gonçalves Pinto em agosto de 1884. Este exame foi feito em circumstancias tão anormaes e tão attentatorias da decencia, da justiça e da seriedade de taes actos, que não pôde deixar de produzir um brado de indignação da parte de todos os pharmaceuticos que virem, como eu, n'este acto o mais ignominioso favoritismo e a maior das desconsiderações feita a uma classe que tantos serviços tem prestado á humanidade e que tão desprotegida tem sido dos poderes do estado. A ausencia do pharmaceutico n'um exame de pharmacia e a circumstancia de um examinador se ter arvorado em presidente e feito uso de dois votos, são realmente d'uma originalidade tristemente celebre e que bem dispensa mais commentarios!

Em nome, pois, não só dos nossos direitos offendidos, mas tambem da moralidade publica, peço á sociedade não desista do proposito de, por todos os meios ao seu alcance, protestar contra a iniquidade e illegalidade de tal exame.

Deus guarde, etc. — O pharmaceutico do hospital de Cabeço de Vide, *Antonio Mendes Lopes*.

## PHARMACIA

### Preparação do iodeto ferroso

PELO SR. F. VAN DE VELDE

Este auctor prepara o iodeto ferroso em condições de inalterabilidade completa por muito tempo, e susceptivel de servir para todas as preparações pharmaceuticas, que a medicina pode reclamar.

O processo reduz-se ao seguinte:

Iodo .....	20 grammas
Limalha de ferro.....	40 »
Agua distillada .....	30 »
Glycerina .....	15 »

Introduza a agua, o ferro e o iodo, em um balãosinho de vidro, e agite até se formar o sal e o liquido apresentar bella côr verde. Filtre em seguida o liquido para dentro de uma capsula aonde tenha a glicerina na dôse acima indicada e, terminada a filtração, pese a capsula com o seu contheudo. Evapore a b. m, agitando constantemente até o peso total ter perdido 25 grammas; por outras palavras, até á evaporação de toda a agua, o que succede passados quinze ou vinte minutos.

Operando assim, obtem-se em muito pouco tempo um soluto claro, limpido, de côr verde, inalteravel por longo tempo, ainda mesmo manejando-se todos os dias o frasco em que elle se contém, e soluvel em todas as proporções na agua, nos xaropes, nos oleos e nos liquidos alcoolicos.

Com este soluto normal, pode-se preparar oleos, pilulas, xaropes ou elixires de proto-iodeto de ferro, nas proporções que se queira, sabendo que 100 grammas d'este soluto conteem exactamente 23 grammas de iodeto ferroso.

Exactamente — diz o sr. Velde, mas a expressão não é bem empregada, porque desde que se emprega o iodo e o ferro nas porporções aconselhadas na sua formula, e não se lava o filtro e o excesso de ferro empregado, hade necessariamente succeder, que a percentagem do sal seja inferior, embora levemente, e mais ou menos, segundo as dimensões do filtro que se empregar.

*Soluto normal.* — 60 gottas, diz o sr. Velde, correspondem a 4 grammas, e por conseguinte a 1 gramma de iodeto ferroso.

GUIMARÃES DRACK.

### CHIMICA

Com a devida venia, extrahimos da *Revista scientifica* publicada pela Sociedade Atheneo do Porto, n.º 4 de 1885, o curioso e instructivo artigo do sr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, distincto lente do Instituto geral d'Agricultura,

### A alfarroba

SEU VALOR COMO SUBSTANCIA NUTRITIVA E COMO SUBSTANCIA ALCOOLISAVEL

A Alfarrobeira (*Ceratonia siliqua* L.) é uma arvore sempre-verde, dioica, raras vezes polygamica, pertencente á familia das *Cesalpíneas*, de *R. Brotn.*

É originaria do Oriente, mas encontra-se com abundancia, subspontanea e cultivada, em toda a zona Mediterranea. Em Portugal é sobretudo frequente no Algarve e representa um papel importante na economia rural d'aquella provincia; segundo Brotero, na sua *Flora Lusitânica*, existe tambem na Serra d'Arrabida, e n'outros pontos da Estremadura e da Beira, mas, n'estas provincias, é muito mais rara. Em Lisboa, e nos seus arrabaldes, encontra-se cultivado um ou outro pé; nas proximidades de Cascaes tenho visto alguns individuos isolados, com pequeno porte, arbustivos, formando moita enredada, em virtude do mau tratamento e que não foram, decerto, semeados pelo homem, attendendo á má escolha do terreno, á sua aridez e abandono.

A madeirã d'esta arvore é dura, pezada, homogenea, susceptivel de bom polido; tem o alburno branco-amarellado e o cerne puchando a côr de rosa esbatido. Esta madeira dá boa lenha, carvão de superior qualidade, e pode ser aproveitada com vantagem em muitas industrias, comtanto que não fique exposta á humidade, porque aliás, n'esse meio, resiste pouco. A casca e as folhas podem ser utilizadas, como substancias tanninosas, para curtimentos.

Mas, de todos os productos da Alfarrobeira, incontestavelmente o de maior valia é o fructo. Este fructo é uma vagem polposo-coriacea, longa, comprimida, que apparece pendente nas ramificações já lenhosas da arvore, onde as flores se desenvolvem, de ordinario, protegidas pela cobertura das folhas. A floração dá-se no outomno e a maturação do fructo no anno seguinte, pelos meados, ou fins do estio.

A alfarroba é reputada muito nutritiva; apresenta, em



quanto verde, um forte sabor adstringente que, em alguns casos, permanece um pouco, depois, na maturação, mas que outras vezes é substituído por um gosto assucarado muito intenso. No Algarve utilisam-a bastante na alimentação do homem, muito no arraçoamento dos animaes, alcoolisam-a agora em larga escala, e a parte restante é exportada; soffre no estrangeiro diversas manipulações, sendo primeiro redusida a pó, depois misturada com diferentes farinhas, a constituir preparados alimenticios roburantes, que vendem por alto preço.

Conhecem no Algarve quatro *variações* do typo especifico; distinguem-se principalmente pelos fructos e não reproduzem pela sementeira os caracteres differenciaes, creio eu. A estas quatro variações dão n'aquella provincia os seguintes nomes — *Alfarroba Mulata*, *Canella*, *Galhosa* e de *Burro*.

As duas primeiras qualidades de alfarroba tornam-se muito saccharinas na maturação; as duas ultimas conservam o saibo adstringente, são mais coriáceas e menos polposas. As duas primeiras são reputadas de muito melhor qualidade; a exploração das duas ultimas restringe-se cada vez mais no Algarve porque, quando apparecem, modificam-as pela enxertia da *Mulata*, ou da *Canella*.

Tive occasião, ultimamente, de estudar, no laboratorio do Instituto Geral de Agricultura, duas amostras de alfarrobas, pertencentes ás duas melhores qualidades, que me enviaram do Algarve. Provieram ambas da colheita passada. Vou descrever o resultado d'esses estudos, que foram encaminhados sob um ponto de vista restricto; procurei determinar-lhes o valor nutritivo, como arraçoamento ao gado, e o valor alcoolisavel.

Os dois fructos, em muito pouco se distinguiam, no tamanho e na forma; os da alfarroba *Mulata* eram um quasi nada maiores e mais curvos. Diferencavam-se todavia perfeitamente na côr; os da alfarroba *Mulata* eram escuros, quasi negros, e os outros tinham a côr da canella, como indica o nome d'esta alfarroba.

Nas duas qualidades as proporções, em pezo, dos pericarpos para as sementes, eram:

	Alfarroba Mulata	Alfarroba Canella
Pericarpo.....	93.5	89.17
Sementes.....	6.5	10.83
	<hr/> 100.0	<hr/> 100.00

O tegumento das sementes é por tal forma resistente, que atravessam indegeridas o apparelho digestivo dos animaes; de resto, elles sabem escolhel-as e regeitam-as quasi todas. Na Algeria costumam ir buscar ás mangedouras dos cavallos arraçoados com alfarroba as sementes que precisam para semear, poupando assim o trabalho da extracção, que apresenta alguma difficuldade. Não devem, por isto, as sementes ser mettidas em conta na determinação do valor nutritivo do fructo.

Os numeros que seguem, obtidos pela analyse, dizem apenas respeito á composição do pericarpo, mas são relativos ao pezo 100 do fructo completo:

	Alfarroba Mulata	Alfarroba Canella
Humidade.....	14.96	15.15
Cinzas.....	1.87	1.56
Parte organica (por differença) ..	76.67	72.46
	<hr/> 93.50	<hr/> 89.17

*Na materia organica :*

	Alfarroba Mulata	Alfarroba Canella
Albuminoides .....	14.300	12.077
Substancias gordas .....	4.712	3.552
Lenhoso.....	5.183	5.920
Extractivo ternario .....	52.475	50.911
	<hr/> 76.670	<hr/> 72.460

*Nas cinzas:*

	Alfarroba Mulata	Alfarroba Canella
Anhydrido phosphorico .....	0,149	0,138

Estes valores foram encontrados pelos seguintes processos:

Para a determinação dos albuminoides foi doseado o azote total, na farinha, pelo methodo dito da *cal sodada*. Na primeira amostra (alfarroba *Mulata*) o azote achado foi 2,288, e na segunda (alfarroba *Canella*) 1,932; este azote converteu-se em substancia albuminoide partindo da hypothese d'ella conter, em media, por cada 100, em pezo, 16 de azote.

As substancias gordas foram obtidas pela lixiviação com ether; os valores, que lhes correspondem, representam apenas a *gordura bruta*, isto é, os corpos gordos acompanhados por todos os outros soluveis no ether: resinas, alguma chlorophylla, etc.

O lenhoso foi determinado pelo processo descripto por M. L. Grandeau a pag. 305 do seu *Traité d'analyse des matières agricoles*: a farinha foi atacada, a quente, por uma solução de acido chlorhydrico, por uma solução de potassa, pela agua, pelo alcool e pelo ether; secco e pezado o residuo d'estes diversos tratamentos foi calcinado, e descontando o pezo das cinzas, considerou-se como sendo do lenhoso o pezo obtido.

O *extractivo ternario* foi doseado por differença; na sua composição, como veremos adiante, avultam os hydratos de carbonio e encontram-se todos os outros indeterminados. Não deve esquecer tambem que a saccharificação feita pelo acido chlorhydrico, a quente, para a determinação do lenhoso, deve ter arrastado a cellulose mais tenra e menos incrustada, fazendo-a passar a este grupo.

O anhydrido phosphorico foi achado pelo conhecido processo *nitro-molybdico*.

Nenhuma das amostras estudadas accusou a presença do tannino; em compensação ambas deram as reacções do acido galhico. O tannino existe, provavelmente, na vagem em verde, mas durante a maturação é destruido, pelo menos d'estas alfarrobas que ficam doces e não adstringentes ao paladar; que talvez ao tannino, persistindo sem decomposição, devam as alfarrobas *Galhosa* e de *Burro*, a parte mais importante da adstringencia caracteristica.

Os dados numericos apresentados acima são sufficientes para determinar o valor nutritivo d'aquellas duas amostras. Não tenho a pretensão de querer generalisar estas duas analyses dando-as como representantes do valor nutritivo da alfarroba, mas é certo que podem dar algumas indicações uteis, podem tornar esta questão um quasi nada mais precisa, e sobretudo, seguidas de outras, podem ajudar a tirar medias, aceitaveis então.

Segundo aquelles numeros, a alfarroba tem um alto valor alimenticio: o que está bem de accordo com a pratica. Para o tornar mais evidente cotejarei as minhas analyses com a composição media do trigo, o cereal alimenticio por excellencia:

COMPOSIÇÃO MEDIA DO TRIGO

Humidade.....	14.00
Cinzas.....	1.60
Materia azotada.....	14.60
Cellulose.....	1.70
Materias gordas.....	1.20
Extractivo ternario.....	66.90
	<hr/>
	100.00

Nas cinzas:

Anhydrido phosphorico.....	0.82
----------------------------	------

D'esta comparação conclue-se que a alfarroba tem quasi os mesmos albuminoides, muito maior quantidade de substancias gordas, quasi as mesmas cinzas, menos extractivo ternario e mais lenhoso.

A quantidade a menos do extractivo ternario é, decerto, bem compensada pelo excesso de gordura, que deve augmentar o coefferiente de digestibilidade aos outros principios, sobretudo aos albuminoides.

Em anhydrido phosphorico a vagem da alfarroba é desfavorecida; se a semente fosse moida conjunctamente com a vagem, e d'essa fórma entrasse na alimentação, talvez não acontecesse o mesmo.

Farei agora a comparação da alfarroba com o feno dos

prados naturaes transmontanos — considerados como typo dos nossos bons fenos — segundo a analyse que d'elles fiz em tempos, e que reproduzo <sup>1</sup>:

Humidade.....	12.30
Cinzas .....	8.08
Albuminoides.....	9.02
Materias gordas.....	1.50
Lenhoso .....	25.80
Extractivo ternario.....	43.30
	<hr/>
	100.00

Nas cinzas:

Anhydrido phosphorico ..... 0,385

D'esta comparação resulta que os *equivalentes pelo azote* das duas qualidades de alfarroba, são:

	<i>Equivalentes pelo azote</i>
Alfarroba Mulata .....	63.0
Alfarroba Canella .....	74.6

Isto quer dizer: 63 partes, em pezo, da primeira, e 74.6 da segunda, representam, quanto ao azote, o mesmo papel nutritivo que 100 de bom feno.

As *relações nutritivas*, consideradas pelos zootechnistas, nas forragens, são as seguintes, para as duas amostras:

	Alfarroba Mulata	Alfarroba Canella
<i>Relação digestiva</i> (album.: ext. tern. + gord.).....	1:3,99	1:4,5
<i>R. adipo-proteica</i> (gordura: albuminoides).....	1:3	1:3,4
<i>R. de balastro</i> (lenhoso: nutritivo).....	1:13,8	1:11,2

A alfarroba é pois um alimento concentrado e de grande valor nutritivo. A semilhança da sua composição chimica com o trigo em albuminoides e em hydrocarbonados digeriveis, a sua riqueza especial, em gordura, e em glucose, como vou dizer, explica o seu emprego vantajoso na alimentação do homem e no arraçoamento dos animaes.

<sup>1</sup> Antonio X. Pereira Coutinho, *Os fenos espontaneos e as palhas de trigo em Portugal*. 1884.

As quantidades de glucose determinadas n'uma e outra amostra pelo licor cupro-potassico, foram:

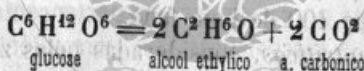
Alfarroba Mulata .....	15.220
Alfarroba Canella .....	10.415

Estas quantidades são correspondentes ao pezo 100 do fructo completo, mas dizem respeito apenas aos pericarpos, tendo sido extrahidas as sementes.

Se uma parte importante do restante extractivo ternario não fosse saccharificavel—pelos acidos ou pelos fermentos—a quantidade de alcool produzido pela alfarroba não seria muito consideravel.

Sabe-se, com effeito, que por cada 100 partes de glucose, em pezo, 95 se desdobram, na fermentação alcoolica, em alcool e anhydrido carbonico, enquanto das 5 partes restantes, 4 se transformam em glicerina e acido succinico e 1 é fixada pelo fermento.

A equação chimica segundo a qual se produz o alcool pôde formular-se d'este modo:



Ou, em peso :

$$180 = 92 + 88$$

glucose                  alcool          a. carbonico

D'aqui se conclue que 100 partes de glucose, produzem, pela fermentação, em pezo, 48.55 de alcool; pela proporção

$$180 : 92 :: 95 : x = 48.55$$

glucose alcool glucose alcool

Com estes elementos é facil determinar qual o pezo de alcool correspondente á glucose achada nas duas alfarrobas :

$$100 : 48.55 :: 15.220 : x = 7.389 \dots \text{ (A. Mulata)}$$

glucose alcool

$$100 : 48.55 :: 10.415 : x = 5.056 \dots \text{ (A. Canella)}$$

glucose alcool

Referindo estes pezos não a 100, mas a uma arroba (15<sup>k</sup>), e exprimindo o alcool correspondente não em pezo, mas em volume, o que é facil, conhecida a densidade do alcool ethylico (0,8095 a 0°), acham-se os seguintes valores:

	Alcool absoluto a 0°
Alfarroba Mulata .....	1 <sup>l</sup> ,3691
Alfarroba Canella .....	0 <sup>l</sup> ,9381

No calculo não entrou o alcool prestado pela semente, cuja analyse não fiz, e que é moída com a polpa da vagem, fermentando juntas, as duas partes. Nas sementes os principios immediatos concretam-se, sobretudo, na forma insolvel; não é provavel que appareçam n'ella grandes quantidades de glucose, mas devem encontrar-se hydratos de carbonio saccharificaveis.

Ainda assim não é o excesso de alcool produzido pelas sementes o erro mais consideravel do calculo feito acima. Falta attender — e como elemento importantissimo — á glucose originada pela saccharificação de uma parte consideravel do extractivo ternario.

Tomando uma porção de farinha pertencente a cada uma das amostras, e saccharificando-a convenientemente pelo acido chlorhydrico, doseei ao depois as seguintes quantidades de glucose :

Alfarroba Mulata .....	40.212
Alfarroba Canella .....	35.381

Estes numeros podem decompôr-se como segue :

	Alfarroba Mulata	Alfarroba Canella
Glucose existente naturalmente.....	15.220	10.415
Glucose produzida pela saccharificação	<u>24.992</u>	<u>24.966</u>
	40.212	35.381

Calculando, pelo processo anterior, o volume de alcool correspondente a esta glucose total, acha-se, por cada arroba (15<sup>k</sup>) de alfarroba.

	Alcool absoluto a 0°
Alfarroba Mulata .....	3 <sup>l</sup> ,6
Alfarroba Canella.....	3 <sup>l</sup> ,18

Torno ainda a repetir que estes valores devem ser acrescentados com o alcool prestado pelas sementes. Mas não deve esquecer que este é o *rendimento theorico*; na pratica deve elle soffrer deducções, porque ha sempre muitas causas de perda de alcool, já na fermentação, já depois na distillação, por maiores que sejam os cuidados e por mais perfectos os methodos e os apparatus em uso. O processo industrial não pode competir, no rendimento, é claro, com a determinação rigorosa do laboratorio.

Em conclusão — a alfarroba tem um grande valor nutritivo e um bom valor como substancia alcoolisavel. N'estes meus ensaios a alfarroba *Mulata* levou vantagem á alfarroba *Canella*, tanto considerada como alimento, como considerada productora de alcool.

Já depois de prompto este pequeno escripto deparei n'um livro estrangeiro com uma analyse de alfarroba; eu tinha procurado bastante essa analyse nos livros especiaes, para comparação com a minha, mas sem a ter podido encontrar. Passo a transcrevel-a conforme a encontrei no *Traité d'agriculture pratique* de J. H. Magne et C. Baillet, referindo-se ás tabellas de Kühn:

Agua, .....	13.50
Materias azotadas.....	6.80
Materias gordas.....	1.00
Extractivo ternario.....	70.90
Lenhoso.....	5.50
Substancias mineraes.....	2.30
	<hr/>
	100.00

As differenças entre as duas analyses são, como se vê, considerabilissimas; só a quantidade do lenhoso persiste a mesma; os azotados tem um valor duplo na minha analyse, as materias gordas soffrem um augmento ainda maior, e as cinzas diminuem, bem como o extractivo ternario.

Ignoro a procedencia da alfarroba a cuja analyse se refe-



rem as tabellas de Kühn; mas decididamente, seja isso questão de clima, da *variação* da planta, do grau de maturação do fructo, ou de outra qualquer causa, aquella analyse não se pode applicar aos productos portuguezes.

Para o affirmar com segurança não é preciso ser chimico; sabem-o bem todos os praticos no Algarve. Segundo a analyse estrangeira a alfarroba tem um valor nutritivo inferior ao do feno: faltam-lhe azotados e gordura; ninguem entre nós acreditará em tal; bastará ver os bons resultados que tiram todos os animaes sujeitos a este penso, e bastará ver o valor da exportação, sabido, como é, qual o seu emprego no estrangeiro — entrar em diversas misturas a constituir farinhas nutritivas, roburantes.

O mesmo livro que citei acima tanto sente a extraordinaria desharmonia entre o valor theorico, determinado pela analyse e o valor pratico, que acrescenta: «dans les pays où croit le caroubier on en utilise le fruit à l'alimentation des animaux. Les mulets, les ânes et même les chevaux s'en montrent assez friands, et l'on dit qu'en Espagne et en Italie on le leur donne en place de grain et qu'ils paraissent s'entretenir convenablement avec cette alimentation. Cependant le caroube manque de matière azotée, et devrait rationnellement être associé à des substances riches en azote.»

Lisboa, 4 de abril de 1885.

ANTÓNIO X. PEREIRA COUTINHO

### Determinação quantitativa da resina nos sabões

PELO DR. G. HEINER

Tendo este chimico obtido resultados discordantes com o methodo de Hager e Jungot, para dosar a resina contida nos sabões negros; e notando por outro lado que os sabões estearicos, isolados pela precipitação com o sal marinho, jámais têm resina; quiz ver se a razão d'este facto estava na propriedade que a agua salgada tem de separar o sabão, propriamente dito, da resina. Depois de varias ex-

periencias, chegou a esse convencimento, e sobre elle habeo o seguinte methodo de analyse:

Um sabão preparado com 20 % de resina foi decomposto pelo acido sulfurico, e os acidos gordos resiniferos postos em liberdade foram pesados. Uma segunda amostra do mesmo sabão foi dissolvida em agua, e o liquido precipitado pelo sal. O sabão separado reuniu-se em cima, enquanto a resina ficou emulsionada na agua mãe com a glicerina e as impuresas.

Feita a separação das duas camadas por meio de um funil de torneira, lavou-se o sabão com agua salgada, depois operou-se a sua decomposição por meio do acido sulfurico, como acima, tendo-o previamente redissolvido em agua distillada,

Os acidos gordos foram pesados, e a differença por 100 de sabão, do seu peso com o peso dos acidos directamente isolados e contendo a resina, deu o peso d'esta.

No caso sujeito encontrou-se:

resina % 18,49 — 18,54 — 18,51

isto é, em media,  $1\frac{1}{2}$  % menos de resina, do que aquella que o sabão realmente tinha.

Os resultados concordantes de muitas analyses mostram a excellencia d'este methodo.

(*Journ. de pharm. et de chim.*)

D.

### Purificação das aguas destinadas á alimentação pelo perchloreto de ferro e pela cal

O professor Almén, de Upsal, opéra a purificação das aguas por um processo que o professor Th. Huseman recommenda, e se reduz ao seguinte: a um litro d'agua junta-se 3<sup>cc</sup> de um soluto de perchloreto de ferro a 5 por cento e uma quantidade de agua de cal proporcional á duresa da agua, 50<sup>cc</sup> pouco mais ou menos. Ha a formação de um precipitado de sal de ferro basico e de oxido de ferro hy-

dratado, que a filtração atravez de um tecido proprio ou da areia elimina depois.

Além das materias organicas em suspensão na agua, este processo elimina ainda 40 a 80 por cento de materias organicas em solução.

### Sobre a densidade do leite de cal

PELO SR. G. LUNGE

Os algarismos seguintes foram determinados á temperatura de 15°:

Graus de Baumé	Densidade	Cal por litro	Cal por 100 gr de leite
4.....	1,007	7,5 <sup>gr</sup>	0,745 <sup>gr</sup>
5.....	1,037	46	4,43
10.....	1,075	94	8,74
15.....	1,116	148	13,26
20.....	1,162	206	17,72
25.....	1,210	268	22,15
30.....	1,263	339	26,84

D.

### TOXICOLOGIA

#### A cohehcina cristallisada

PELOS SRS. LABORDE E HOUDÉ

O *Jornal de Pharmacia e chimica*, de Paris, extracta da *Tribuna medica* o estudo physiologico e toxicologico d'esta substancia, feito pelos srs. Laborde e Houdé, o qual estudo, pelo interesse que nos inspira, reproduzimos textualmente.

*Processo de pesquisa do veneno.*—Os órgãos meudamente cortados com a maior attenção por meio de um instrumento bem lavado, são postos em maceração durante vinte e quatro horas em alcool de 96, tendo o cuidado de agitar a mistura muitas vezes, e juntando-lhe algumas grammas de acido tartrico em pó.

Filtra-se e expreme-se fortemente, toma se o magma e

malaxa-se de novo com alcohol, que é filtrado e reunido ao primeiro liquido.

Separa-se o alcohol por distillação, obtendo-se um residuo aquoso, levemente corado, e tendo em suspensão um grande numero de globulos de materia gorda, que se separam por meio da filtração.

O liquido obtido é limpido. Agita-se muitas vezes com chloroformio quimicamente puro, que dissolve a totalidade da colchicina e que, por evaporação espontanea, abandona o alcaloide no estado amorpho.

### Caracteres differenciaes da veratrina e da colchicina

	VERATRINA	COLCHICINA
Caracteres organolepticos.	Produz effeitos esternuctatorios repetidos.	Não produz effeitos esternuctatorios.
Cheiro.....	Abrasador, que produz sobre os labios, a lingua e toda a bocca, uma sensação picante, que dura meia hora aproximadamente.	Adocicado. Passados cinco minutos um grande amargor se manifesta na garganta, com secura.
Sabor.....	Na garganta sente-se, ao mesmo tempo que uma sensação de calor, um certo sentimento de strangulação.	Nenhuma acção irritante local. Nenhuma comichão nem urencia sobre a membrana pituitaria.
Reacção.....	Muito alcalina.	Alcalinidade muito pouco sensivel.
Caracteres quimicos.	Côr de verde maçã, depois amarello, e depois vermelho de sangue.	Verde apenas sensivel.
Acido chlorhydrico	Se se aquece, esta cor persiste por muitos mezes sem mudar de aspecto.	
	Amarello-limão fraco, que muda para cor de rosa e depois para cor de sangue.	
Acido sulfurico	O liquido torna-se florescente e apresenta uma cor verde pouco persistente. Esta dichroscidade mantém-se até que o soluto toma a cor de sangue.	Verde maçã apenas sensivel.
Acido azotico	Côr de rosa desmaiada. Com adicção de amonia, forma-se um precipitado, coagulo de sangue, solavel em acido azotico, e o liquido torna-se quasi incolor.	Côr verde, depois carmezim, que passa a púrpura muito fugaz: Cinco minutos depois, desaparece: o liquido fica amarello-limão.
Reagente de Fröhle.	Côr amarella, que passa immediatamente ao rubro.	Amarello limão.

Portanto não ha confusão possível com a veratrina.

Finalmente, a cafeina, a choleina, a morfina, a papaverina, a brucina, tratadas pelo acido nitrico a quente, fornecem côres de rosa, mas nenhuma d'ellas tem a menor analogia com a côr commum, depois violeta, que a colchicina toma debaixo da influencia d'este reagente.

#### VARIEDADES

**Necrologia.** — Falleceu na cidade de S. Thomé, na Africa portugueza, o sr. Antonio Dias Pereira da Graça, pharmaceutico do quadro d'aquella provincia ultramarina, e que procerou manter a dignidade do seu diploma, oppondo-se a que André Pinto, antes do celebre exame porque passou, exercesse publicamente a profissão pharmaceutica, protegido pelo governador da provincia. Este seu proceder lhe proporcionou bastantes desgostos n'aquellas paragens longinhas. Era nosso membro correspondente.

— Ainda moço, succumbiu a uma doença perlipaz, o socio effectivo, o sr. Francisco Freire de Andrade, que de sociedade com seu irmão Albino de Andrade tinha tomado de arrendamento a antiga *pharmacia ultramarina*, e ultimamente tinham adquirido o estabelecimento do nosso acreditado e estimavel collega Assis.

Os nossos sentidos pesames ás familias dos fallecidos.

**Reforma** — Obteve-a com o respectivo soldo o sr. Salvador Alves Dias, primeiro pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Mocambique.

**Oxigenio liquido.** — O sr. Cailletet annunciou á academia das sciencias de Paris, em sessão de 20 do mez de abril, que tinha obtido a liquefacção do oxigenio por uma experiencia tão commoda, que será facil repetil-a nos cursos.

Convidou os seus collegas a assistir á repetição de uma experiencia no laboratorio de physica da Sorbonna.

O novo methodo consiste no emprego da ethylena.

**Dentistas japonezes.**—A ferramenta d'estes ha-beis operadores reduz-se ao index e pollegar. Só exercem a arte sobre o seu semelhante depois de uma aprendizagem senão muito engenhosa, pelo menos bastantemente longa.

Principiam exercitando-se a arrancar pregos de madeira, cravados em pranchas da mesma substancia, as primeiras mais macias do que as que se lhes vão seguindo, até chegarem a madeiras rijas, como o carvalho.

As ultimas provas fazem-nas arrancando pregos que a mão do mestre cravou a golpes de martello sobre taboas de carvalho consistentes.

Quando a operação é executada *cito et tuto*, é o imperio dotado com mais um professor.

O bom dentista japonês tira em trinta segundos a sua meia duzia de dentes, sem levantar os dedos de dentro da boca da victima, e sem mais aparato de instrumento.

D.

**Estatistica dos medicamentos fornecidos pela botica do hospital de S. José ás enfermarias do mesmo hospital e annexos, no anno economico de 1878 a 1879.**

OFFERECIDO Á SOCIEDADE PELO SR. CARLOS AUGUSTO LOPES

(Continuado do n.º 4)

Medicamentos	Quantidades
<b>Anesthetics</b>	
Chloroformio .....	10,579
Ether sulphurico .....	2,0509
<b>Banhos</b>	
Banho alcalino .....	kilog. 315,792
» aromático, do Codex .....	196,108
» emolliente .....	260,808
» iodurado .....	—
» mercurial .....	414,208
» sulphureo .....	263,046

Medicamentos	Quantidades
<b>Capsulas</b>	
Capsulas gelatinosas de copabiba.....	N.º 37:073
<b>Cataplasmas</b>	
Cataplasma americana.....	kilog. 398,800
» anti-carbunculosa.....	» 24,356
» de cicuta.....	» 1,000
» de linhaça.....	» 4:694,043
» de linhaça com belladona..	» 21,432
» de linhaça com galbano....	» 8,600
» de linhaça, feita em decocto de folhas de meimendro e dormideiras.....	» 1:523,292
» de linhaça com opio.....	» 289,480
» de miolo de pão, feita em decocto de malvas.....	» 1,720
» de miolo de pão, feira em agua do mar.....	» 4,000
» de miolo de pão, feita em agua vegeto-mineral....	» 611,126
» de mostarda.....	» 445,082
» de polpa de batata.....	» 24,300
» de polpa de peros.....	» 13,388
» de quina camphorada.....	» 15,720
» de arroz (*).....	» 6,300
<b>Ceratos. — Linimentos. — Pomadas. — Unguentos</b>	
Cerato calaminar da Ph. G.....	» —
» de chumbo.....	» 3,710
» de chumbo, camphorado.....	» 1,500
» de spermacete.....	» 61,471
Cerato opiado.....	kilogr. 3,680
» de iodoformio (*).....	» 0,700
» simples (*).....	» 0,015
Linimento camphorado.....	» 0,060
» de cerato de spermacete..	» 285,121
» magistral.....	» —
» oleo-calcareo.....	» 13,164
» volatil.....	» 1,630
» volatil camphorado.....	» 3,910

Medicamentos	Quantidades
Pomada alcalina, n.º 1.....	0,320
» alcalina, n.º 2.....	0,356
» de alcatrão.....	5,231
» de alcatrão camphorada.....	0,190
» de belladona.....	65,083
» camphorada.....	208,805
» de carvão e enxofre.....	2,120
» de dedaleira.....	0,200
» de enxofre, do Codex.....	16,870
» de Helmerich.....	8,210
» de iodureto de chumbo.....	0,965
» de iodureto de enxofre, de Biett.....	1,644
» de iodureto de mercurio, de Biett.....	—
» de iodureto de potassio.....	15,715
» de iodureto de potassio com iodo.....	0,550
» mercurial.....	6,918
» mercurial composta.....	1,860
» de oleo de croton-tiglium.....	0,310
» oxigenada.....	11,500
» rosada composta.....	16,500
» estibiada.....	0,210
» de sulphato de ferro.....	4,780
» de trovisco.....	0,030
» de veratrina.....	3,230
» alvissima (*).....	1,380
» de belladona dupla (*).....	1,117
» de cicuta (*).....	0,060
» de extracto de folhas de no-gueira (*).....	0,100
» de iodoformio (*).....	0,950
» de Janin (*).....	0,032
» de ratanhia (*).....	0,290
» de tannino (*).....	0,340
Unguento d'Arceu.....	16,230
» basilicão.....	70,650
» populeão.....	3,965
» santo.....	7,320

(Continua)



## PEÇAS OFFICIAES

—  
Extracto das actas

SESSÃO DE 14 DE ABRIL—Presidencia do sr. SILVA MACHADO,  
primeiro secretario

Às oito horas da noite abriu-se a sessão.

Approvou-se a acta da sessão antecedente.

Approvou-se a acta da sessão de 14 de março.

O sr. *Fragoso* agradeceu a deliberação tomada pela sociedade em que se lhe pedia que continuasse a desempenhar o cargo de segundo secretario. Sobre os motivos que o obrigaram a pedir a exoneração, fallou largamente terminando por não acceder ao convite.

Declinou tambem o encargo, que tinha, de fazer o elogio historico do fallecido presidente honorario.

O sr. *Rosa*, referindo-se a um artigo publicado na *Gazeta de Pharmacia*, onde era aggreddido violentamente um socio, que costumava assistir regularmente ás sessões da sociedade, mandou para a mesa um requerimento, que justificou, em que exigia do director d'aquelle jornal mais amplas explicações.

Os srs. *Fragoso*, José Mendes d'Assumpção e *Silva Machado* fallaram sobre a questão levantada pelo sr. *Rosa*, sendo opinião de todos que não era da competencia da sociedade fazer exigencias aos membros da imprensa que era livre nas suas apreciações.

O sr. *Coelho de Jesus* mostrou desejos de que, o sr. director da *Gazeta*, dêsse explicações no proprio jornal.

Prolongou-se bastante este incidente, não sendo possivel entrar-se na *ordem da noite*. O requerimento do sr. *Rosa* ficou para ser votado na sessão immediata.—O socio, servindo de segundo secretario, *Fernandes da Cunha*.

SESSÃO DE 23 DE ABRIL—Presidencia do sr. GUMARAES DRACK,  
1.º vice-presidente

O sr. presidente abriu a sessão pelas 8 horas da noite, achando-se na sala 35 socios.

Foi convidado a occupar o lugar de segundo secretario o socio Fernandes da Cunha.

Approvou-se a acta da sessão antecedente.

Procedendo-se á eleição de segundo secretario, cargo se achava vago pela exoneração pedida pelo sr. Fragoso, foi novamente eleito este socio por 34 votos.

Passou-se á discussão do requerimento apresentado na sessão anterior pelo sr. Rosa, em que se exigia, que o director da *Gazeta de Pharmacia* declarasse a quem se referia no seu artigo, quando aggreuiu violentamente um socio.

O sr. *Silva Machado* apresentou uma moção d'ordem sustentando que no artigo incriminado pelo sr. Rosa não se encontrava materia injuriosa para a *sociedade*; e depois de muitas outras considerações, terminava, ponderando:

Que a sociedade, fazendo inteira justiça ao caracter digno e sentimentos nobres do sr. Fragoso, não admittia á discussão a proposta ou requerimento do sr. Rosa.»

Generalisando-se a discussão, fallou o sr. Antonio Manoel Augusto Mendes, propondo que se procedesse á votação do requerimento do sr. Rosa, por isso que, requerimentos, não tinham discussão, votavam-se e mais nada.

O sr. *Coelho de Jesus* pediu a discussão e sustentou que se tratava de uma proposta e não de um requerimento, apesar do sr. Rosa lhe ter dado este nome.

Fallaram ainda os srs. Cunha, Jára, Silva Machado e o auctor do requerimento, o sr. Rosa.

Consultada a assembléa sobre se devia considerar-se *requerimento* ou *proposta*, approvou-se por grande maioria, que se considerasse requerimento, sendo este regeitado, em votação nominal, pelos srs. Alfredo Machado, José Gabriel de Sousa e Silva, José Antonio d'Oliveira, Antonio Alves Sabino, Joaquim Antonio Vaz Leirinha, João Thomaz da Silva Pinto, Luiz Francisco Mendes, André Joaquim Monteiro, Bento Pereira Pedroso, Domingos Francisco da Silva Nogueira, Francisco José Malato, Antonio Pereira da Silva,

José Gomes de Mattos, Silverio Mendes Marques Couceiro, Pedro Fernandes da Cunha, Joaquim Antonio Cardoso, Antonio Simões Terceiro, José Augusto Pancada, Ricardo Xavier da Silva, José Baptista da Fonseca Queiroz, Antonio Augusto d'Ascensão, José Mendes Jára, Manuel Fernandes Pessoa, Machado Figueiras, Antonio Manuel Augusto Mendes, Augusto Simões d'Abreu, Manuel Vicente de Jesus Abrantes, José Mendes d'Assumpção, Augusto d'Oliveira Abreu e dr. Joaquim José Alves.

Foi approvedo unicamente pelo seu auctor o sr. Francisco João Rosa.

A moção do sr. Silva Machado ficou prejudicada por ter sido regeitado o requerimento.

O sr. *Silva Machado* leu a seguinte communicação scientifica:

#### Residuos dos infusos e dos cosimentos de quina

Um jornal professional allemão o (*Pharmaceutisch Post*) noticiou, ha pouco tempo, que, depois d'um grande numero de analyses feitas pelo sr. H. Paul, foi novamente demonstrado que a maior parte dos alcaloides das quinas permanecem n'estas depois de terem sido submettidos á infusão ou mesmo a decocção.

Parece-me esta noticia merecedora de attenção, porque as quinas, pertencendo ao numero das substancias vegetaes de preço mais elevado que tem uso em pharmacia, e sendo isso devido aos alcaloides que possuem, representam, os residuos dos respectivos infusos e cosimentos, um certo valor venal que é pena desperar-se.

Obedecendo a esta ordem de idéas, resolvi fazer alguns ensaios, apesar de ser de sua natureza intuitiva a verdade demonstrada pelas analyses a que se reporta o citado jornal. Effectivamente, todos nós sabemos, que a acção da agua ebulliente não pôde julgar-se sufficiente para produzir a extracção completa dos alcaloides das preciosas cascas, nas quaes se encontram no estado de saes (quinotannato, quinato, quinovato) pouco soluveis em tal vehiculo. Com os

meus ensaios tenho tido, pois, tão sómente em vista verificar em que proporção se encontram os alcaloides nas quinás, depois d'estas terem sido submettidas as supra-indicadas operações pharmaceuticas.

Não conclui ainda o estudo que emprehendi; por isso que é preciso fazer, pelo menos, quatro ensaios em cada uma das classes em que estão agrupadas as diferentes especies de quinás—amarella, cinzenta e vermelha—, e por ora tenho feito sómente quatro ensaios, sendo: um, em residuo de cosimento de quina vermelha, outro, em residuo de infusão de quina amarella; e os dois restantes em quinás virgens das mesmas qualidades. Apresso-me, porém, em dar conta do resultado já colhido a esta douta sociedade, porque talvez algum dos meus illustrados consocios, julgando o assumpto digno de importancia, lhe queira consagrar algumas horas de ocio.

Para os ensaios que fiz adoptei um processo antigo, o de Guilhiermond, que, além de ser muito pratico, offerece confiança em seus resultados.

O residuo de cosimento de quina vermelha mostrou conter ainda 27 por cento do peso primitivo dos alcaloides; o residuo de infuso de quina amarella mostrou conter uma proporção um pouco mais elevada: 34 por cento de peso primitivo de alcaloides.

É minha opinião, que os residuos dos infusos e dos cosimentos de quina são, n'estas condições, muito aproveitaveis para alguns preparados pharmaceuticos, tendo, como é rasoavel, a sua menor proporção de principios activos.

Tenciono proseguir nos meus ensaios, e aproveitar o ensejo para experimentar alguns processos de doseamento das quinás modernamente aconselhados, como são o de Arthur Petit, que teve por base o tratamento do pó de quina por uma mistura de alcool, ether sulfurico e ammonia (*Journ. de ph. et de ch.*, 5.º ser., t. VIII, pag. 481), e o de L. Masse, em que a deslocação dos alcaloides é bem produzida pelo ammoniaco, mas a lexiviação é depois rea-

lisada pelo chloroformio. (*Journ. de ph. et de ch.*, 5.<sup>a</sup> ser., t. xi, pag. 260.)

Toquei insensivelmente n'um ponto que se me afigura importante e muito digno de ser tratado pela sociedade pharmaceutica: a determinação do melhor processo para o doseamento das quinas. O processo aconselhado na Pharmacopêa portugueza deixa, parece-me, muito a desejar.

Como não se disse ainda a ultima palavra sobre tal assumpto, pôde ser uma das questões para premio no próximo anno — a *indicação d'um processo novo para doseamento das quinas, acompanhada da critica dos processos actuaes.*—*Alfredo da Silva Machado.*

O sr. dr. *Alves* fez varias considerações sobre a riqueza das quinas em alcaloides, terminando por observar que era obvio que nem a maceração, nem a infusão ou decocção, eram sufficientes para excipiar as quinas.

O sr. *Drack* fallou no mesmo sentido, declarando que já ha annos fizera observações com referencia ás citadas na communicação do sr. Machado e empregára o acido chlorhydrico para decompor os saes dos alcaloides, que as quinas naturalmente encerram, terminando por lembrar os trabalhos do sr. Blondeau e do sr. Mouchon.

Ambos os oradores felicitaram o sr. Machado, pedindo-lhe e encorajando-o para proseguir nos seus trabalhos.

Discutiu-se tambem uma outra proposta do sr. Rosa apresentada na sessão antecedente.

Transcrevemol-a:

A *sociedade pharmaceutica lusitana* reconhece a *homeopathia*;

Primo—como methodo therapeutico?

Secundo—como accitavel na pratica de curar?

Posta á discussão foi vivamente combatida pelos srs. Machado, Cunha, dr. Alves e Jára, sendo todos d'opinião que a sociedade não devia occupar-se de semelhante assumpto. O sr. Rosa retirou-a a pedido do sr. dr. Alves.

O segundo secretario, *Emilio Fragoso*,

SESSÃO DE 26 DE MAIO—Presidencia do sr. DRACK, 1.º vice-presidente

Approvou-se a acta da sessão antecedente.

Elegeu-se socio correspondente estrangeiro o sr. dr. Manuel S. Soriano, residente no Mexico.

Elegeu-se socio effectivo o sr. Manuel Maria Vieira.

O sr. *Alberto da Costa Veiga*, socio correspondente, dissertou largamente sobre o modo de se obter o *salicylato de chumbo crystallizado* que apresentou á sociedade para ser enviado á commissão de chimica a fim de o analysar.

Que, desde 1878, preparava este sal, obtendo-o no estado amorpho, e só agora o podera obter crystallizado, apresentando-se em agulhas sedosas, fundindo-se á temperatura de 150 á 200º, com desenvolvimento de cheiro muito pronunciado a *phenol*, o que não era para admirar se se attendesse ao modo como se obtem o acido salicylico.

Que as propriedades seccativas do chumbo e as anti-septicas do acido salicylico lhe sugeriram a idéa de combinar estes dois corpos a fim de obter aquelle sal com o qual preparava, desde 1878, uma pommada que dava magnificos resultados na cura de feridas, etc.

Que tal idéa lhe brotara espontanea, não a devia á leitura de qualquer livro ou jornal scientifico.

Que, só hoje, lhe dissera um nosso consocio, que no dictionario de Wurtz vinha o modo de obter o sal em questão debaixo da fórma crystallina, mas os processos ali descritos eram diferentes d'aquelle que elle seguia.

Fez ainda outras considerações que foram muito apreciadas pela assemblea, significando-lh'o esta pela palavra do sr. presidente, do sr. Machado, Cunha, e outros oradores.

Foi approvada a seguinte proposta do sr. Silva Machado:

*Senhores*:—Tenho a honra de chamar a vossa attenção para um assumpto que se me affigura de transcendente importancia.

Como todos sabeis, a classe pharmaceutica, está sendo injustamente esquecida, ou mesmo despresada, pelos poderes publicos, e esse esquecimento ou desprezo, que data

principalmente da época em que o bispo de Vizeu extinguiu o conselho de saúde publica e creou a respectiva junta consultiva, vedando a entrada ao elemento pharmaceutico, tem tomado ultimamente taes proporções, que se torna indispensavel e urgente que todos envidemos nossos esforços e não desprezemos qualquer ensejo favoravel para oppôr um dique a tamanho mal, a fim de evitarmos a completa aniquilação moral da nossa classe.

Estão agora em via de criação conselhos de hygiene nos differentes bairros da capital, nos quaes não entra nenhum pharmaceutico, não obstante dever ser de grande utilidade ali os conhecimentos especiaes dos membros da nossa classe, o que aliás é reconhecido nos paizes onde existem taes commissões. É, pois, occasião de sairmos da nossa habitual indifferença, procurando fazer vingar os nossos direitos e reagindo contra mais essa flagrante injustiça que nos querem fazer excluindo dos projectados conselhos de hygiene da capital o elemento pharmaceutico.

Dispensando-me de apresentar outras muitas considerações, que poderia adduzir, proponho:

Que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana procure pela forma que julgar efficaz, collectiva ou individualmente, que o elemento pharmaceutico entre, a exemplo do que se pratica em França e outros paizes, na composição dos conselhos de saúde e hygiene da capital.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 12 de maio de 1885.—O socio honorario, *Alfredo da Silva Machado*.

O sr. *Silverio Couceiro* propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento pelo morte do sr. Antonio Dias Pereira da Graça, nosso consocio, sendo approvado unanimemente; e, em seguida, fez varias considerações sobre o exercicio de pharmaceutico no ultramar, mostrando os varios inconvenientes que apresentava.

Sobre o mesmo assumpto fallaram os srs. *Cunha, Machado, Fragoso* e outros socios.

Deu-se um voto de confiança á mesa para emprehender

os melhoramentos que entendesse ser conveniente a fim de se festejar pomposamente o quinquagesimo anniversario da sociedade.—O segundo secretario, *Emilio Frago*.

Officio da Sociedade dirigido ao ex.<sup>mo</sup> sr. governador civil, de Lisboa, pedindo-lhe que faça cumprir o art. 78.<sup>o</sup> da lei de saude de 3 de dezembro de 1868.

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia dos deveres que lhe são impostos pelos estatutos por que se rege, e por bem da saude publica, deliberou em uma das suas ultimas sessões dirigir-se a v. ex.<sup>a</sup>, como dignissimo magistrado superior do districto, a pedir-lhe que haja por bem cohibir uma flagrante transgressão de lei que se está praticando em Odivellas, concelho de Belem, transgressão que, além de ferir os justos interesses de pharmaceuticos legalmente estabelecidos, deve prejudicar muito os enfermos d'aquella freguezia e das povoações limitrophes.

Está estabelecida, na referida freguezia de Odivellas, uma pharmacia que é administrada por um individuo sem competencia legal para isso, e, para disfarce, coberta com o nome d'um outro individuo, que possui carta de pharmaceutico, mas que não exerce pessoalmente a profissão, como a lei determina, nem sequer ali reside, pois que reside na rua de S. João da Praça, em Lisboa, segundo consta.

A existencia de uma pharmacia em taes condições é, além de prejudicial, contraria ao que se acha preceituado no artigo 78.<sup>o</sup> da lei de saude de 3 de dezembro de 1868, e no artigo 1.<sup>o</sup> da lei de 13 de julho de 1882, relativa ao exercicio da profissão pharmaceutica; por isso que não lhe pôde aproveitar a doutrina do § unico do citado art. 1.<sup>o</sup> d'esta ultima lei.

Em vista do exposto, a Sociedade Pharmaceutica Lusitana pede a v. ex.<sup>a</sup>, que se digne mandar proceder, na forma indicada nas referidas leis, contra os transgressores, e espera da reconhecida intelligencia e do muito zelo pelo



bem publico, de que v. ex.<sup>a</sup> tem dado exuberantes provas, que será attendida.

Lisboa e sala de sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 6 de março de 1885. — O presidente, *José Tedeschi*. — O primeiro secretario, *Alfredo da Silva Machado*. — O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

## PHARMACIA

### Sobre a belladonina

PELO SR. M. J. MERLING

Este alcaloide, descoberto por Lübeckind na belladona, e cuja existencia, em 1874, era dada por duvidosa pelo professor Wurtz no seu excellente dictionario, fez objecto de uma memoria do sr. Merling, cujos pontos capitaes se resumem no seguinte:

A belladonina bruta do commercio constitue uma massa trigueira e espessa, que contem uma mistura de atropina e belladonina. Esta pôde obter-se separada, fazendo ferver a mistura em agua de barita: a atropina é decomposta pelo reagente e entra em solução, ao passo que o outro alcaloide fica inalteravel, com a fôrma de uma resina escura e incristallisavel.

A belladonina, quando se séca a 100–110°, depois de convenientemente purificada, apresenta o aspecto de uma massa viscosa, de côr amarellada, muito soluvel no alcool, no ether, no chloroformio, quasi insoluvel na agua ebulliente.

Composição:  $C^{47}H^{24}AzO^2$ , isto é, uma moleculá d'agua menos que a atropina.

Resiste á acção da agua de barita mesmo em tubos fechados, e n'isso se distingue da atropina; <sup>1</sup> porém, se a uma mistura d'aquelle alcaloide com agua de barita jun-

<sup>1</sup> M. Kraut fez conhecer a acção que exerce o hydrato de barita sobre a atropina: quando se aquece a 100 a mistura em tubos fechados, a atropina se desdobra, forma-se um acido novo, o acido *atropico*, e uma base nova, a *tropina*.

tarmos o alcohol, e aquecermos por espaço de cincoenta horas em refrigerante ascendente, a decomposição é completa: o producto basico do desdobramento é formado quasi exclusivamente por *tropina* e productos acidos que o sr. Merling não poude levar ao estado de crystallinos, mas lhe pareceram ser uma mistura de acidos *tropico*, *atropico* e *isotropico*.

Finalmente o auctor dá ainda alguma relação por menor da oxitropina de Ladenburg. Segundo elle, esta base é uma impureza, que acompanha constantemente a belladonina bruta da fabrica Gehe e C.<sup>a</sup>, em Dresde. Pode-se obtel-a por separação, fazendo ferver por algumas horas a dita belladonina bruta com agua de barita. O soluto, privado do excesso de barita pelo acido carbonico, é excipiado pelo ether; este abandona pela evaporação cristaes na razão de 15 por cento da belladonina empregada, os quaes constituem uma mistura de muitas bases.

Basta apenas submeter essa mistura a precipitações fraccionadas por meio do chloreto de platina, para obter a oxitropina de Ladenburg nas primeiras fracções.

GUIMARÃES DRACK.

### Borobenzoato de sodium

Nos Estados Unidos da America empregam-se, debaixo d'este nome, misturas preparadas de diversos modos. O *Johnson medical Formulary* aconselha tomar de

Borato de sodium . . . . . 3 onças

Benzoato de sodium . . . . . 4 »

Agua para dissolver . . . . . q. s.

Evapora-se á seccura, agitando sem cessar.

Obtem-se tambem saturando uma solução quente de borax com acido benzoico.

Prescreve-se como tonico na dóse de 0,<sup>gr</sup>78 a 0,<sup>gr</sup>975.

## Linimento ammoniacal com o oleo de gergelim

M. Alcock conseguiu descobrir um oleo, a que se pôde adicionar a ammonia sem originar uma separação consecutiva, nem espessura consideravel.

Depois de muitas experiencias, verificou a separação com todos os oleos, dos dois corpos constituintes exceptuando porém o de gergelim, empregando as proporções indicadas na pharmacopêa britannica. Decorridos tres mezes, a união do oleo de gergelim e da ammonia era completa, tinha uma boa consistencia de creme, e a sua coloração apenas havia soffrido no fim de muito tempo.

### CHIMICA

#### Pesquisa qualitativa do estanho

PELO SR. M. C. DRYER

Para se reconhecer o estanho no soluto de brucina, o auctor serve-se de um preparado resultante de 1 decigramma do alcaloide crystallizado em 1 centimetro cubico de acido azotico puro, 50 centimetros cubicos de agua distillada; quando o soluto está completo leva-o até á ebullição e deixa esfriar.

Os sulfuretos de antimonio e de estanho são dissolvidos no acido chlorhydrico concentrado; este soluto é depois evaporado e tratado pela agua distillada; introduz-se no liquido uma lamina de platina e de zinco e deixa-se por algumas horas para produzir a acção; depois d'este tempo o antimonio deposita-se sobre a platina, o estanho fica no soluto e passa ao estado de chloreto estanhoso. Ajuntando-se a este soluto algumas gôtas do soluto de brucina, obtem-se coloração purpura.

J. D. CORRÊA.

## O salicylato de chumbo

CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU ESTUDO

Em 13 de maio corrente, apresentei á Sociedade Pharmaceutica um frasco com salicylato de chumbo.

Este sal, que pela primeira vez preparei em junho de 1878, apresenta-se no estado amorpho, — quando é obtido por dupla decomposição entre um salicylato alcalino e um sal de chumbo, soluvel; — ou então em crystaes aciculares, brilhantes e transparentes, — quando é preparado pela acção directa do acido salicylico sobre o proto-oxydo de chumbo.

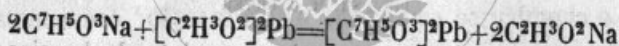
Examinando estes crystaes ao microscopio, vêem-se longos prismas, de base quadrada, perfeitamente regulares.

Tratarei primeiramente do sal amorpho.

A reacção tem logar entre duas moleculas do salicylato alcalino empregado e uma molecula do sal de chumbo.

Sejam, por exemplo, o salicylato de sodio e o acetato de chumbo os dois agentes da reacção.

A seguinte equação, mostra claramente como as coisas se passam:



Por ella vemos que os productos da decomposição vem a ser uma molecula de salicylato de chumbo e duas moleculas de acetato de sodio.

Por julgar inutil, não mencionei a agua que intervem na reacção.

Foi assim que a principio obtive o salicylato de chumbo, empregando justamente os dois saes apontados.

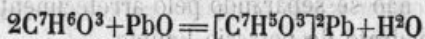
Ora, recordando a formula de constituição do acido salicylico  $C^6H^4 \begin{matrix} CO^2H \\ OH \end{matrix}$  facilmente se conclue que o sal de que trato é o salicylato de chumbo, *normal*.

O motivo que me levou a preparar este sal, que até junho de 1878 se não encontrava ainda no commercio, foi a simples reflexão sobre as conhecidas propriedades anti-septicas e anti-fermentesciveis do acido salicylico e as siccativas dos preparados de chumbo. E, por consequencia, o

intuito natural de offerecer á therapeutica um producto definido, reunindo aquellas propriedades.

Mais tarde, porém, suggeriu-me a idéa de obter o sal crystallizado.

Para tal fim, puz em presença da agua em ebullicão duas moleculas d'acido salicylico e uma de proto-oxydo de chumbo. A reacção tem logar da seguinte maneira:

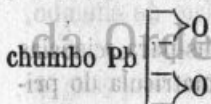


O metal do proto-oxydo, por ser diatomico, vae substituir os 2 H basicos da dupla molecula do acido salicylico, para formar o *salicylato de chumbo normal*, e aquelles, no estado nascente, unem-se ao oxygeneo para constituir a agua.

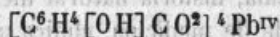
É isto, realmente, o que a theoria indica; mas, na pratica passam-se as coisas d'outra fórma.

As duas moleculas do acido salicylico, são insufficientes para decompor todo o proto-oxydo de chumbo empregado, ficando sensivelmente metade d'este por atacar. Ora, adicionando-lhe mais duas moleculas d'acido, observei que o resto do proto-oxydo desaparecia; o que me leva a crer que o chumbo se comporta, n'esta reacção, como metal tetratomico.

E não estranho isto, lembrando-me que o chumbo, não obstante representar o papel d'um metal diatomico na maior parte das suas combinações, é n'outras inquestionavelmente tetratomico; como, por exemplo, no chloreto plumbico — triethylico  $Pb^{IV} [C^2H^5]^3Cl$ , e no per-oxydo de



E, n'esta hypothese, a formula atomica do producto em questão deverá ser:



O salicylato de chumbo manifesta, em geral, todos os caracteres dos saes soluveis d'este metal.

Aquecido a uma temperatura de 150° a 200° centigra-

dos, funde-se na sua agua de crystallisação, decompondo-se depois em phenol, anhydrido carbonico e oxydo de chumbo. Elevando um pouco mais a temperatura, apparece o chumbo metallico no fundo da capsula.

É solavel em 930 partes d'agua fria e em 25 d'agua fervente; ligeiramente solavel no alcool, no ether e na glycerina a frio. Solavel em 40 partes de glycerina, a 90° centigrados, não se separando pelo arrefecimento. É muito solavel no hydrato de potassio liquido.

N'uma solução diluida de chloreto ferrico, decompõe-se em chloreto de chumbo e salicylato de ferro, — que cõra logo a solução em um bello rôxo violeta caracteristico. O iodeto de potassio egualmente o decompõe, formando salicylato de potassio e iodeto de chumbo, — que se precipita em bellissimas laminas micaceas, amarellas.

O sulphydrico precipita-lhe o chumbo no estado de sulfureto, e regenera o acido salicylico.

Foi o sal crystallisado que tive a honra de offerecer á Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Sobral de Mont'Agraco, 20 de maio de 1885.

O pharmaceutico  
ALBERTO DA COSTA VEIGA.

## VARIEDADES

### A reforma do ensino pharmaceutico 1.

—Eis o projecto e um extracto do relatorio a que nos referimos:

Preparatorios. Curso completo dos lyceus para sciencias naturaes, egual ao que se exige para a matricula do primeiro anno na faculdade de medicina.

Faculdade de pharmacia. Primeiro anno, 1.<sup>a</sup> cadeira da faculdade de medicina, historia natural medica, diaria. 2.<sup>a</sup> cadeira da faculdade de medicina, clinica medica; dois dias por semana. 3.<sup>a</sup> cadeira da faculdade de medicina, physica medica, três dias por semana. Segundo anno, 2.<sup>a</sup> cadeira

<sup>1</sup> Continuado do n.º 5, pag. 59.

da faculdade de medicina, chimica medica, tres dias por semana. 4.<sup>a</sup> cadeira propria, pharmacia, dois dias por semana. Terceiro anno, 4.<sup>a</sup> cadeira propria, pharmacia, diaria. Quarto anno, 11.<sup>a</sup> cadeira da faculdade de medicina, materia medica, diaria.

«Salta aos olhos que este curso fica organizado no sentido especial de uma educação pharmaceutica completa. A historia natural medica, tanto botanica como zoologica, a chimica e a physica medica, formam a substancia do saber que todo o pharmaceutico deve possuir; a pharmacia é a apropriação d'esse saber ao ramo especial a que se destina o pharmaceutico; e finalmente a materia medica e a therapeutica preceituam ácerca das relações entre a pharmacia, por uma parte, e a clinica, por outra. Se a um tal quadro juntarmos a pratica constante dos laboratorios respectivos, durante o dia, teremos assegurado a formação de uma classe de profissionaes, na devida altura das exigencias scientificas e das responsabilidades que naturalmente lhes incumbem. No fim de cada anno, o alumno terá de fazer o seu exame, theorico e pratico, perante o jury dos professores da sua faculdade, que será, para o primeiro anno, constituído pelos professores de historia natural, chimica e pharmacia; para o segundo, de historia natural, chimica e pharmacia; para o terceiro, de historia natural, chimica e pharmacia, e para o quarto, de historia natural, chimica, pharmacia e therapeutica. São obvias as razões, porque assim dispomos este serviço de exames.

Ao cabo do curso, ser-lhes-á conferido, com a solemnidade analoga á que hoje se usa para os outros bachareis, o grão de bacharel em pharmacia, o qual dará direito ao exercicio da profissão de pharmaceutico em todo o reino e possessões.

A organização da faculdade de pharmacia traz consigo um pequeno augmento de despesa, compensado aliás pelos fructos que d'ella se devem colher. Os professores, á excepção do professor da cadeira de pharmacia, serão, é evidente, os da faculdade de medicina. Quanto ao professor

de pharmacia, será recrutado entre os bachareis em pharmacia ou entre os bachareis formados ou doutores em medicina. Não poderíamos excluir d'este concurso os medicos, para quem é facil dedicar-se ao estudo da pharmacia.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

**Necrologia.**—Falleceu e sr. José Maria Alves Branco, um dos redactores e proprietarios do *Correio Medico*, a quem damos os nossos pesames. O illustre clinico gosava a justa reputação de ser um dos nossos primeiros operadores, distinguindo-se tanto pela firmeza dos golpes, como pela delicadesa com que procedia em todos os seus trabalhos operatorios.

**Estatistica dos medicamentos fornecidos pela botica do hospital de S. José ás enfermarias do mesmo hospital e annexos, no anno economico de 1878 a 1879.**

OFFERECIDO Á SOCIEDADE PELO SR. CARLOS AUGUSTO LOPES

(Continuado do n.º 5)

Medicamentos	Quantidades
<b>Cigarros</b>	
Cigarros de estramonio.....	N.º 382
» de nitro .....	» 25
<b>Collutorios e gargarejos</b>	
Collutorio de acido chlorhydrico.....	Kilogr. 0,527
» de alumen, n.º 1.....	» 6,710
» de alumen, n.º 2.....	» 1,807
» de borax .....	» 9,752
» de chlorato de potassa.....	» 5,110
» de tannino.....	» 1,744
Gargarejo de alumen.....	» 267,632
» de borax .....	» 117,992
» de chlorato de potassa.....	» 1:672,740
» de Ricord .....	» 138,140
» de sublimado corrosivo ....	» 56,760
<b>Collyrios</b>	
COLLYRIOS LIQUIDOS	
Collyrio de acetato de chumbo.....	» 0,360
» de borax.....	» 2,001